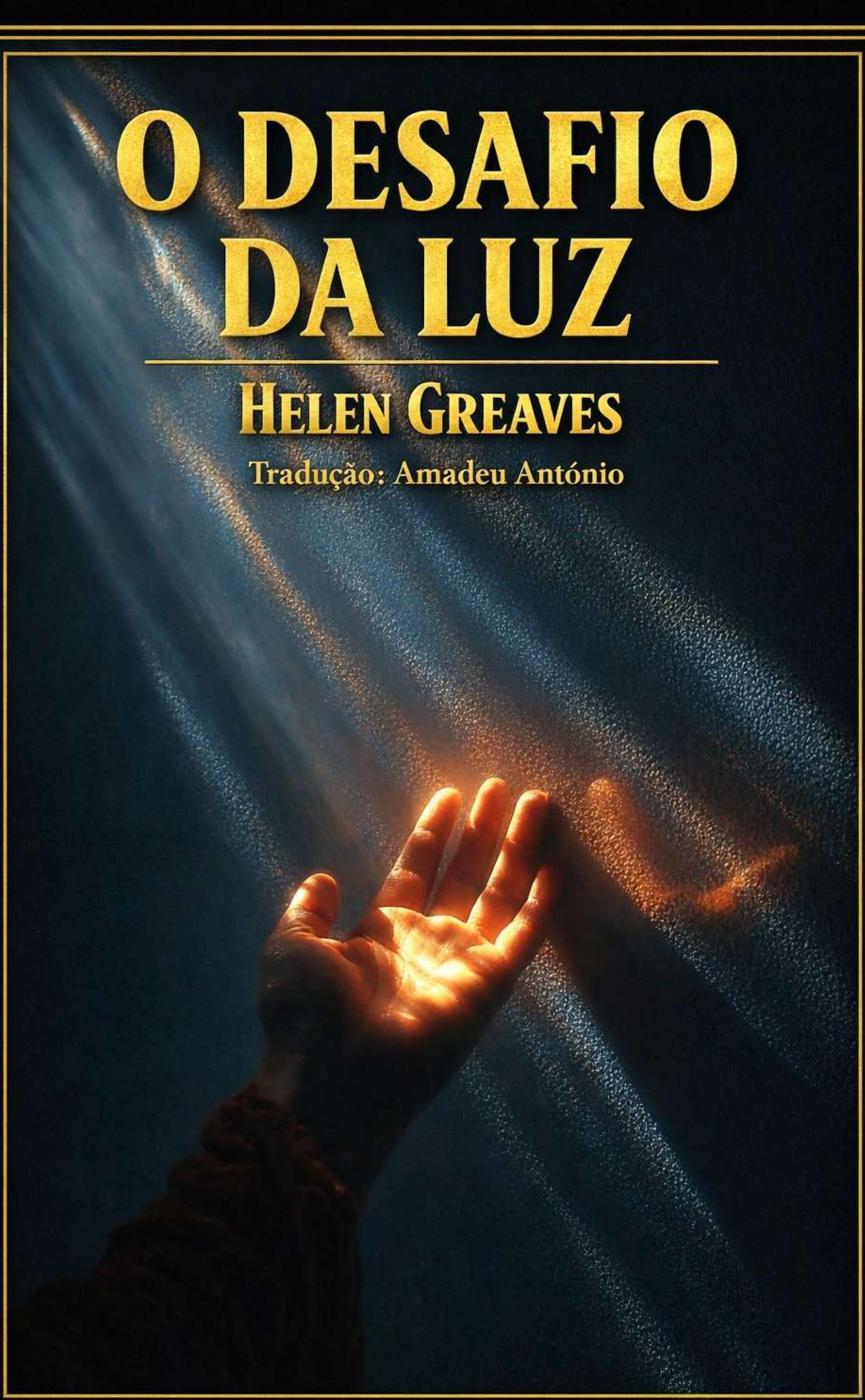
O DESAFIO DA LUZ

HELEN GREAVES

Tradução: Amadeu António



O DESAFIO DA LUZ

HELEN GREAVES

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 1984 por Neville Spearman Limited The Priory Gate, Friars Street, Sudbury, Suffolk © Helen Greaves 1984

ISBN 85435 105 1

Este livro é dedicado às minhas duas amigas aquarianas, M.E.P. e J.M.L., sem cujo auxílio e apoio o mesmo nunca teria sido concluído.

The Challenging Light

A verdade está dentro de nós próprios, não provém de coisas exteriores, seja o que for que possais acreditar. Existe um centro íntimo em todos nós, Onde a verdade reside em plenitude; e em redor Muro sobre muro, a carne grosseira a encarcera, Esta perceção perfeita e clara — que é a verdade; Uma malha carnal desconcertante e perversa Cega-a, e cria todo o erro; e «saber» Consiste antes em abrir um caminho Por onde o esplendor aprisionado possa escapar, Do que em efetuar a entrada para uma luz Que se supõe estar fora.

Robert Browning

Conteúdo:

Prólogo — A Ideia

I. Introdução II. A Mensagem de Frances Banks III. *Crossing the Bar* [Atravessando a Barra] IV. O Mundo do Pensamento V. Ouvir e Aprender VI. Quatro Histórias VII. Serviço e julgamento VIII. O Reino do Céu IX. Reencarnação X. A Morte não é o Fim XI. Perguntas Respondidas

Parte II — *Let go, and let God* [Liberta-te e deixa com Deus]

XII. O Desafio da Luz XIII. Eu Carrego a Luz Dentro de Mim XIV. Mais Perto do que Mãos ou Pés XV. O Espírito está a Agitar-se XVI. Uma Meditação sobre o Espírito

Finale Epílogo

PRÓLOGO

A Ideia

«Nada pode deter uma Ideia quando o seu tempo chegou», possui a marca da verdade. Pois a vida tem uma forma de adiar o significado de uma ideia criativa até ao momento do seu cumprimento.

Assim, quando Frances Banks e eu nos conhecemos e nos tornámos amigas, nenhuma conceção de que trabalharíamos juntas na escrita de livros alguma vez me passou pela mente; e quanto à probabilidade (até mesmo à possibilidade) de uma parceria que abrangesse dois mundos, isso estava além da imaginação.

Contudo, aconteceu!

Frances Banks era uma trabalhadora! Tinha uma mente intelectual e um cérebro astuto. Durante vinte e oito anos foi freira professa numa Ordem Anglicana na África do Sul. Estava sempre ansiosa por aprender cada vez mais, e por transmitir aos outros muito do que tinha experienciado. Quando percebeu que estava na linha de sucessão para o honroso cargo de Madre Superiora do Convento, pediu a dispensa dos seus votos. Frances sentia que tinha muito a aprender com o caminho do mundo, com outros ensinamentos sobre o significado do Cristianismo; e tinha também em mente a forte convicção de que tinha muito para dar das suas próprias experiências da vida religiosa.

Sendo a sua partida da vida conventual aceite, embora com pesar por parte de muitos, ela veio para Inglaterra.

Por esta altura, ela tinha-se interessado pela possibilidade de comunicação com almas libertadas pela morte do corpo para um mundo maior. Juntou-se à recém-formada *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies* [Irmandade das Igrejas para Estudos Psíquicos e Espirituais] e cedo foi eleita para o seu Conselho.

Foi neste período da sua vida que nos conhecemos, numa Conferência religiosa. Fiquei imediatamente impressionada, como a maioria das pessoas, pela sua figura alta e ereta, o seu rosto espiritual forte e os grandes e lustrosos olhos cinzentos que pareciam olhar o íntimo da alma.

Ela começou a visitar-me; e mais tarde veio morar para o apartamento acima do meu em Addington Park.

Olhando agora para trás, para os meus primeiros dias com a Frances em Addington, consigo traçar o momento exato em que «a ideia» criou raízes pela primeira vez na mente da minha amiga. Tínhamos iniciado um Grupo de sete amigos para meditação, discussão e ensino. Havia dois homens e cinco mulheres, incluindo eu própria. O Grupo reunia-se na minha sala de estar, deslocando-se os outros das suas casas em Londres.

Dou graças pela ajuda, pela felicidade e pelo ensino desse Grupo. Continuou de vento em popa durante dezoito anos, nunca falhando uma reunião, e crescendo para um número muito maior de membros.

A Frances e eu éramos as líderes, e ela ficava entusiasmada e excitada à medida que este progredia.

Um dia, depois de nos reunirmos há alguns meses, ela desceu ao meu apartamento com um maço de papéis dactilografados.

— Devíamos escrever sobre este Grupo — explicou ela. — É tão interessante, escrevi os três primeiros capítulos. Tu podias fazer os três seguintes!

Olhei para ela com um alarme súbito. — Partilhar a escrita de um livro? — exclamei. — Contigo?

— E porque não? — retorquiu ela.

— Porque tu és uma intelectual, Frances! E eu não sou!

— Mas tu tens o dom — explicou ela —, o dom da intuição, de estar consciente, de saber!

Eu hesitei.

— Tu és a sensitiva, a vidente, Helen. Eu sou a intelectual — tudo bem. Não faz isso a parceria perfeita?

Abanei a cabeça. — Continuo a achar que não posso trabalhar contigo, Frances. Somos pessoas tão diferentes...

Ela sorriu. — Somos? — Depois virou-se para sair. — Bem, vou deixar os capítulos contigo.

Basta dizer que o dactilografado foi guardado à chave na minha secretária e nunca lhe acrescentei uma palavra. Nem ela voltou a abordar o assunto, e ainda guardo essas primeiras tentativas dela para cumprir o que se tornou o nosso destino.

Três anos mais tarde, a Frances tinha passado deste mundo e estava já «consciente» do papel que iria desempenhar na minha vida, embora eu certamente não estivesse.

Teria a Ideia sido concebida pela sua Mente Superior a partir daquele exato momento em que rejeitei os capítulos? E teve ela de esperar pelo seu tempo, pelo seu crescimento, para se tornar um propósito que concebeu e inspirou o livro *Testemunho da Luz,* que teve uma tão ampla aprovação por parte de milhares de leitores?

E terá a «Ideia» alcançado agora o seu tempo? Acredito firmemente e com sinceridade que tal é a verdade.

Daí este livro, inspirado e escrito por nós as duas, uma neste mundo de matéria baça, e outra na gloriosa liberdade para a expansão da beleza da alma numa Vida posterior.

A ideia avançou mais um passo em direção ao seu cumprimento.

Tal como o vejo agora, esta Ideia da Luz Desafiante nas nossas vidas aqui na terra, e a realidade de uma vida no Espírito após a morte do corpo, trará uma revolução na ética total da religião cristã. O medo da morte, inerente a tantas vidas, deixará então de ampliar o poder e a ameaça da arma, da espada, da faca ou da finalidade das armas nucleares de destruição.

A minha amiga Frances, sendo incapaz de terminar o seu trabalho devido a uma morte prematura por cancro e, estando no mundo seguinte numa posição de observar com horror a infelicidade bélica do nosso mundo, regressou para me inspirar, mesmo na minha reforma, a escrever este livro com ela.

Que os nossos esforços toquem os corações de todas as pessoas no mundo, de quaisquer crenças ou fés, e nos conduzam sem guerra e em segurança para o próximo século.

CAPÍTULO I

Introdução

Quando conheci Frances Banks pela primeira vez, fomos apresentadas e apertámos as mãos. — Oh, eu conheço-a! — observou a Frances.

Abanei a cabeça. — Creio que não! — disse eu.

— Oh, sim. Reconheceria sempre os seus olhos. — Depois sorriu. — Já trabalhámos juntas antes — e voltaremos a fazê-lo!

Nada disse, pois já tinha ouvido essa afirmação de outros.

No entanto, assim viria a ser, pois tornámo-nos boas amigas. Mais tarde, depois de a sua amada Mãe Florence lhe ter falado de forma convincente através de mim, a Frances nunca mais me largou. Chamava-me o Telefone Celestial.

Mais tarde, após o apartamento mobilado que partilhava com a irmã nos arredores de Londres ter sido vendido, ela veio viver para Addington Park.

Foi interessante ver o quanto ela era amada e admirada por todos e por cada um, pois tinha muito pouco dinheiro e nenhum mobiliário para montar casa. Mas depressa foram doados uma cama, colchão, cobertores e lençóis; mobiliário chegou de amigos, e foi recolhido dinheiro suficiente para acrescentar uma poltrona, uma mesa e outras necessidades.

A Frances nunca teve muito dinheiro até cerca de três anos depois, quando o seu irmão morreu e lhe deixou um pequeno legado, no entanto parecia ser sempre ajudada e ter o suficiente para viver muito simplesmente.

Dava palestras para a *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*, mas quando perguntei qual era o seu honorário, ela sorriu. — Oh, eu nunca aceito honorários — faz parte do meu serviço terreno — retorquiu ela. — Só peço o valor da deslocação. Foi algo que aprendi e nunca esqueci, pois mais tarde, quando eu própria estive em palcos a falar sobre o meu trabalho e livros, senti-me obrigada a seguir o código de conduta da Frances.

Era uma mulher, sinto que posso dizê-lo agora, que avançava decididamente para qualquer plano, qualquer trabalho que sentisse estar ao seu alcance realizar. Nunca hesitava. Criava oportunidades e concretizava-as. Era uma líder e uma mulher cuja vida inteira tinha sido dedicada ao trabalho e ao serviço.

Isto é enfatizado pelos seus vinte e oito anos de obediência aos votos que tomou e pelo trabalho extraordinário que realizou na África do Sul. Escreveu livros espirituais para crianças, currículos ensinados no *College for Teachers* ao lado do Convento, ao mesmo tempo que estudava para um mestrado que obteve, e chegou a ir em missões às raças nativas nas regiões mais selvagens daquele país. Tudo isto, e ainda exercícios comunitários e orações estritas! Mais tarde, tornou-se Diretora do *College for Teachers*, e organizava os concertos dos estudantes e até desfiles de moda.

Quando a Frances via algum serviço que pudesse ser desempenhado, fazia-o. Assim, não fiquei surpreendida com o seu «regresso» do mundo seguinte, e a sua ênfase para que eu escrevesse, com a sua ajuda, *Testemunho de Luz*, que correu o mundo inteiro e continua a ser um *best-seller* na sua área dezassete anos após a publicação. Teria eu quaisquer dúvidas de que agora, no seu conhecimento superior, ela desejaria colaborar numa sequela desse livro?

A partir das suas palavras iniciais para mim, proferidas no nosso primeiro encontro, posso agora olhar para trás e ver a sua dedicação e desejo de iluminar os outros com o seu próprio conhecimento, e posso verificar a compreensão inerente das necessidades espirituais no seio da humanidade. Recebi centenas de cartas de muitos países, de leitores agradecendo-me pela ajuda recebida de *Testemunho de Luz* quando estavam em dificuldades, sob stress ou a viver uma grande tristeza pela perda de entes queridos.

Será surpresa que agora compreenda e aceite as suas primeiras palavras para mim? «Já trabalhámos juntas antes. Voltaremos a trabalhar juntas.»

A história da Frances recorda-me um incidente que aconteceu pouco depois de a conhecer em 1955. Como demonstrado no seu livro *Teach them to Live* [*Ensina-os a Viver*], ela tinha passado alguns anos como Tutora Organizadora na Prisão de Maidstone, onde teve sucesso até com os prisioneiros mais difíceis, ajudando-os a descobrir talentos latentes em si mesmos. Mostrou-me esboços e

aguarelas notavelmente bons pintados pelos prisioneiros, e muitos artigos desenhados e feitos por eles.

Mas havia um prisioneiro, um padre destituído, que era inteiramente intransigente e se recusava a ouvir. Um dia ele discutiu com ela — contra tudo o que pudesse ser chamado de bom e belo, ou progressivo e espiritual. Foi a última vez que ela viu o homem. Ele desapareceu das suas aulas; mais tarde, ela soube que ele se tinha suicidado.

Cerca de dois anos depois, quando ela já se tinha demitido do serviço prisional, estávamos as duas a tomar chá no meu apartamento. Lentamente, enquanto conversávamos, tomei consciência da presença de um homem vindo do plano de existência seguinte. Ele deu o seu nome e, em seguida, vieram-me à mente as palavras: — Diga-lhe que o que ela me disse no nosso último encontro é absolutamente verdade!

Contei isto à Frances, e ela soube imediatamente quem era, recordando o que lhe tinha dito e as palavras que ele usara.

— Durante a nossa última conversa — disse ela —, este prisioneiro tinha-me provocado, insistindo que não havia nada além do túmulo exceto matéria morta. Eu respondi que cinco minutos após a morte ele estaria exatamente igual.

Enquanto ela falava, eu ainda conseguia ouvir a voz na minha mente, dizendo: — E isso era absolutamente verdade. Eu não tinha mudado.

A Frances sorriu e disse: — Foram as últimas observações que trocámos. Evidentemente, ele progrediu no mundo seguinte e compreende. Abençoado seja!

Quão raro deve ser ter alguma experiência profunda repetida em fac-símile exato muitos anos mais tarde! No entanto, tal aconteceu-me com um espanto sobressaltado no segundo regresso da minha amiga Frances Banks.

Após a publicação de *Testemunho de Luz,* a comunicação com a Frances cessou por completo até quase quinze anos depois. Então, com a rapidez da imediação, ela estava de novo ao meu lado, e eu soube-o!

Nesta altura, 1981, eu tinha-me retirado, devido a uma ameaça de cegueira, da minha pequena casa para um lar pequeno e sossegado para idosos, gerido por duas senhoras dedicadas. O pensamento de não fazer nada era-me anátema e tinha começado, de forma algo desanimada, a escrever a história da mudança do meu estilo de vida.

Certa manhã, enquanto estava sentada à minha secretária à janela do meu quarto, os meus pensamentos não se deixavam disciplinar e eu olhava laconicamente para os carros que passavam na estrada. De repente, inesperada e inexplicavelmente, estava viva, tremendo fisicamente com uma energia espiritual interior.

Por um momento fiquei imóvel. Depois gritei em voz alta. — Frances! Voltaste! — E levantei-me.

A Frances estava ao meu lado. Eu sabia! Ela estava ali ao meu lado tão real como se ainda existisse no corpo. — Oh, Frances! — Eu estava quase a chorar de excitação. Nisto, houve uma batida na minha porta e uma amiga minha que vive no Lar entrou. — A Frances voltou! — gritava eu, embora sem consciência disso. — A Frances regressou!

O prazer dela foi imediato, pois ela também a tinha conhecido. Conversámos um momento. Depois peguei na caneta. — Tenho de escrever isto — disse eu. — Escrever o quê? — perguntei a mim mesma um minuto depois. Subitamente, com perfeita clareza, soube-o. A Frances nunca perdia o seu tempo ou esforço em conversas dilatórias. De facto, ela tornou a sua razão para comunicar comigo inteiramente clara.

Tinha voltado por um propósito. Havia trabalho a ser feito. Ela precisava de mim, como eu precisava dela! Havia um livro para ser escrito. Eu deveria escrevê-lo! Ela e os companheiros do seu Grupo iriam inspirá-lo. Fiquei sentada, eletrizada. Então, ela não tinha mudado! O seu espírito estava mais forte do que nunca.

Desânimo, excitação, alegria e dúvida pareciam apoderar-se da minha mente. Como poderia eu escrever um livro? Mal conseguia agora ler um. Mas quando estive calma o suficiente para raciocinar com ela, ela tinha partido; e eu estava consciente de que tal livro seria escrito, como ela me tinha dito.

E assim foi. Pois ela iniciava um capítulo na minha cabeça, quase antes de eu ter acordado de manhã.

Ao princípio, anotei as ideias e trechos. Pareciam fascinantes. Estava intrigada. Algumas semanas depois, após ter sido registada como cega pelo especialista ocular, comecei a escrever os vários capítulos do livro. Por esta altura já não conseguia ler nada, e a minha escrita era quase indecifrável. Uma amiga emprestou-me um gravador. Tentei falar para ele, mas quando reproduzia as palavras, estas soavam planas e sem interesse. Era inútil.

Certa manhã, sentei-me para tentar passar para o papel as palavras que me corriam pelo cérebro desde o momento em que acordara. Imaginem a minha surpresa e alegria quando descobri que conseguia rabiscar as palavras ao longo do papel almaço. Comecei a escrever. Fiquei imersa. Foi duas horas mais tarde que pousei a caneta. Tinha preenchido quatro páginas de papel almaço com o rabisco desordenado mas inspirado sobre as linhas riscadas, contudo não conseguia ler uma única palavra!

O livro está agora terminado. E eu nunca li uma palavra dele! Milagres acontecem quando o Espírito do Criador está envolvido.

CAPÍTULO II

A Mensagem de Frances Banks

Tendo a minha vida no plano terrestre terminado devido a uma doença e morte prematuras, procurei e encontrei outros de maior progresso e experiência para me ajudarem. O conselho deles foi tão realista e sofisticado que o segui.

«Trabalha através da mente superior da tua amiga, Helen Greaves», insistiram eles. «É possível fazê-lo!» O resultado foi o livro, *Testemunho de Luz*, cujas palavras despertaram o Espírito adormecido em milhares de vidas.

Depois, após me ter reunido ao meu próprio Grupo e aprendido mais sobre o funcionamento do Grande Espírito de Luz, surgiu a sugestão de que se poderia tentar um segundo volume. Os Grandes Seres aqui sabiam do estado periclitante em que a humanidade se deixou cair, devido ao mal gerado pela ignorância, medo, inveja e desconfiança.

A minha coautora tinha, por esta altura, tinha-se retirado de uma vida literária ativa. Foi-me assegurado que tal era a sua crença e confiança no Espírito do Cristo no homem, e o seu reconhecimento da facilidade com que comunicávamos, que ela responderia de todo o coração ao nosso apelo, ainda que fôssemos enfrentar muitas dificuldades.

E assim foi! E assim é!

Humildemente, ofereço este tratado sobre o Espírito de Luz, tanto no homem encarnado no mundo da matéria, como desperto na alma na terra além da experiência física.

A minha mensagem divide-se em duas partes, simples e diretas. Primeiro, ilustrar a obra do Espírito de Deus o Criador na Sua criação e na sua evolução; e segundo, que as almas dos homens nascidos na terra e as almas daqueles que passaram da terra são uma só no Espírito de Deus.

A comunicação da forma correta e para propósitos úteis e edificantes é possível na verdadeira compreensão da vida do Espírito. Todos os homens têm almas. Sendo o desenvolvimento de tais almas desigual, cabe àqueles que possuem esta consciência auxiliar e guiar os seus irmãos no complexo plano da existência humana.

As pessoas que vivem no plano terrestre formularam desde sempre variadas ideias sobre a possibilidade de vida após a morte do corpo. Estas crenças e esperanças estenderam-se desde a antiga convicção do céu e do inferno através de todos os graus de existência, até ao decreto ateu da completa e total escuridão do túmulo. Esta última especulação poderia, naturalmente, ser uma fuga à questão, devido ao medo interior nas mentes de tais crentes.

Mas é também uma afirmação que torna absurda toda a criatividade, toda a lei e ordem da vida e da evolução das espécies, como a temos visto e conhecido ao longo das eras. Além disso, nega um Criador ou um Plano criativo. As próprias estações negam-no. Poderá o incrédulo ignorar o milagre da Primavera, quando a vida regressa à ervagem da terra aparentemente morta?

Um mundo posterior ao término de um período de existência material é aceite pela maioria dos cristãos praticantes como uma espécie de paraíso onde tudo é perfeito, onde Jesus recebe cada alma que chega, para os cristãos, e, naturalmente, diferentes Salvadores do mundo para outras religiões, após o que se estabelecem numa felicidade perfeita, sem incidentes e sem fim.

Será isto o Paraíso? Certamente não concorda com os relatos das poucas almas empreendedoras que se esforçam por romper o silêncio do medo ou das suas crenças de infância.

Isto é a Vida, não a pálida teia de intriga, dominação egoísta e medo do mundo da humanidade. Não existem serviços policiais como tal, não há vigilância contra outros poderes, não há dinheiro que exerça a influência principal sobre as almas terrenas. Esta é uma nova consciência, uma compreensão e perceção de valores alteradas. É uma terra onde a paz e a alegria são o normal, não a guerra e o sacrifício.

Somos almas; pensamos e agimos de acordo com um nível diferente de compreensão. À medida que crescemos e nos desenvolvemos aqui, somos capazes de julgar a vida que vivemos e o progresso que fizemos ou deixámos de fazer no plano terrestre. À medida que evoluímos, encontramos mais compreensão e ocorre uma mudança no nosso pensamento.

Existem, naturalmente, aquelas almas tímidas que viveram vidas sem inspiração, que recuaram perante novas ideias e avançaram penosamente pelas suas experiências terrenas sem compreensão ou qualquer vestígio de iluminação. Estas almas podem preferir viver aqui, reunidas com os seus entes queridos e

amigos, não procurando mais do que estar em paz e descansar na beleza deste mundo.

Não existem leis para as mudar ou interferir com o seu prazer estático. Este continua até que o Espírito cresça dentro delas e as almas despertem para um novo começo. E isto acontece sempre — mesmo, talvez, após o que chamariam centenas dos vossos anos terrestres. O progresso pode ser lento e constante, ou imediato e imperioso. Todos os matizes de evolução se encontram neste mundo do Espírito.

Mas há um desenvolvimento importante que devo enfatizar aqui. Manifesta-se o desejo de ajudar os amigos e entes queridos deixados na terra?

Este é um problema difícil, pois as pessoas da terra não compreendem a unicidade do ensinamento de Jesus, que trouxe a Luz do Espírito à terra.

As Suas palavras: «Hoje estarás comigo no Paraíso», e «Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo», e «O Reino do Céu está dentro de vós», têm uma conotação muito mais profunda do que a que a humanidade lhes deu.

A Luz está aqui neste mundo de consciência mais subtil, contudo a Luz está presente na alma de cada homem, mulher e criança no planeta terra.

O Espírito é a Luz e a Luz é um desafio; nela confiando, acreditando, nela depositando fé e reverência, torna-se a própria vida e guia, conforta, cura e espiritualiza todas as coisas.

Este grande preceito de um Espírito Criativo, o Deus da vida num mundo em evolução, poderia transformar o medo em paz e acelerar a evolução do animal e do humano para espírito.

Este princípio, tornando-se real e vivo para as almas aqui, assegura uma maior compreensão e piedade não só pelas meias-vidas da experiência terrena, mas assegura o desejo cristão de ajudar.

Somos todos espíritos em essência, e certamente é natural que assim o sejamos.

CAPÍTULO III

Atravessando a Barra

Pôr do sol e a estrela da tarde E um apelo claro para mim. E que não haja lamentos na barra, Quando eu me fizer ao mar.

Mas uma maré tal que, movendo-se, pareça dormir, Demasiado cheia para som ou espuma, Quando aquilo que proveio do abismo sem limites, Regressa de novo a casa.

Alfred, Lord Tennyson

A Frances parecia estar a sorrir para mim! «Tanta gente», disse ela, «parece ter o maior medo deste estado a que chamam morte. Torturam-se com pressentimentos de túneis longos e escuros, de uma ponte para atravessar, de uma última viagem assustadora, sozinhos e aterrorizados.

«Alguns, ligeiramente céticos, arqueiam as sobrancelhas e mostram-se distantes e muito sábios. "Não é nada de especial, apenas se passa para outra sala."

«Depois, o ateu, o homem do "condenado ou morre". "Oh, não saberás nada sobre isso. Vais apenas para um buraco no chão e esse é o teu fim. Ressurreição? Uma conversa de velhas!"

«Estes são, de facto, exemplos da ignorância que se regista com os recém-chegados — ou talvez com o regresso de viajantes a esta popularmente chamada Vida após a morte.

«Isto, para começar, é um termo impróprio. Para a nossa forma de pensar, a palavra "morte" tem a conotação errada. Morte implica ausência de vida, o que é incorreto, pois não há momento em que a "própria vida", tal como ela verdadeiramente é, não tenha começado.

«Pois a própria Vida, nesse momento da partida, apenas se despoja de uma pele inútil. A vida continua presente na mente, na alma e, geralmente, na compreensão. O corpo humano, que é moldado a partir de partículas refinadas da substância terrestre, simplesmente regressa ao seu estado original.

«Em muitos casos da experiência que a humanidade denomina morte, a mente, mesmo separada do cérebro físico descartado, pode estar ativa. Por exemplo, viajantes nesta mudança de consciência do material para o etéreo, mais do que para o espiritual, têm conhecimento, embora turvo ou vago, da mudança, e não recordam lembrança de qualquer dor. Se experienciam terror, é porque o esperavam.

As imagens lúgubres impressas na mente-alma por ensinamentos erróneos de infernos e agonias torturantes tornam-se reais. Isto tem de ser assim porque a mente-alma, pela perda do cérebro e dos centros nervosos, ainda retém imagens profundamente guardadas. O novo aspeto da alma, e o seu poder de pensar, ainda não se desenvolveu. Assim que a alma "acorda", como vós dizeis, ou se torna "consciente da alma", como sentimos ser mais apropriado, todo o medo desaparece.

«A alma chegou a Casa. É acolhida de muitas formas diferentes. Pode haver um sono profundo, que é na realidade o suave refluxo da alma para dentro de si mesma para gerar a sua futura nova atividade na paz do espírito. Quando acorda, tornou-se uma alma consciente.

«Será isso demasiado difícil?

«Confio que o leitor não o ache. Sabemos que o corpo de um recém-nascido no plano terrestre deve ter um período de desenvolvimento e crescimento antes de poder existir no mundo material. Entretanto, a alma paira sobre ele aguardando o momento da sua união.

«O nascimento e a morte, tanto para como a partir do plano material, consistem na realidade no ajuste da consciência da alma do seu nível verdadeiro para o seu papel diferente e menos ativo.

«A morte do corpo humano não deveria conter terrores e, quando se permitir que este pensamento seja ensinado e compreendido pelas várias religiões praticantes do mundo, um grande bicho-papão terá sido removido no pensamento progressivo das raças.

«A minha própria experiência de passagem para esta vida parece ter sido tornada simples para mim. Como relatei em *Testemunho de Luz*, nada senti até "acordar" e ver a minha querida mãe Florence, tal como a tinha visto na terra, sentada ao lado da minha cama. Esse primeiro reconhecimento mudou, naturalmente, pois ela já se tinha transformado na alma elevada que é, enquanto a minha própria compreensão e apreciação, assim o espero, se aprofundaram com as minhas várias experiências.

«Mas este capítulo é sobre a transição, como lhe chamamos, e por isso continuo.

«Como mencionei, a minha própria transição foi misericordiosamente ajudada, talvez devido à doença grave e muito dolorosa que torturou o meu corpo terreno, de modo que acolhi a perspetiva futura com alívio e verdadeira esperança. Talvez também porque a minha alma e o meu corpo estavam totalmente exaustos, de modo que pareci recair no nada até acordar revigorada. Não consigo recordar qualquer "ponte", "túnel" ou "colina". Eu era como nada, e o alívio após as agonias deve ter parecido o céu para a minha alma transmissora.

«Mas outros aqui relataram experiências, e devo concordar que uma grande proporção deles parece realizar a síndrome do túnel. Contudo, a maioria das almas que se aproximavam tinham sentido o alívio de ter "alguém" ao seu lado, ou vindo de uma Luz à sua frente. Outras almas, talvez mais aventureiras, recordam a ponte. Para muitas, parecia que o passo inicial na sua formação de tábuas tinha de ser um esforço de vontade, depois tudo ficava bem — e a alma seguia o seu caminho.

«Um tipo diferente de alma regressada escolheu a experiência, e digo escolheu intencionalmente, através de um mar largo. O nosso poeta, nas linhas acima, tinha essa imagem na sua alma — e assim, provavelmente, acabaria por ser concretizada. Isto, vindo de um grande poeta, um mestre da sua arte e uma

grande alma que conhecia o Espírito, traz o meu pensamento para a probabilidade de que almas avançadas, sem medo ou ignorância, possam muitas vezes escolher esta partida consciente das suas almas para uma consciência superior. Não sei, apenas suponho tal pensamento sobre a passagem de uma alma elevada.

«Devemos chegar agora àqueles que tolamente planeiam o seu próprio momento e método de deixar a vida material. Eles não percebem que não há fuga das suas próprias almas — mesmo que se despojem do corpo pelo suicídio, estão, por assim dizer, a brincar a ser Deus e a usurpar o direito do Criador sobre a Sua Criação. Pois há um tempo para tudo — um tempo certo.

E este chegará no momento certo para o potencial suicida, e não quando a sua mente terrena pensa que o quer. Há dificuldades quando tais almas chegam sem estarem prontas para esta transição. A minha experiência com algumas delas enfatiza os perigos de tais trânsitos precipitados. Pois aqui tudo é ordem e uma alma que chega assim está obviamente em desordem.

«A morte do corpo material pode ser, e deve ser, uma bela experiência da alma a regressar a Casa.»

Helen Greaves

Uma história interessante e reveladora pode ser relatada como um elogio às palavras finais de Frances Banks neste capítulo.

Uma amiga minha que tinha mais de noventa anos ficou muito cansada da sua longa vida. Certa noite, telefonou-me a perguntar se eu rezaria para ela morrer. Eu não pude concordar em fazê-lo e disse que chegaria o momento em que a sua vida deveria terminar.

A minha amiga tinha sido uma mulher viva e divertida, mas de génio difícil. Ultimamente, os lares de idosos que a aceitaram como paciente queixavam-se das suas exigências para com as enfermeiras. A pobre senhora, que certamente sofria muito, estava sempre cheia de queixas. Nunca parecia aceitar qualquer serviço ou mudança feita.

Finalmente, no seu nonagésimo segundo ano, teve a queda habitual que é tantas vezes o prelúdio do fim. Partiu alguns ossos e ficou inconsciente. Nunca recuperou a consciência e morreu cerca de uma semana após a queda. Ao seu funeral assistiram muitos que tinham desfrutado dos seus anos de juventude, e as flores eram lindas. Senti que a minha amiga ficaria satisfeita. Não ficou!

Cerca de uma semana depois, eu estava sentada à janela da minha casa de campo a resolver as palavras cruzadas do *Daily Telegraph*. De repente, senti quase um grito no meu cérebro e ouvi um nome repetido duas vezes. Era a minha falecida amiga. A conversa dela começou rapidamente e era exatamente como ela costumava falar, cortante e direta ao assunto. «Não sabia que estava morta,

Helen.» Nunca me deu tempo para pensar e continuou apressadamente. «Acordei numa cama estranha. Perguntei à enfermeira porque me tinham mudado! Ela disse: "A senhora passou para este lado."

«"Porquê?", exigi saber.

«Ela respondeu que eu tinha morrido.

«Eu tinha a certeza de que não tinha feito tal coisa, e disse-lho! Ela trouxe então outra enfermeira e ambas insistiram que eu estava morta.

«Cheguei mesmo a discutir com elas, Helen. Acredita nisso.» As suas palavras vinham tão depressa que eu não conseguia fazer qualquer comentário. Esperei.

«Estava bastante zangada», continuou ela, «não acreditava que tivesse morrido!» De repente, silenciou-se. «Não até ver a Frances Banks sentada calmamente ao fundo da minha cama!»

Certamente este foi o caso de uma viagem de morte não percebida. Passado um minuto veio o pedido. «Escreve e diz à Menina X que eu me fui e que voltei para falar contigo. Sempre lhe prometi que a avisaria.» Tão próprio da minha velha amiga!

Levantei-me, escrevi a carta, descrevi a entrevista e enviei-a. A resposta foi imediata e cheia de gratidão. «Ela sempre prometeu», escreveu ela. «Querida velha amiga — mas quão próprio dela resmungar e queixar-se daquilo que tanto ansiara que acontecesse! Abençoada seja!»

Como a Frances escreveu, a velha senhora nunca tinha percebido a sua «viagem para o outro lado»; e não estava ela exatamente igual cinco minutos após a morte como estava cinco minutos antes? Estava, de facto!

CAPÍTULO IV

O Mundo do Pensamento

A vida faz sentido, insiste a Frances. É um exemplo notável de lógica, um padrão de tentativa e erro, enganos, falhas e sucessos. A Vida é eterna, e o seu Plano é perfeito.

Esta é uma das experiências profundas que a entrada nesta dimensão espiritual ensina durante os primeiros estágios da sua nova vida, depois de a alma se ter finalmente separado do corpo material.

Para aquelas almas que aqui chegam com alguma ideia desta Lei da Vida, é uma grande e gloriosa revelação.

Para os de mente simples, os que não pensam, os descrentes em qualquer esquema de Evolução, o despertar neste Mundo do Espírito pode estar além de quaisquer preconceitos; a experiência imediata pode ser avassaladora, criando a necessidade de um tratamento especial.

Tentei explicar isto a um homem de negócios que nunca tinha pensado em ter uma alma, ou mesmo em ter responsabilidade pelas ações materiais da sua vida entre os homens. Ele foi recebido pelo homem que tinha arruinado tão completamente que este tirara a própria vida — o Charlie Brookes. Este foi um choque necessário para introduzir a primeira lição que ele tinha de aprender: a realidade da própria vida e a realidade de que a morte do corpo físico apenas enfatizava a realidade da vida.

À medida que a raça humana progride, a alma em evolução reterá algo do seu conhecimento, e o efeito na mente transformará a ignorância e a descrença em algum grau de revelação e compreensão.

Para aqueles que tinham ouvido o Eu Interior, tentando viver de acordo com ele, ou que tinham dado ouvidos aos ensinamentos — muitas vezes inadequados, mas desajeitadamente úteis — dos seus líderes espirituais, a perceção da próxima Vida foi um despertar maravilhoso. Para eles, a morte não passava do processo de passar de uma sala para outra, de uma vida para uma experiência maior.

A vida faz sentido, o seu despertar e perceção; como foi de facto o meu quando contemplei a minha querida Mãe Florence.

Como este foi o despertar da minha amiga Frances, e foi registado em *Testemunho de Luz*, não me deterei nele novamente. Basta dizer que me convenceu da realidade da Vida Depois da Morte.

A Frances acordou-me esta manhã para continuar a sua conversa.

«Tens estado a pensar sobre o homem ou mulher convencional comum que aqui chega», continuou ela. «A maioria da humanidade não pensa. Não fazem a si próprios perguntas como: quem sou eu? O que sou eu? Porque estou aqui? O que vim fazer? Vão à deriva de dia para dia, aceitando monotonamente a sua sorte e acreditando nas várias doutrinas que lhes foram ensinadas em crianças.

«A massa da humanidade nunca questiona. Entorpecem os seus intelectos com histórias de amor fúteis, ou aventuras de outras pessoas no alto mar, ou nas montanhas, ou excitam e aterrorizam as suas mentes com histórias de fantasmas ou ocorrências mágicas, ou tornam-se viciados em mistérios de assassinatos.

«Estás a perguntar-te o que lhes acontece aqui. Bem, muitos deles não mudam. Após o primeiro choque do despertar, cumprimentam as suas famílias e entes queridos, e estabelecem-se alegremente na sua nova vida, sem mais questionamentos e, muitas vezes, sem o desejo de progredir. Muitos decidem que

estão a sonhar, até que algum incidente, alguma conversa com uma alma grande desperte a compreensão e eles fiquem ansiosos por aprender mais.

«Não os condenes nem tenhas pena deles. Não somos mudados num abrir e fechar de olhos. Conquistamos cada passo de progresso que fazemos e não há convenção, persuasiva ou ameaçadora, usada para forçar o nosso progresso.

«Aqui, como disse Jesus, vamos para o lugar que nos foi preparado; e tal lugar deve ter sido conquistado pelas nossas ações na nossa vida terrena. Muitas almas nem sequer estão prontas para rever as suas experiências passadas no corpo, e nenhuma outra alma as pressiona a fazê-lo.

«Tudo é Espírito, e o Espírito trabalha perfeitamente. Não precisa do tempo, que é uma conveniência terrena, e as almas simples aprendem a ajustar-se e encontram paz e, muitas vezes, uma felicidade que nunca antes tinham experienciado.

«É, então, talvez muitos anos terrestres após o seu falecimento que a alma sobrevivente começa a despertar e procura o progresso. Há imensos ajudantes para os auxiliar.

«O Mundo do Pensamento é tão inteiramente diferente do plano material de onde vêm os recém-chegados que o verdadeiro significado e compreensão são muitas vezes prolongados para eles. Não há o falar em voz alta, como na terra, pois tais órgãos de fala já não fazem parte de nós. No entanto, ainda podemos comunicar livremente uns com os outros.

«Pois neste mundo, como no vosso, o recém-chegado tem de aprender novas formas. O corpo material, a mente humana limitada, a personalidade temporária estão a desaparecer. O habitante deste estado de consciência já não tem necessidade deles.

«No Mundo do Pensamento, a Mente é o elo de comunicação. A Mente é também a energia e o propósito da vida contínua do Espírito. Pois o Grande Espírito Divino Criador a que chamamos Deus é o Poder motivador, criador e vivo aqui, como o era no plano terrestre. Apenas na terra as almas descobriram que tal Poder podia ser usado para o bem ou para o mal. Aqui, tais desvios do verdadeiro e do bom podem ser observados prontamente, enquanto no mundo da matéria podiam ser escondidos e, assim, aumentar.

«Cheguei à conclusão, desde que estou neste Plano de vida, de que lá se cobriam os pensamentos reais com a palavra falada.

«Aqui, o pensamento fala ao pensamento. Por outras palavras, é impossível esconder o que quer que seja. O significado é comunicado diretamente entre as almas.

«Esta é uma premissa muito difícil. Deixem-me tentar explicá-la desta forma. A Mente é a pessoa. O pensamento forma o padrão da alma, tal como acontece no mundo da matéria. Apenas aqui eles são reconhecíveis por estes padrões de pensamento, e não pelas palavras faladas ou pelas ações transformadoras da pessoa. Essa é a diferença. Não é necessário esperar pela ação ou mesmo pela palavra para contestar ou verificar a verdade ou o contrário do pensamento. Alguém é revelado tal como é, até mesmo pelo que o rodeia.

«Existe uma aura em redor das pessoas no mundo terreno e esta, porque muitas vezes não pode ser vista pela visão humana, é rejeitada pela maioria das pessoas. Ela pode ser mostrada claramente àqueles que têm a visão interior, mas aqui no nosso Mundo do Pensamento, tal Cor e Luz tornam-se uma forma definida.

«Acreditem-me, tais vestes de Luz e Cor, que ocasionalmente me foi permitido ver, estão para além das palavras para descrever a sua beleza e a magnificência da sua Luz; tais "vestes" aparecem com os Grandes Seres, as almas avançadas, os Seres Angélicos.

«Creio que tal beleza deve, de facto, envolver o próprio coração da Força Criativa do Espírito Divino, e o Poder do Cristo dentro dele.

«O Espírito é Criativo, e o homem formado a partir do Espírito do Criador está a evoluir e a crescer para essa Luz, tanto aqui como no vosso plano terrestre. Apenas aqui a evolução é mais clara e definida, pois não se pode esconder atrás de uma forma terrena e de uma personalidade dividida. À medida que a raça humana aprende a viver mais na sua Mente Superior, e menos nos apetites e desejos do seu eu inferior, assim o mundo da matéria mudará, e a conduta do homem para com o seu irmão progredirá em direção à harmonia. A destruição trazida à terra e aos seus habitantes é causada pelo pensamento consciente das pessoas.»

«As fomes são causadas pela ganância do homem ao abater as florestas que atraem a chuva pelo preço da madeira. Uma política de vistas curtas, pois as secas trazem a profanação e os desertos áridos. A sobreprodução de terras férteis, retirando do solo os produtos químicos, os fosfatos e os minerais, deixa as colheitas desprovidas de nutrição essencial e a terra torna-se inútil. A sobrepesca nos mares e nos rios diminui os cardumes.

«A Natureza é uma senhora severa. Trabalhem contra ela e o Espírito da Natureza retribuirá da mesma forma. Não poderemos perceber, então, que as recessões, as fomes e as inundações são responsabilidade do homem e demonstram a sua falta de verdadeira consciência? No mundo da matéria, o homem cria e o homem destrói. Aqui, no Mundo do Pensamento, apenas o verdadeiro Espírito cria. Assim, o nosso ambiente é belo além de qualquer

descrição e a natureza abençoa tudo com esplendor. O pensamento é a semente-germe e o solo fértil.

«Contudo, este Mundo não é senão uma das moradas na casa de Deus. Há evolução para uma evolução superior, para um prodígio superior. Pois o Espírito do Criador está sempre a criar e a evoluir, e a própria Vida é eterna no seu mistério e maravilha.

«A perspetiva de homens e mulheres se tornarem Anjos após deixarem o mundo terreno, uma doutrina que foi aceite no mundo medieval, não parece ter qualquer base real em factos. Mas não tenho dúvidas de que existem Seres de tal glória Espiritual evoluída. Existem Mundos Espirituais para além da nossa estreita conceção.

«Na Bíblia aprendemos que Lázaro percebeu que um grande abismo estava fixado entre "o vosso mundo e o meu". Da mesma forma, deve haver grandes abismos fixados entre Mundos de Pensamento e Reinos Espirituais.

«No entanto, sabemos, à medida que avançamos, que tudo é possível para a alma que regressa à sua Fonte. Esta é a convicção que se torna mais imperiosa e possível à medida que avançamos através do Mundo do Pensamento ou regressamos ao Mundo da Matéria para mais um grau de experiência.

«Aqui, no Mundo do Pensamento, a alma, quando repousou e recebeu refrigério dos seus medos, preocupações e dores terrenos, aprende a ajustar-se às suas novas condições. Este pode ser, muitas vezes, um processo longo e lento, dependendo das experiências da alma, e aqui, tal como no Mundo da Matéria, existem graus de adiantamento. O pensador, o artista, o poeta, o escritor, o servidor da humanidade, a pessoa dedicada ao serviço dos seus semelhantes, todos estes subirão gradualmente em direção ao seu lugar de direito.

«Aqueles cujas vidas foram egoístas e arrogantes, sintonizadas com a satisfação dos seus próprios desejos, gravitarão para outra sociedade agradável, mas possivelmente menos construtiva.

«"Na Casa de meu Pai há muitas moradas" — casas, habitações, e tal como na terra, estas podem variar consideravelmente. No entanto, o termo moradas parece transmitir a certeza de que a beleza, a harmonia e a paz também nelas habitam.

«Na minha curta experiência aqui, descobri que assim é. As almas ajustam-se às suas novas vidas. Aprendem a controlar as formas de pensamento sobre as quais constroem. Reconhecem os erros que na terra causaram tanta miséria. Aprendem a perdoar e a esquecer querelas, feudos, ciúmes, falhas da sua vida terrena; relaxam e crescem na nova compreensão da unidade entre o esplendor e a maravilha desta nova vida. Lentamente, trabalham em direção à compreensão,

ainda que de uma natureza imatura, do papel da humanidade no esquema divino da Vida.

«A partir destes vários níveis de abordagem ao pensamento, alguns encontrarão paz, outros um desejo de serviço, alguns um anseio pela maior Sabedoria das Esferas, enquanto outros formarão interesses e desenvolverão novas técnicas que desejarão levar de volta à terra para promover uma melhor compreensão para a vida humana.

«Continuamos a ser "nós" aqui, com o Eu a revelar-se mais facilmente à medida que as velhas inibições são abandonadas.

«Esta é a vida suave do Espírito em que a alma que progride se move, pensa e tem o seu ser.

«Mas existem outras moradas onde o pequeno eu ainda persiste com todas as suas irregularidades e onde os desejos do mundo material ainda imperam. Chamei a estas as Regiões Inferiores, e este não é um mundo invejável. Aqui estão os desajustados. Almas pobres e famintas, incapazes de se libertarem da vida física. Os habitantes são mais tristes do que perversos e perdem-se nos seus apetites contínuos pelo passado — os avarentos, os mesquinhos, os fracos e os patéticos dependentes de álcool e drogas; pobres almas perdidas que não podem ou não querem reorientar as suas vidas e o seu pensamento.

«Falarei sobre estes lugares noutro capítulo. Basta dizer que existem muitos ajudantes das Esferas Superiores que trabalham incessantemente para elevar a estagnação dos desejos terrenos. Lentamente, as almas são libertadas dos seus próprios cativeiros e, auxiliadas pelos Irmãos da Luz, sobem para o verdadeiro Mundo do Pensamento, onde eventualmente encontrarão paz.

«Dizer que há "alegria no céu" com tais regressos ao Espírito destes filhos e filhas pródigos é, de facto, uma afirmação muito real.»

CAPÍTULO V

Ouvir e Aprender

A escrita deste livro tinha chegado a uma paragem súbita. Eu não tinha ideias para o próximo capítulo. Na verdade, não havia plano para escrita futura. A inspiração tinha secado. Este é o epíteto dado por escritores, compositores, poetas e artistas e, sem ela, sabem que o seu trabalho seria sem vida e monótono. Mas prefiro chamar a estes momentos de "reconhecimento" interior a minha Voz Interior.

Foi há muito tempo, quando tinha cerca de quarenta anos e vivia no oeste do Canadá, que me tornei pela primeira vez "consciente" da Voz Interior. Começou a narrar contos enquanto eu caminhava sob as gloriosas folhas

vermelho-ouro dos bordos de outono. Achei divertido ao princípio, mas gradualmente, após problemas pessoais e um período de trabalho na Grã-Bretanha durante a última guerra, percebi, finalmente, que esta era a Voz do Espírito — a Mente interior que é a Mente do espírito eterno interior. Cada vez mais, à medida que tentava ouvir e aprender, a verdade vinha através dessa Voz.

Depois conheci Frances Banks. Uma nova era amanheceu para mim.

A Frances tinha vivido no Espírito e ela sabia. Comecei a compreender! Li a Bíblia com uma compreensão mais profunda:

Pedi e recebereis. Batei e abrir-se-vos-á.

tinham um significado diferente. As palavras são, de facto, a verdade. Aprendi a pedir ajuda para a forma correta de viver, conhecimento para escrever, orientação quando as condições terrenas se tornavam difíceis. E aprendi, como a Frances tinha aprendido, a ouvir.

«O Reino do Céu está dentro de vós», disse Jesus aos seus discípulos. A compreensão disto, quando me chegou, foi a mais maravilhosa irrupção de Luz na minha consciência. Comecei a escrever num novo nível.

Após o vazio que se seguiu à morte precoce da Frances, apercebi-me de que a mente dela comunicava com a minha. Este foi um impacto tremendo. Comecei a escrever *Testemunho de Luz*.

Contudo, embora soubesse que este livro era do Espírito, fiquei comovida e espantada com as reações dos leitores.

Nunca esquecerei o efeito da escrita do *Testemunho*. Eu estava "viva" como nunca estivera antes. Frequentemente sentava-me com a caneta suspensa, sem saber o que ia ser escrito — e as palavras vinham. Havia poder naquele livro, o poder e a realidade daquele livro, e ainda há para os seus milhares de leitores.

Recordo-me também de como a amiga que dactilografou o manuscrito me disse que viveu num mundo de glória e luz durante toda aquela semana. Foi a obra do Espírito.

A vida continuou para mim. Escrevi outros livros, mas aquele contacto próximo não vivia em mim na mesma medida, e senti que o *Testemunho* seria sempre o meu melhor livro.

Mais tarde, à medida que envelhecia e a minha visão começava a falhar, tentei escrever um romance que envolvia a muito discutida ideia do regresso do homem à terra na doutrina da reencarnação e do renascimento. Foram gastas horas a planear e a imaginar incidentes para elaborar um enredo. Era demasiado longo, era monótono e morto, e problemas arteriais e um ligeiro AVC num olho tinham-me tirado a visão.

Tinha aprendido, tinha aplicado, tinha tido sucesso. E tinha perdido! Foi necessário o trauma da cegueira iminente para trazer o pródigo de volta.

Então, um dia, após quase quinze anos de silêncio, a Frances voltou. Mas apenas depois de eu ter aceitado e regressado ao Espírito Interior — o Cristo interno — e ter encontrado a paz.

Naquele momento de união com o espírito da Frances, soube que havia uma razão. A Frances nunca desperdiçava momentos! Eu tinha um novo livro para escrever! O futuro já estava aqui. Tinha oitenta e quatro anos, não conseguia ver para ler, contudo ali estava o desafio da Luz — e eu só podia obedecer-lhe.

O Espírito falava através da Mente e do Espírito da minha velha amiga. O livro tinha de ser escrito, aliás, já estava escrito na Consciência Cósmica — ou verdadeira consciência — e nenhuma fraqueza ou restrição terrena seria permitida afetá-lo.

O Espírito sabia, a mente da Frances sabia, e agora eu sabia! Nada pode deter uma ideia, quando o seu tempo chegou!

Peguei na caneta e escrevi. A escrita era um rabisco, mas legível para outros. Mais tarde encontraria um ajudante para organizar os capítulos e dactilografá-lo.

Isto é um Desafio da Luz, disse para mim mesma. Mais tarde, a boa amiga que dedicara a sua vida a cuidar de idosos e que estava interessada no meu trabalho sugeriu que *O Desafio da Luz* soava melhor como título, e eu concordei. A mente comunga com a mente neste nível de vida.

Depois, após a primeira explosão de entusiasmo, e com cerca de doze mil palavras no papel, houve um interregno.

Houvera a excitação de conhecer novos amigos e saídas com velhos amigos, depois uma manhã de compras na cidade vizinha e, de repente, senti que tinha voltado à terra.

Não havia "inspiração" para futuros capítulos; sentia-me pesadamente sobrecarregada com assuntos materiais.

«O mundo está demasiado connosco», escreveu Wordsworth, e ele sabia. Tinha estado comigo!

Foi após a excitação inicial do regresso da Frances, e a consequente escrita, quase febril, que se seguiu, que veio o interregno. Como eu deveria ter esperado!

A escrita tinha sido bastante fácil, embora não passasse de um rabisco ao longo do papel. Mas eu não conseguia lê-lo! Com uma lupa forte, tentei desesperadamente decifrar as palavras e extrair o sentido dos capítulos. Não consegui!

Como iria eu, então, se alguma vez terminasse o livro, lê-lo ou corrigi-lo? Comecei a preocupar-me.

A presença da Frances parecia ter-me deixado. Os excitantes momentos de inspiração do início da manhã faltavam. Decidi então desistir da escrita. De facto, sentia que não tinha nada sobre que escrever. Foi um período difícil.

O Espírito parecia ter saído da minha vida — pelo menos, foi o que eu disse a mim própria. Até que percebi que me tinha afundado num pântano de depressão e que estava a permitir que ele me dominasse.

Então comecei a lutar para sair da única forma em que acreditava. Comecei a dar longos passeios matinais e, como já ouvi chamar a tais orações, a "falar com Deus".

Dia após dia, pedia ajuda. Segui todas as minhas próprias fórmulas, as práticas que me tinham ajudado a ultrapassar períodos difíceis no passado. Lentamente, senti a paz a regressar à minha mente.

Certa manhã, enquanto estava sentada num banco à beira do rio, observei uma massa emaranhada de ervas daninhas e ramos caídos a ser arrastada pela corrente à minha frente. Nela estavam sentados três pequenos patos. Empoleirados confortavelmente no ninho de ervas, deixavam que a corrente os levasse.

«A andar de balsa», pensei. «Estão a passar o dia fora, deixando que a água impetuosa faça o trabalho!» Dei por mim a rir enquanto eles passavam velozes por mim.

«Deixando que a corrente os leve!», repeti para mim mesma. De repente, soube. «É isso que eu devia estar a fazer!», repreendi-me. «E no entanto aqui estou eu, a lutar contra a corrente — e a perder!»

Foi o momento da Verdade. Eu estava a rezar para que me fosse permitido continuar a escrever e já tinha desistido. Estava a dizer que era demasiado velha — e a Frances tinha partido. Seria essa a forma como ela teria agido? Reagi e levantei-me. Não, ela teria continuado, forçando a escrever. Dirigi os meus passos para casa. Fui direta à minha secretária, desenrosquei a caneta, estendi o papel almaço e comecei a escrever.

«Há quatro histórias que gostaria de vos contar», descobri as palavras a fluir da minha caneta. «São relatos curtos de quatro chegadas diferentes ao meu mundo, e do que lhes aconteceu.»

Parei de escrever: então a Frances estava lá outra vez. Talvez ela estivesse, de facto, ao meu lado o tempo todo — e eu é que não tinha parado tempo suficiente para a ouvir!

A inspiração veio como um clarão de sol brilhante após uma manhã de tempestade. Escrevi depressa.

«Quatro histórias.» As palavras corriam-me pelo cérebro. São elas:

A História do Homem de Negócios. A História de Mary Ellen. O Homem que Amava o Dinheiro. O Dilema do Polícia.

Escrevi os títulos. Mais tarde, escrevi as histórias. Reproduzo-as aqui, exatamente como as "ouvi". Falam por si mesmas.

CAPÍTULO VI

Quatro Histórias

A História do Homem de Negócios

A minha primeira impressão ao recuperar do que parecia ser um sono profundo ou um período de inconsciência, foi um desejo de um cigarro. Tateei no meu bolso e os meus dedos pareceram tocar na minha cigarreira. De alguma forma, tinha fósforos na mão. Isso era bom. Tentei riscar um fósforo. Pareceu-me haver um clarão e depois a chama morreu. Isto era estranho! Mas, por outro lado, tantos acontecimentos eram estranhos!

Após várias tentativas infrutíferas de riscar um fósforo e acender o meu cigarro, desisti e comecei a olhar em volta. Parecia estar na extremidade de um túnel. Engraçado, pensei. Não me lembro de ter descido ao Metro e de me ter perdido. Fiquei muito tempo a olhar em frente para um caminho iluminado. O que faço agora? perguntei a mim próprio. Não posso perder a coragem. Isso nunca.

Nada aconteceu. Hesitei em avançar. De repente, com uma força inexplicável, a minha mente recordou um incidente na minha infância em que me tinha escapado da minha ama e me tinha perdido. Todo o pânico desse tempo dominou-me subitamente. Senti-me a tremer. «Nursely, Nursely!», gritei. Pelo menos pensei que gritava, embora não conseguisse ouvir a minha própria voz.

«Vem buscar-me, Nursely.» Eu era uma criança outra vez a chamar a minha velha e dedicada ama pelo meu nome engraçado para ela.

De repente, senti uma mão agarrar a minha.

«Vem, Johnnie», disse uma voz.

Contudo, não conseguia ver ninguém perto de mim. Sentindo ou acreditando que havia uma mão a agarrar a minha, dei um passo hesitante em direção à luz.

«Boa!», veio a voz da minha velha ama. «Agora estamos bem.» Olhei fixamente. Sob a luz, vestida com o velho uniforme azul, estava (ou eu pensava que estava) a minha velha ama tal como ela aparecia há mais de quarenta e tal anos.

Devo estar delirante, disse para mim próprio. Mas dei por mim a caminhar calmamente por um trilho que levava a uma grande ponte, estendendo-se em frente quase sem fim.

«Vem», incitou a voz da ama, «atravessa a ponte.»

«Ficas comigo, Nursely?», sussurrei.

«Claro.»

Apertando a mão que segurava a minha, dei um passo em frente para a ponte e, subitamente, não soube de mais nada.

Quando a consciência regressou, estava sentado num jardim. As mais abundantes e variadas espécies de flores e plantas rodeavam-me. E eu estava sozinho.

«Mary», chamei, pensando imediatamente na minha mulher. «Vem ver esta roseira... Nunca vi cachos de flores tão grandes.»

«Flores», disse uma voz, «verás muitas mais assim por aqui.»

«Verei?» Subitamente apercebi-me de uma pessoa ao meu lado.

«Olá, John.» A voz parecia ecoar lembranças do passado. «Concluíste muito bem aquele negócio, não foi?»

«Negócio?»

«Sim, como aquele que me arruinou.»

«Arruinou-te? Disparate.»

«Com certeza», disse a voz, «sou o Charlie Brooks. Lembras-te?»

«Charlie Brooks? Mas...?»

A forma de um homem pequeno, baixo e compacto pareceu emergir na minha consciência.

«Mas... Tu...»

«Sim, dei um tiro em mim próprio. Lembras-te?»

Olhei fixamente para o homem à minha frente. Estava aterrorizado. «Tu estás...?»

«Morto? Sim. E tu também.»

«Não, não... a sonhar, é tudo.»

As palavras vibraram através da paz daquele belo jardim. Todo o meu ser se ergueu em rebelião.

«Vais habituar-te.» Brooks soltou uma risadinha. «Todos nos habituamos...»

Eu, a escritora, parei de escrever. As palavras tinham sido um choque. Será a morte sempre tão árida? Ofeguei mentalmente. De modo algum, veio a resposta telepática da Frances. Conforme semeares, assim colherás.

Pousei a caneta. Isto era a realidade nua e crua, não podia escrever mais naquele dia.

Mas a história perseguiu-me. Reguei e borrifei os meus vasos de plantas para trazer os meus pensamentos de volta à minha vida presente. Não adiantou. Mesmo durante o almoço na sala de jantar, a história assombrava-me, de tal modo que estava distraída ao responder aos comentários da minha vizinha.

Quando regressei ao meu quarto, sentei-me a pensar sobre a escrita. Era despojada; mas, por outro lado, a verdade é despojada, e não tinha dúvidas de que isto era a verdade. Nem sequer sabia o que ia escrever quando, terminada a minha caminhada matinal de compras, me sentei à secretária. A história escreveu-se a si própria tal como todos os outros vislumbres da vida seguinte se tinham escrito em *Testimony of Light*. Estavam exatamente no estilo da Frances Banks. Tinham o selo da autoridade. Cresceram, não do meu cérebro consciente, mas através da mente inconsciente da verdadeira inspiração. A Frances estava, de facto, a trabalhar.

A história continuou como se não tivesse havido interrupção física na minha escrita.

«Tu causaste a tua morte!», estava John a dizer.

«Não causei.» Charlie Brooks pareceu sorrir. «Eu paguei por ela.»

Enquanto eu escrevia estas palavras, o homem que tinha morrido do AVC pareceu assumir o controlo da história. Dei por mim a escrever os seus pensamentos, as suas palavras.

«Bem, foste um tolo», estava eu a escrever. «Devias ter-me continuado e enganar no fim.»

Charlie Brooks falou pensativamente. «Podia! Pelo que sei agora, isso não teria feito bem a nenhum de nós.»

«O que é que isso quer dizer?»

Charlie sorriu para mim. «Verás!» Depois pegou-me no braço.

«Agora vais precisar de um descanso. Depois — serás da minha responsabilidade.»

«O quê...!» Agora eu parecia estar a gritar. A consciência foi apagada. Não me recordei de mais nada.

Então eu, a intérprete, parei de escrever. Justiça severa, pensei para comigo. A ideia de "guardião do meu irmão" veio-me à mente; como se a Frances estivesse a ouvir e a seguir conscientemente as revelações, os seus pensamentos, como sempre, escreveram-se a si próprios. Somos todos um, insistiu ela, e depois, como que recordando as famosas palavras, disse-as para mim: «A morte de cada homem diminui-me!»

Pousei a caneta. Eu também tinha muito em que pensar.

A História de Mary Ellen

Mary Ellen nasceu no início do século XX, filha de um casal presbiteriano estritamente convencional.

Eram pessoas sólidas, de bons costumes, ligeiramente monótonas, e a sua única filha, Mary Ellen, foi educada para caber no mesmo molde. Era uma boa criança, nunca se metia em sarilhos, e alguém que nunca iria "incendiar o Tamisa", como as pessoas comentavam.

De facto, Mary Ellen era comum, sensata, algo aborrecida, mas extremamente bondosa. A religião significava muito na sua vida e as suas orações, inflamadas pela sua compaixão pelos desajustados e marginalizados das várias sociedades, eram por uma oportunidade de ajudar os pobres e confortar os aflitos.

Na adolescência decidiu que queria ser enfermeira. Teria adorado poder tirar um curso de medicina, pois admirava os médicos e o seu trabalho. Mas sabia que os estudos estariam além das suas capacidades e as propinas seriam demasiado pesadas para os recursos dos seus pais.

Portanto, enfermeira seria! Foi aceite como estagiária num hospital não muito longe de casa; gostava da vida e as longas horas não a preocupavam. Era o início de uma carreira que desejava continuar para o resto da vida.

Passou nos exames e foi promovida. Sempre que estava fora de serviço, regressava a casa para junto dos pais.

Em 1939 foi impedida de se voluntariar para o serviço em zona de combate em França porque a sua mãe adoeceu com cancro. O seu dever era, portanto, ficar perto dos pais e conseguiu uma transferência para um grande hospital na sua cidade natal, para onde os soldados feridos eram levados.

Mary Ellen, cheia de compaixão, ficava muito comovida com o sofrimento deles, e um pouco lisonjeada e excitada quando os seus pacientes a elogiavam. Nunca tivera um namorado ou sequer um admirador na sua vida até se apaixonar por um jovem subalterno. Era doloroso para ela saber que ele era pelo menos cinco anos mais novo do que ela e que toda a sua brincadeira alegre com ela provinha da sua gratidão.

Ela sabia que ele não a «via» como ela sentia ser no seu interior, mas conhecia apenas a enfermeira comum, um pouco monótona, que era compreensiva e prestável. Por vezes, em segredo, chorava por uma vida que nunca seria sua, a experiência de ser amada, do casamento e dos filhos. Mas, habitualmente, as suas crenças religiosas davam-lhe consolação. Encontraria o seu *métier* no serviço aos outros.

O jovem oficial recuperou dos seus ferimentos, presenteou-a com um enorme ramo de flores e uma caixa de chocolates — um grande regalo! — e regressou ao seu regimento prometendo escrever-lhe, o que, como é óbvio, nunca fez.

Em 1945, a guerra acabou e Mary Ellen tinha quarenta e dois anos. Nesse ano, a luta da sua mãe contra o cancro terminou, e ela morreu pacificamente com Mary Ellen ao seu lado.

A partir dessa altura, o seu pai começou a fraquejar. Tinha-se reformado e estava agora sozinho na casa. Mary Ellen conseguiu que uma mulher lá fosse duas vezes por semana, mas não tardou a tornar-se óbvio que ele não podia viver sozinho, e ela reconheceu o seu dever. Desistiu da enfermagem e veio cuidar dele. Ele esteve acamado durante quatro anos antes de morrer, arquejando a sua gratidão à filha. Por esta altura, ela aproximava-se dos cinquenta anos.

Naquela época havia muito desemprego; de qualquer modo, ela sentia que era demasiado velha para tentar regressar à enfermagem. A casa e um pequeno rendimento tinham-lhe sido deixados. Decidiu usar esta gratificação para ajudar outros que tinham histórias de má sorte. O seu quarto de hóspedes raramente ficava vazio por muito tempo, e o seu bom senso e experiência de enfermagem trouxeram muitos dos fracassados da vida para o seu lar e cuidados.

Mary Ellen era uma «benfeitora», mas sem quaisquer ares ou vaidades sobre o seu trabalho. Aos sessenta e dois anos, morreu de um cancro interno que tinha ignorado.

Mary Ellen chegou ao Mundo do Pensamento. Após um longo descanso, veio para o centro de reabilitação. Aqui, a Frances conheceu-a, e retoma agora a história.

Eu conseguia compreender, diz a Frances, quão intrigada Mary Ellen estava. Nas primeiras vezes que nos encontrámos, ela prestou-me pouca atenção, e decidi deixá-la iniciar qualquer aproximação. Movia-se automaticamente, parecendo impulsionar-se aos solavancos. Era perfeitamente óbvio que se sentia perdida.

Durante várias das minhas visitas, ela não fez qualquer tentativa de me contactar. As cores ao seu redor eram baças e estremeciam em torno dela. Não sabia como comunicar, embora fosse aparente que estava consciente de outros consigo.

Perguntei se tinha encontrado os seus pais, e a resposta foi que sim, mas não parecia tê-los reconhecido. Decidi comunicar.

Como tentei explicar, não falamos através de sons, como as pessoas na terra. Comunicamos por pensamento. Fiquei perto dela e, em breve, pareceu que ela notou a minha presença e tinha recebido o meu convite mental para comunicar. Imediatamente, um clarão do pensamento dela tocou o meu. Era como se, em si mesma, estivesse a fazer a pergunta que a preenchia: «Estou morta?»

«Sim», transmiti de volta.

«Isto é o céu?», veio o pedido urgente seguinte.

«Ainda não.»

«Quando?», exigiu ela.

«Não te posso dizer isso», continuou a Frances, «mas este é o mundo seguinte após a tua morte no mundo terreno. Estás no Mundo do Pensamento e, quando estiveres pronta, encontrarás o céu por ti mesma.»

Mary Ellen não pareceu satisfeita e a Frances sentiu que era melhor deixá-la a refletir. Mas as cores ao seu redor continuavam baças, e ela dava poucos sinais de maior interesse. Deixei-a ao cuidado de uma das Irmãs.

Mary Ellen era lenta a reagir ao novo mundo onde agora se encontrava. A Frances conseguia ver que era difícil para ela expressar um pensamento construtivo forte, pois nunca tinha passado muito tempo em reflexão profunda durante a sua vida ocupada de serviço no outro mundo.

Os Ajudantes trabalhavam suavemente com ela, mas era difícil penetrar na nuvem de depressão e na mente entorpecida. Os seus familiares visitavam-na e também encontravam dificuldade em romper estas barreiras. O pai tinha progredido bem e conseguia comunicar, a mãe era mais hesitante. Mary Ellen prestava pouca atenção, tendo achado esta nova vida tão diferente da sua ideia do que ela seria. Tinha-se retirado para memórias das experiências passadas, tentando recriá-las de novo.

A Frances continuou: lentamente as cores da Aura ao seu redor tornaram-se menos baças, e então chegou o momento em que ela comunicou com intenção visível.

«Gostaria de ter sabido mais sobre isto», disse ela. «É tão diferente do que eu esperava.»

«Mas deste a tua vida em serviço», incitou a Frances, e Mary Ellen concordou.

«Esperavas realmente receber a tua recompensa no céu imediatamente?»

«A Bíblia diz que sim.»

«E esperavas reconhecimento e recompensa à chegada.»

«Sim», concordou Mary Ellen, e essa era evidentemente a sua crença. A Frances sentiu que tinha de corrigir isto.

Ela continuou: «Quando tiveres aprendido mais, Mary Ellen, serás conduzida a essa felicidade que a tua vida terrena conquistou.»

«Oh, Irmã, estou a aprender — de facto estou.»

Mary Ellen não olhou para trás. Estava a caminho! Então o Médico visitou o centro e parou ao lado dela. Comunicaram facilmente. Ela estava obviamente satisfeita com a companhia dele, e ele com a dela. Depois disso, ele voltou, e a Frances encontrava-os frequentemente juntos entre os gloriosos jardins de flores que rodeavam o Centro. Ela estava animada e feliz!

O Médico era um homem tímido e, na terra, tinha sido um homem bom, embora solitário. Um caso amoroso desastroso nos seus anos de estudante tinha-o afetado seriamente, e ele nunca casou. Ele também tinha levado uma existência segregada, afundando todas as suas energias na sua profissão e no seu interesse por plantas raras que procurava em margens estrangeiras, trazendo-as de volta em triunfo para a sua terra natal.

Agora ele estava a comunicar muitas das suas lembranças a Mary Ellen, e a mostrar-lhe os espécimes raros que descobririam no país circundante.

Duas almas solitárias estavam a encontrar prazer na companhia uma da outra, e Mary Ellen estava a florescer.

Mais tarde ela comunicou com a Frances, que retoma novamente a história.

«O Médico quer regressar à terra, para continuar o trabalho que sabe que será necessário fazer lá», disse Mary Ellen, «e quer que eu regresse com ele.»

O Médico estava ao lado dela enquanto ela continuava, com todo o seu ser a brilhar com uma beleza súbita. «Estaremos juntos para sempre a partir de agora, para onde quer que tenhamos de ir.»

Quando o Médico nos deixou, continuou a Frances, Mary Ellen veio ter comigo. «Encontrei a minha recompensa no céu.» Ela brilhava de alegria. Por um momento ficou visivelmente embaraçada.

«Dou graças a Deus, de facto. Nunca esperei tal recompensa e tal felicidade.»

Cito *The Blessed Damosel* de Dante Gabriel Rossetti — parece tão apropriado.

And the stars in her hair were seven. [E as estrelas no seu cabelo eram sete.]

O Homem que Amava o Dinheiro

Nunca fui incomodada com dinheiro a mais na minha vida, veio a minha Voz Interior, e soube que a Frances estava a comunicar comigo.

Quando eu estava no Convento, todo o dinheiro que nos era pago por vários serviços, tais como ensino, enfermagem, publicação de livros e panfletos, era naturalmente entregue aos fundos da comunidade. Isto mantinha-nos protegidas de qualquer engodo de fama ou riquezas. Mesmo depois de deixar a comunidade, eu ainda tinha muitas dificuldades financeiras, mas a ajuda que recebi de amigos e simpatizantes deu-me o suficiente para as minhas necessidades.

Mas, continuou ela, encontrei almas aqui que se tinham tornado prisioneiras da riqueza, e testemunhei as suas dificuldades em aprender a ajustar a sua luxúria por posses à sua vida interior do Espírito. A maneira como os seus sucessos terrenos e a escravidão aos valores do dinheiro diminuíram gradualmente até à sua verdadeira posição na balança da vida.

Uma dessas histórias é a do homem que amava o dinheiro, o multimilionário que não conseguia parar de atrair mais e mais riqueza para as suas contas bancárias e para toda a sua vida. Era frequentemente implacável nos seus negócios, que continuou a fazer até à sua morte como um homem idoso. Contava e recontava sempre os seus sucessos com uma glorificação secreta e omnipresente.

À medida que envelhecia, tornava-se mais avarento, agarrando-se à sua riqueza e combatendo até sentenças proferidas contra ele para rendimentos a serem pagos às suas duas esposas e aos dois filhos e uma filha que foram o fruto desses casamentos.

Era penoso observá-lo quando aqui chegou, e os seus primeiros esforços para compreender que era possível uma existência sem dinheiro.

Ele «descansou» pelo que os meus leitores poderiam considerar um longo período de tempo. Aqui, pareceu-nos como «uma manhã que passou».

Após o seu prolongado «sono», ele foi guiado para este Centro onde ainda desempenho algumas funções e, assim, encontrámo-nos e conversámos. Há enfermeiros e professores lá e, lentamente, o nosso pobre e iludido avarento aprendeu que o dinheiro não tinha valor, exceto como instrumento de comércio, e aqui não havia necessidade de comércio. Foi um golpe triste, mas ele recuperou disso. Mais tarde veio o período de reconhecimento das suas dívidas para com a humanidade e um desejo profundo de dar ajuda aos pobres e necessitados que ainda lutam no mundo terreno.

Foi o primeiro passo para o desenvolvimento futuro, por isso ninguém interferiu com os seus desejos. Habitualmente, devemos dar os nossos primeiros passos para viver felizes neste Mundo do Pensamento, e nunca somos impedidos na prossecução dos nossos planos. Assim aconteceu que o avarento rejeitou o fascínio da riqueza pessoal e concentrou os seus pensamentos na caridade.

Não vi o nosso recém-chegado durante várias visitas, disse a Frances. Ele parecia contente, com a mente mergulhada em concentração e planeamento. Quase se poderia imaginá-lo de volta ao mundo dos negócios, impelido pelo engodo de um novo conceito.

«Olá», cumprimentei-o. Ele pareceu olhar para além de mim e vi o que pareciam ser lágrimas.

«Tristeza», perguntei, «neste lindo jardim?»

«Fracasso» — ele assentiu.

«Oh, vamos!», encorajei, «isso não.»

«Sou um tolo, Irmã.»

Eu conseguia distinguir a nuvem escura em redor dele.

«Ia fazer tanto e o meu plano funcionou — demasiado bem. Guardei-o para mim. Nunca contei a ninguém quando andava atrás de algo grande.»

«Como uma fusão petrolífera?»

«Sim, Irmã. Como uma aquisição, só que desta vez eu estava a dar dinheiro. Encontrei uma família merecedora no East End de Londres. Um homem com pouco dinheiro, sem trabalho e poucas perspetivas, uma mulher e dois filhos. Uma bela família. Mereciam melhor.»

«Sim», concordei.

«Bem, concentrei todo o meu pensamento neles. Imaginei parte da minha riqueza (e eu tinha tanta) a ir para eles. Até rezei para que, por algum milagre, isso pudesse acontecer. Pensava nisso continuamente. Imaginava-os remediados, felizes na sua própria casa com os filhos em boas escolas — todas as vantagens que eu tive. Funcionou. O marido ganhou o totoloto e a coisa toda foi um fracasso total.»

A Frances estava a dar-se conta de uma Presença ao lado deles. «Eles acharam que o dinheiro não tinha utilidade?» A pergunta foi feita pelo Visitante.

O nosso novo «organizador de caridade» abateu-se como um ramo meio cortado da sua árvore mãe. «Enlouqueceram com aquilo, gastaram o dinheiro de forma insensata — correram de um lado para o outro, investiram, apostaram, arremessaram a riqueza que outrora fora minha como maníacos. O marido meteu-se em más companhias. Começou a beber e, não estando habituado ao álcool, o espírito dominou-o. Houve discussões, cenas duras com a mulher. Os filhos estavam infelizes. Oh... oh... eu nunca teria acreditado! Foi tudo tão terrível, tão degradante...»

«E depois?», foi a pergunta do Visitante.

«Depois — perderam muito dinheiro numa aposta tola — e, de repente, a maior parte... tinha desaparecido.»

Houve um silêncio.

«Então», foram as palavras do Visitante, «estiveste a brincar a ser Deus — e?»

«E eu nunca tinha percebido a responsabilidade...», começou o... «Claro!», mas havia uma grande doçura na repreensão, «como poderias.»

Após um silêncio, o Visitante continuou. «Mas isto demonstra que ainda acreditas no poder do dinheiro. Tens razão, obviamente, meu amigo, o dinheiro tem poder — para o bem e para o mal.»

«Mas eu não tinha percebido o mal! Estava apenas a tentar devolver o que tinha... roubado a outros.»

O Visitante pareceu considerar. «Não há punição aqui», explicou. «Tu criaste o teu próprio inferno na tua mente.» «Mas aquelas pobres pessoas?», persistiu o benfeitor.

«Ah, sim! Eles aprenderão a sua lição e encontrarão um caminho de vida mais verdadeiro. Enviaremos ajuda para abrir os seus olhos espirituais para a forma correta de viver — a de ganhar a própria vida e de tratar tais dádivas da forma verdadeira.» As palavras do Visitante eram suaves.

«Receio que tenhas trazido quase um vulcão sobre ti mesmo, mas ele não te pode destruir. Só tu próprio o podes fazer. Aprendeste uma lição dura.»

Agora, o Visitante dirigia-se a mim. «Ele precisa de descanso, Irmã, e de amor e compreensão. Leva-lo-ás para o seu futuro lar?»

Inclinei-me ligeiramente e a Presença pareceu desvanecer-se e partir.

Mais tarde, guiei o nosso aprendiz para as colinas de beleza e paz. Ele estava silencioso, apreensivo com o que o esperava. Não comunicámos.

As colinas eram verdes e quietas, as suas encostas brilhando com o azul das campânulas e o cor-de-rosa do trevo. Pouco depois chegámos a um vale luxuriante. Aninhada nas suas dobras estava uma pequena casa branca, as suas paredes rodeadas por jardins de flores. Uma mulher saiu da porta para nos receber. Era alta e ereta, e caminhou em nossa direção com uma graça tranquila. As duas almas encontraram-se e olharam-se fixamente.

«Meu filho!», sussurrou a senhora, e estendeu as mãos. «Mãe! Oh, Mãe!»

Foi um grito vindo da própria alma, um suspiro que continha alívio, amor e alegria.

«Vem para casa», sorriu ela. «Vem para casa, meu querido!» E atraiu-o para os jardins da casa.

Afastei-me. Contudo, enquanto ia, ouvi a voz tranquila dizer, no tom mais plácido e natural, que deve ter sido como bálsamo sobre o espírito inquieto ao seu lado:

«Sempre gostaste de flores. Vem — e vê estas aqui...»

Deixei-os, disse a Frances, com o conhecimento de que o cimento da terra tinha sido lavado do nosso recém-chegado e ele estava a caminho da descoberta do Espírito de Luz.

O Dilema do Polícia

Ele era um bom polícia. Estava bem treinado, era confiante e destemido, com a determinação de ganhar uma promoção na carreira que escolhera.

Nasceu num país do sul da Europa e tinha vivido na mesma cidade toda a sua vida, perfeitamente contente com a sua sorte. Não possuindo um cérebro imaginativo ou criativo, não lia muito além dos tabloides diários e do seu próprio manual de porte e comportamento para o policiamento de um bairro designado. Era um homem justo e, na maioria das vezes, muito bondoso, embora rigoroso com infratores agressivos.

Aos vinte e oito anos apaixonou-se e casou-se com uma jovem agradável e caseira, na casa dos vinte anos. Montaram casa e eram felizes. Quando soube que a mulher estava à espera do primeiro filho, o seu deleite transbordou.

«Um rapaz! Oh, vai ser um petiz! Tenho a certeza disso», disse-lhe ele. Não admitia qualquer possibilidade de erro e, quando chegou o momento, a sua mulher deu de facto à luz uma criança do sexo masculino, um rapaz de cabelos escuros parecido com o pai.

«Chefe da polícia, é o que ele vai ser! Eu sei-o», exclamava ele. E, de facto, a criança era forte e saudável.

Depois vieram os problemas na cidade, os motins, o início de um grupo terrorista, novos esquadrões de polícia de proteção e todas as medidas novas, e apenas parcialmente bem-sucedidas, para lidar com os seus crimes.

Num dia de primavera, o polícia foi chamado ao local de uma luta entre vários grupos terroristas. Com outros membros da Força, avançou audazmente em defesa da cidade. O grupo rival fugiu, o outro virou-se contra os defensores da Lei. O polícia, tendo capturado um dos foras-da-lei, estava a puxá-lo para o carro que aguardava quando outro terrorista correu para a frente para tentar libertar o prisioneiro. Outro oficial mergulhou na contenda e a escaramuça tornou-se uma luta amarga.

De repente, o polícia sentiu uma dor aguda nas costas, soltou o que segurava e caiu por terra. Viu o outro oficial puxar da arma e disparar sobre o seu atacante enquanto este se virava para fugir.

«Ele matou o cabrão», foi o seu último pensamento antes de a inconsciência o dominar. Estava morto antes de chegar ao hospital, esfaqueado no coração pelas costas.

Esta é a história que a Frances me acabou de contar. De facto, ela incitou as palavras do meu relato.

Pobre rapaz, pensei. Que terrível.

Sim, concordou a minha Voz Interior. Terrível, de facto! No entanto, a sua situação é ainda pior agora.

Pior! Pensei. Não podia ser. Ele foi corajoso, não foi? E estava apenas a cumprir o seu dever.

A Frances pareceu concordar.

Espera, comunicou ela.

Assim, tendo terminado o meu pequeno-almoço, recostei-me para ouvir.

O nosso polícia, começou ela, quando percebeu o que lhe tinha acontecido, ficou furioso, inconsolavelmente zangado.

«A minha vida feliz acabou», lamentava-se ele. «Não verei o meu filho crescer. A minha querida mulher está sozinha. É uma abominação — esfaqueado até à morte por um terrorista. Não estou pronto para estar morto. Nunca teria acreditado que Deus permitiria um fim tão terrível para a minha vida. Fui sempre obediente e fiel à minha Igreja. Acreditei no amor de Deus.»

Isto não foi obra de Deus, tentámos dizer-lhe, mas de homens perversos que tentavam escapar à justiça pelos seus crimes. «O teu assassino foi baleado pelo teu protetor...»

«Eu sei! Ainda bem!»

Subitamente, ficou silencioso. Em redor dele pareciam reunir-se nuvens negras e coléricas.

«Se ele estiver por aqui nalgum lado, eu encontro-o, o cabrão. Se houver alguma maneira de ajustar contas com ele, fá-lo-ei. Vou fazê-lo pagar! Vou...»

«Não o podes matar, sabes?», informou-o um dos membros do nosso Esquadrão de acolhimento.

O polícia digeriu isto. «Não posso? Vou encontrar uma maneira de fazer pior do que isso...» Depois, subitamente dominado pelo seu desgosto, chorou. «O meu filho — nunca mais verei o meu filho. Nunca o verei crescer...»

A Frances fez uma pausa.

E viu-o? Não pude deixar de perguntar. O que aconteceu?

O ódio! A raiva por vingança não tem lugar aqui, foi a resposta. O nosso pobre e bravo polícia caiu nos próprios cornos do seu dilema — o desejo de ver o seu amado filho e a luxúria de crucificar o seu assassino.

Fiquei em silêncio — chocada. E...? Esperei.

E a sua própria mente está a mantê-lo num inferno de sua própria criação. Ele está preso à terra...

Fiquei horrorizada. Como a minha pequena criada na minha casa de campo, sobre quem escrevi em *A Roda da Eternidade*, sugeri.

Não exatamente o mesmo. A Frances esteve silenciosa por alguns minutos. Ela estava presa à terra através da sua ignorância e do conforto que tinha

descoberto ao habitar ainda a tua casa de campo. O nosso polícia aprisionou-se a si próprio pela sua imaginação. Vive no seu próprio inferno de vingança e é torturado pela saudade do filho. Tornou-se um espírito preso à terra. Não consegue suportar renunciar ao mundo material e à sua boa vida, e anseia por vingança. Pobre criatura, está na sua própria prisão autoinduzida, à procura da satisfação da vingança pessoal e do anseio pela posse terrena do seu filho bebé. Pobre espírito inquieto.

E nada pode ser feito para o ajudar? Interpus.

Estamos a ajudar, claro, foi a resposta.

Como?

Através das nossas orações e pensamentos, e admiração pela sua bravura, e pela nossa compreensão do seu dilema.

Quanto tempo ficará ele preso à terra? Persisti.

Até que ele próprio tome a sua decisão. Como todos, ele tem livre-arbítrio. Não pode viver em dois sítios ao mesmo tempo, e o seu possível termo de vida material foi encerrado. Tragicamente, devemos admiti-lo. Mas a sua alma tem de seguir para a nova vida do Espírito. Ele tem também de encontrar paz e libertação da sua absorção com o passado.

A sua mente «inferior» ou material está a mantê-lo prisioneiro num inferno da sua própria imaginação. Assim, tornou-se preso à terra e intransigente a qualquer sugestão de renunciar ao seu desejo de vingança sobre o seu assassino.

E o terrorista? Perguntei. Que é feito dele?

Ele está nas regiões inferiores deste mundo. Uma região triste de que falei em *Testemunho de Luz*, onde criminosos endurecidos cumprem as suas penitências. Tenho trabalhado em regiões trágicas e escreverei mais sobre elas noutro capítulo. Mas os caminhos do terrorista e da sua vítima não se cruzarão até que ambos tenham encontrado a paz e percebam que estão a prolongar as suas próprias tragédias.

«Mas o polícia foi atacado. Ele não fez nada de errado», protestei.

«Com certeza», concordou a minha mentora, «ele tem todo o direito de estar connosco no Centro de Reabilitação (termo teu). Aqui ele pode resolver o seu dilema, isto é, se perdoar ao seu agressor, e...»

«E esquecer a sua mulher?», interrompi a cadeia de pensamento, com irritação. Quase pude sentir o desagrado da Frances.

«Claro que não!» Comecei a escrever. «Ele nunca esquecerá o amor deles, nem o amor pelo seu filho. Mas é uma emoção egoísta, de autocomiseração, no presente. Estamos a envolvê-lo com bênçãos, compreensão e paz. No momento,

ele é uma alma inquieta. Rezamos para que ele seja capacitado a pôr fim ao seu próprio dilema e a descobrir o Espírito do Bem, do Amor e da Paz, a que chamamos Deus. Estou certa de que ele será ajudado a fazê-lo, tal como outros antes dele encontraram a Luz do Espírito em circunstâncias semelhantes.»

«Também eu o espero», dei por mim a pensar. «Mas como?»

«Ser-lhe-á dada ajuda. Recordas-te, Helen, da velha senhora na tua casa de campo, que estava presa à terra, e que assim estivera durante uns quarenta ou cinquenta anos do tempo terrestre? Aquela sobre quem escreveste em *A Roda da Eternidade*.»

Assenti.

«Bem, tu foste enviada para aquela casa para a ajudar. Ela não tinha medo de ti, nem amargura para contigo. Além disso, ela era suficientemente feliz onde estava — não era propriamente uma alma inquieta — apenas uma alma ignorante e perplexa.»

Isto estava correto, e esperei.

«O poder do Espírito ajudou-a a ver o seu erro e a prosseguir a sua jornada; e a iminência desse Poder tinha sido intensificada por aquelas boas freiras que tinham ouvido a tua história numa Conferência, e te tinham informado das orações que fariam no futuro, todas as noites, pela recuperação e libertação dela. A oração e a meditação, especialmente a oração em grupo, são um poder potente do Espírito. A tua velha mulher seguiu o seu caminho — lenta e temerosamente, mas após as suas próprias orações, encontrou o seu pai. A Luz do Espírito é uma força potente para o Bem. Infelizmente, a vida material carece de uma crença verdadeira nesta Força de Vida Espiritual...»

Aqui tive de interromper a minha escrita. Mas as perguntas permaneciam na minha consciência e, mais tarde, a Frances respondeu-lhes.

«Sim, existem almas assim, prisioneiras das suas próprias tragédias, que ainda habitam os cenários desses eventos, nos seus sofrimentos ou nos seus atos sórdidos. Vós chamais-lhes fantasmas. Nós conhecemo-los como Espíritos inquietos. Eles assombram a terra e são, por vezes, maliciosos, mas muitas vezes não passam de tristes espectros de si mesmos. A humanidade teme-os, embora não tenha causa para o fazer. São exorcizados — e por vezes enviados no seu caminho. Um método melhor seria tentar compreender o seu predicamento e enviar-lhes Amor e Luz e Pensamento Positivo — até mesmo falar-lhes nos vossos pensamentos e encorajá-los a procurar a Luz. Eles responderão lentamente e começarão a abrir as suas mentes. E há Espíritos aqui, almas avançadas, prontos para os receber e ajudar, e para os trazer das trevas para a Luz.»

A Frances terminou o seu capítulo com o seguinte pensamento impressionante:

«Nós não somos o Criador, mas sim o criado. Faremos inúmeras viagens em direção ao Criador antes de descobrirmos verdadeiramente em nós mesmos esse Espírito de Criação. Somos viajantes na Eternidade, da evolução ao envolvimento, até à unidade uns com os outros e com o Espírito Eterno. Temos apenas a perceção de uma criança perante o Grande Mistério Espiritual no nosso atual processo de evolução.»

CAPÍTULO VII

Serviço e Julgamento

Frances Banks

«Todo o serviço tem a mesma classificação perante Deus», escreveu Robert Browning.

Esta Verdade é uma das que o recém-chegado a este plano de consciência descobre mais cedo ou mais tarde; e que ele estabelece na sua própria compreensão. Só através dos seus próprios esforços e pesquisas sobre o valor da sua vida recente na terra pode esta Verdade tornar-se clara para a sua avaliação dos seus sucessos ou falhas.

Muitos há; de facto, uma vasta proporção destas almas libertadas não consegue enfrentar a nua avaliação das suas vidas materiais. E não há persuasão por parte de outros para que o façam, sejam eles entes queridos ou inimigos passados, desprezados e odiados. E as grandes almas, que reverenciamos como os Mestres da Sabedoria, nunca interferem, embora, com compreensão silenciosa, procurem acender a chama do Espírito em tais almas baças, ou almas assustadas, ou almas complacentes que se recusam a enfrentar o inevitável.

O Espírito de Deus o Criador no homem abrange todos os ramos do Espírito, tal como o Espírito da Beleza, que abrange a Arte, a Música, a Poesia e o progresso, a conquista, até mesmo o sacrifício onde este foi para o bem, a verdade, o amor, a sabedoria e tais atributos que por vezes sobressaltam o mundo com a sua grandeza, mas que frequentemente parecem... «nascer para corar sem serem vistos, e desperdiçar a sua doçura no ar do deserto.»

Aqui, nesta consciência, não há linha de diferenciação entre o serviço terreno de um Presidente ou de um Primeiro-Ministro, ou o serviço menos triunfante de um servidor humilde, de um trabalhador entre os pobres, de um padre humilde, de uma enfermeira, de uma esposa amorosa e de uma mãe sábia e gentil, dedicando a sua vida a encorajar os talentos nascentes nos seus filhos e a transmitir-lhes os verdadeiros valores da vida.

Quando a alma finalmente parte do corpo material e renuncia a todos os desejos e conquistas ansiados pelo limitado pensamento materialista da mente humana, descobre-se purgada de toda a experiência, como se esta tivesse sido um sonho. O desejo evapora-se dentro dela; a conquista, a honra, o poder são vistos num contexto completamente diferente.

Esta é a primeira reação do corpo após a morte. A alma está, por assim dizer, nua no seu novo ambiente, exatamente como a criança humana chega sem vestes à consciência terrena.

A morte e o nascimento estão estreitamente e inevitavelmente relacionados. O nascimento é o início da morte eventual: e a morte é o advento na, bem como o regresso à, consciência do Espírito.

Depende de quão profunda e totalmente o Espírito desceu à restrita consciência terrena para que a Realidade do Espírito se torne reconhecida.

Nos primeiros estágios da vida aqui, a alma recém-chegada está frequentemente perplexa e necessita de muitos cuidados. Habitualmente — há naturalmente exceções — a alma, após saudar os seus entes queridos e deleitar-se momentaneamente na sua própria recuperação da dor e na libertação das restrições terrenas, sente necessidade de descanso.

Então, ela «retira-se» para Si Mesma para descansar e recuperar. Durante esta experiência, em ambientes de grande beleza e paz, é cuidada por almas treinadas para tal serviço. Quanto tempo, em termos terrenos, podem prolongar a sua estadia, depende de muitos fatores — a utilidade ou o desperdício das suas vidas, as suas conquistas ou as suas falhas, e a força e o propósito da alma. Por vezes este descanso é longo, por vezes um curto período resultará em perceção, compreensão e no desejo de aprender mais e de compreender, mesmo que fracionariamente, o significado, a responsabilidade e o aproveitamento, até à data, da alma.

Tal como as crianças da terra aprendem a andar, falar e escrever e a viver nesta nova e restrita consciência, assim as almas aqui aprendem a «ser», a saber e a crescer na mais ampla perceção da Realidade da Vida que nunca termina. Lentamente, e com infinito espanto, o nosso verdadeiro eu percebe e maravilha-se com a Divina Experiência da essência da alma descendo à matéria grosseira, de modo a evoluir através da experiência de volta ao Eterno de onde veio.

Esta grande Experiência já avançou, e foi retardada por falhas, para avançar novamente durante milhões dos nossos anos-luz. O homem não consegue visualizar um fim para ela. Só o próprio Criador, o Originador, o próprio Espírito pode observar, e talvez monitorizar, à medida que avalia o progresso com as falhas.

Esta Realidade é percebida aqui por todos os credos e raças da mesma forma. Pois todas as religiões têm uma crença num Poder, numa Força Espiritual que é tudo abrangente e eterna.

Nos Salões de Aprendizagem, de Arte, Medicina, Música, indivíduos de todas as raças abandonam as suas diferenças e trabalham juntos como equipas. Este é o Mundo do Espírito, não o plano de nacionalidades divergentes.

Para as almas mais jovens que ainda têm de experienciar muito da existência material, vivendo aqui com as suas famílias, entes queridos e amigos, ou em harmonia pacífica, a alma está a experienciar a «essência» do Espírito. Quando estão prontas, oferecem-se para serviço nos muitos campos que lhes estão abertos, ou escolhem aprender e experienciar no espírito de progresso nos grandes salões.

Muitas almas estão aqui há centenas dos vossos anos terrestres. Mas o tempo não importa. Elas avançarão quando estiverem prontas.

Pois este é o Mundo do Espírito, não a experiência limitada da existência material. Não há pressa inoportuna, e a nenhuma alma é permitido prosseguir além da estatura que atingiu.

Mesmo durante períodos de intenso avanço e conquista nas Universidades do Espírito, uma alma contribui também para a ajuda «caritativa» aos seus irmãos que não avançaram tanto no caminho.

A aprendizagem, o avanço e o serviço aqui contam para a vida do Espírito. Aqui aprendemos que o Espírito é a própria força sem a qual a vida não tem significado, seja no mundo material ou aqui no Mundo do Pensamento. É, ou deveria ser, a pedra angular da nossa própria existência. Este Espírito de Deus (Bem) é sempre parte de nós, sempre a energia secreta interior, quer estejamos conscientes dela ou não. Ele não nos deixa quando o corpo morre. De facto, com a libertação das restrições da vida material, o Espírito é libertado para uma maior compreensão.

Contudo, esta não é uma mudança fácil para os recém-chegados a este mundo. Na verdade, a escritora deste livro teve este mesmo pensamento «transmitido» a ela por uma querida amiga, que tinha «morrido» recentemente.

«Gostaria de ter sabido mais sobre este novo mundo», disse-lhe a amiga. «É muito difícil de compreender.»

Também dos lábios de uma jovem de cerca de catorze anos de idade: «A minha tia veio ter comigo e disse-me quem era» — a rapariga nunca tinha visto a sua parente. «Disse que estava "lá do outro lado" há vinte e cinco dos nossos anos. Disse que tinha sido difícil, mas que estou feliz agora.»

Porque as nossas crenças no céu ou no inferno foram baseadas em conceções materiais, aquelas almas que chegaram e estão a chegar têm dificuldade em compreender ou avaliar as suas novas condições sem terem previamente «reconhecido» o Espírito Interior dentro delas.

Assim, a surpresa e provável consternação de que todo o serviço tem a mesma classificação perante Deus retarda o seu avanço. Na terra, homens e mulheres são elevados a honras pela sua devoção ao dever e ao serviço. A riqueza é conquistada pelo bom serviço e facilidade de vida, responsabilidade e fama.

No próximo Mundo, ou pelo menos assim aprendi, tais honras como as aqui alcançadas são, tal como as fortunas monetárias acumuladas, para serem descartadas com as faculdades humanas. Elas classificam-se de igual forma com os sucessos de uma boa mãe, de um servidor zeloso e leal, ou de um humilde cura servindo o seu Deus na obscuridade e na rotina monótona. A compreensão do Propósito por trás de tal Lei é, sem dúvida, difícil e lenta de observar. Mas, da mesma forma, deve sê-lo a perceção do facto de que estamos ali para aprender, para descobrir quem e o que somos, e assim avaliar as nossas vidas e as nossas experiências como na vida do Espírito.

Sinto que, ao encerrar esta parte do capítulo citando o extrato completo do glorioso poema de Robert Browning, *Pippa Passes*, tal compreensão que preparará as nossas almas para a vida após a morte tornar-se-á clara:

Todo o Serviço tem a mesma classificação perante Deus. Perante Deus — de quem marionetas, melhores e piores, Somos nós; não há último nem primeiro.

A alma do homem é o seu juiz e o seu júri. As nossas vidas terrenas não são apenas momentos de experiência, mas padrões inevitáveis na Eternidade.

A vida terrena revela o progresso da alma em anos de serviço feliz e bem-sucedido ou na falha em cumprir o seu próprio padrão espiritual.

Quando a morte ocorre e a vida termina, a alma passa para uma nova experiência. A escuridão da consciência terrena, que não foi penetrada pela luz do Espírito, agarra-se à alma recém-libertada do corpo humano.

Jesus, no seu Ministério na terra, falou da vida seguinte de forma muito clara.

Na casa de meu Pai, ensinou ele, lugares foram preparados para todos e cada um de nós iria para o lugar preparado para si. A palavra «lugar» nesta conexão é difícil. Pois o mundo seguinte não é um lugar, mas sim um estado de consciência.

Assim, quanto mais elevado, mais amplo, mais compassivo, abnegado e espiritualmente avançada for a alma, mais belo é o lugar, ou a consciência, para o qual é atraída.

Certamente, se pensarmos bem sobre este facto, chegamos à sua verdade, e o «Céu» é o nosso destino.

Neste mundo, o nível da alma foi bloqueado e enegrecido pelo que denominamos pecado, que reconhecemos como crueldade, ganância, ciúme, licenciosidade e perversão da verdade.

Almas em todos os estágios de crescimento passam por este Mundo do Pensamento. Se escolhem ficar aqui nas sombras escuras dos mundos inferiores, ou nas terras altas de paz e descanso e oportunidades de crescimento, é uma questão de escolha própria.

Como sabeis, eu, Frances Banks, ansiava por entrar nos Salões de Aprendizagem e, na minha ignorância, vi-me a retroceder em segurança para o meu próprio nível. Não há regras ou regulamentos, ou compulsões. Os espíritos em crescimento são levados pelos seus processos de pensamento para os seus verdadeiros lugares, de acordo com o registo que trouxeram consigo. Em linguagem simples, «trazendo os feixes», ilustra o processo de direção para o lugar «preparado para eles».

As almas que oferecem os seus serviços nesse mundo inferior ensaiam mostrar a esses prisioneiros a Luz à frente. Contudo, a sua tarefa é difícil. A alma tão reduzida e escravizada pelo pecado não consegue suportar a Luz. Nas suas pobres mentes, acreditam que a escuridão as esconde.

Aqui eu, a escritora, gostaria de interpor a história de um sonho estranho e infeliz que tive enquanto escrevia este livro, mas *antes* da escrita deste capítulo!

Estava profundamente adormecida, mas sabia de uma forma vaga que estava a sonhar. Vi-me num lugar horrível onde havia criaturas cuja fealdade me horrorizava. Fiquei assustada com a brutalidade que parecia emanar delas. Como tinha conseguido penetrar neste mundo escuro e desagradável, não sabia. Mas ali estava eu, recuando perante qualquer contacto, aterrorizada e a tremer com a aproximação delas.

Interiormente, gritava por ajuda. Quanto tempo estive naquele buraco escuro e lúgubre, não o poderia saber. Mas de repente, continuando o sonho, apercebi-me da Frances Banks, vestida, como pensei, com o hábito de freira que tinha usado, mas que eu nunca vira no plano terreno. Estava junto a uma espécie de muro na extremidade daquele lugar escuro. Chamei-a rapidamente: «Frances, Frances», e, como acontece tantas vezes no estado de sono, vi-me imediatamente ao lado dela.

Mas, para minha intensa surpresa, ela virou-se para mim bruscamente: «Helen! O que estás aqui a fazer? Vai-te embora.»

Lembro-me de que fiquei imóvel, olhando para ela com desânimo. Não conseguia dizer-lhe como tinha chegado ali. Além disso, a saudação dela não tinha sido o que eu poderia esperar.

«Vai-te embora! Não estás pronta para isto — não deves vir aqui! Vai-te embora.»

Fiquei tão perturbada e aterrorizada que comecei a chorar. E nesse momento acordei.

«Estive nos mundos inferiores», disse para mim mesma. Pergunto-me porque quisera ir para lá. No entanto, não fiquei surpreendida com a reação da Frances. Sabia que ela era uma ajudante ali. Teria sido por isso que conseguira projetar o meu pensamento para ela? Talvez num tempo futuro eu também ajudasse ali. Mas agora não estava pronta. Senti-me envergonhada e aceitei a sua reprovação.

CAPÍTULO VIII

O Reino do Céu

Certa manhã, sentei-me na minha cadeira habitual, fechei os olhos e esvaziei a mente de todos os pensamentos pessoais.

Este é um exercício muito difícil e, após muitos anos de prática, há apenas momentos, raros momentos de espanto, em que a pressão quotidiana da trivialidade solta o seu aperto na mente, e nos tornamos conscientes da Presença do Espírito.

Em tais raros vislumbres da realidade, todo o ser torna-se infundido de uma alegria que é inexplicável. Todo o eu é! Alguém é! O Reino do Céu, o Espírito de Cristo está dentro da mente, do coração e do eu. A oração silenciosa inicia-o, o silêncio fomenta-o, o eu absorve a mente e a consciência é! Alguém Sabe!

O momento da unidade é! Pode durar alguns minutos. Pode permanecer no seu êxtase por algumas horas.

A Verdade, a unidade, a alegria do Espírito, a autoridade e o Poder do Espírito envolvem a mente no seu inexplicável espanto.

Nesse momento, senti que conhecia o trabalho da mente humana tão imersa na trivialidade da mente corporal a ponto de estar completamente inconsciente do Espírito dentro de si. Mas depois veio o pensamento do progresso e do avanço oferecido livremente a todos, mas talvez apenas percebido na sua imediação por poucos.

Foram, e são, os grandes homens do passado e do presente, Mestres da sua Arte, da sua Ciência, das suas invenções para o progresso do mundo, da sua música para o refrigério da alma, dos seus gloriosos monumentos e edifícios em honra do Espírito. Desde tempos imemoriais, conforme o medimos, estes Mestres conheceram esse Espírito, trabalharam com a unidade interna com esse Espírito e avançaram interiormente em direção ao Centro e Coração desse Espírito, a que chamamos Deus.

Tais homens foram Mestres reconhecidos, ou por vezes injuriados e rejeitados, pela sua inspiração para além do conhecimento humano. Foram homens que trabalharam com o Espírito em total unidade: Browning, Tennyson, Milton, Homero, Dante, Mozart... os inspiradores de outros mais profundamente imersos nas trivialidades do mundo, da carne e do fascínio de Mammon.

Enquanto estava sentada de olhos fechados, consciente apenas da estreita consciência do Espírito que é o eu total ou santo dentro de nós, os rostos destes grandes homens passaram diante de mim. Mestres! Estas almas avançadas devem estar a viver — e a progredir e a trabalhar em algum lugar — seja neste nosso Universo ou em alguma outra Terra da Promessa.

A teoria de que fomos «nascidos à imagem de Deus» pode certamente ser interpretada pela explicação de que emergimos desse Centro que é Deus o Espírito. Não poderia ser que emergimos deste Centro e viajámos para fora, passando cada vez mais longe da sua unidade, até que Deus o Espírito nos chama de volta ao Coração?

Difícil, laborioso e lento, à medida que regressamos ao nosso Pai, falhamos muitas vezes perante o «Cão de Caça do Céu». Contudo, aqueles que reverenciamos como Mestres ouviram a Voz chamando e avançaram para a Luz. Certamente que na sua pureza de Espírito e na sua compaixão por aqueles de nós que ainda lutam para seguir, estes Mestres e Santos e Grandes Seres encorajam e aumentam a nossa busca por esse Santo Graal dentro de nós?

Estes homens e mulheres são certamente Centros da Luz Interior e deles devem emergir as novas inspirações que iluminam as trevas do nosso mundo por vezes, e nos iluminam naqueles períodos das maiores trevas?

Os Santos, os Mestres, as Grandes e puras Almas mereceram certamente a nossa reverência e a nossa devoção à Obra, passada e presente, ao apontarem o caminho.

Assim era em outras eras de pensamento religioso na antiga fé católica. Porquê não hoje, quando a maior parte da humanidade está perdida no fascínio obscuro das riquezas terrenas e do poder da mente?

No final deste século, que se aproxima rapidamente, haverá ainda tempo para mudarmos os nossos pensamentos, os nossos caminhos e a nossa decadência moral, e para aprendermos a beneficiar dos exemplos que sofreram e avançaram para o Centro, que é a Luz de Deus.

«Honremos os grandes homens» (e, acrescentaria eu, as mulheres), mas mais ainda estudemo-los e ao seu caminho de iluminação. Saibamos, dentro de nós mesmos, que eles fazem parte do Espírito que está, como nos disse o maior Mestre de todos, dentro de cada um de nós. Eles podem iluminar-nos se ouvirmos, podem mostrar-nos o caminho para as Estrelas que eles trilharam. Pois eles vivem ainda e fazem parte da nossa grande evolução de volta às «nuvens de glória arrastadas» de onde todos emergimos.

Certa manhã, estava sentada calmamente no meu quarto, tomando o meu pequeno-almoço, quando subitamente e sem qualquer aviso, a voz da Frances Banks foi inteiramente audível. Estava a falar comigo, tão claramente como se ela também estivesse a apreciar o seu chá e a sua torrada ao meu lado. Apenas a voz dela estava dentro do meu cérebro, e não ocupando a minha audição física.

Ouvi durante algum tempo, enquanto prosseguia com a minha refeição. Esta era a velha Frances que eu conhecera — prática, positiva e confiante como sempre fora, apenas agora o conteúdo, a intenção das suas palavras era cativante. Senti-me como uma estudante da Alta Filosofia. Estava certamente e intencionalmente a ser ensinada e logo percebi que a Frances pretendia que as suas palavras fossem escritas neste livro. Na verdade, ela estava quase a ditar.

«O psíquico e o Espiritual», começou ela, «são ambos degraus na escada de Jacob da progressão. A experiência terrena é possivelmente um dos degraus inferiores da ascendência. A maioria dos seres encarnados está nesse nível e, assim, as suas mentes tornam-se sobrecarregadas pela dificuldade em perceber o que é verdadeiro e o que é inexplicável para eles no seu nível de compreensão.

«O meu primeiro ponto importante é que ambos são uma continuação da natureza progressiva do homem.

«A humanidade, que está em diferentes estágios de evolução na sua jornada em direção às estrelas, ou para um nível superior de conquista, consiste em entidades que têm uma natureza tripla. Por exemplo, o homem é animal, humano e espiritual.

«Em sucessivas ondas de progresso, demonstra-se que as grandes almas, os mestres, os santos e os grandes intérpretes do Espírito evoluíram dos instintos animais para o nível humano no seu ponto mais alto, enquanto, na verdade, as

massas permanecem totalmente inconscientes de muito para além da inteligência animal superior, da natureza animal e da aceitação total da vida da criatura. Contudo, deve ser aceite que mesmo entre tais grupos existem indivíduos que têm uma sensibilidade dentro de si que está consciente de seres e de Seres para além da limitada compreensão das massas. Entre estes encontram-se os psíquicos, os curadores naturais, bem como aqueles que estudam os escritos dos Sensitivos (tais como Santa Teresa de Ávila) ao longo das eras.

«A pessoa com perceção psíquica, frequentemente chamada de médium, é frequentemente iletrada, pobre e reservada. Estas pessoas podem e conseguem contactar os recém-mortos e, por vezes, os espíritos de ligações familiares que há anos (no nosso tempo) habitam o mundo seguinte de consciência. Contudo, muitas vezes parecem ter avançado pouco e as suas mensagens parecem ser fúteis e triviais.

«Mas deveríamos condená-los, ou retirar uma diversão superior das suas palavras? Creio que não! Tenho testemunhado o crescimento lento realizado por muitas almas. Não cabe a ninguém ser superior em relação a estes espíritos que anseiam por uma oportunidade de contactar entes queridos que ainda estão na terra. Nem temos o direito ou o desejo de proibir tais momentos de correspondência. No entanto, quando o dinheiro entra na prática desta comunicação, vemos o perigo.

«Mas quem pode julgar o conforto e a ajuda que podem ser dados a uma alma sofredora no plano terrestre? Recordo a minha própria alegria quando a minha querida mãe comunicou comigo pela primeira vez.

«Não há condenação da ajuda dada, desde que o destinatário não permita que esta forma de conversa se torne uma droga no seu próprio caminho de vida, ou que se aproxime do mundo psíquico com um espírito de cartomancia.

«Desde a minha própria chegada a esta consciência, apercebi-me das armadilhas deste emprego aleatório da comunicação com os espíritos. Na opinião de muitos aqui, os perigos poderiam ser muito remediados pelas Igrejas Cristãs. Sentimos que deveria haver um lugar onde os sensitivos que são cristãos pudessem trabalhar.

«Quantas vezes um clérigo, completamente alheio ou oposto ao dom psíquico, foi totalmente incapaz de ajudar e dar verdadeiro conforto após a morte de um familiar? Eu própria tive de medir as minhas palavras, até descobrir as possibilidades de comunicação.

«Tais médiuns, trabalhando dentro da Igreja, respeitados e protegidos pela Igreja, fariam, estou certa, um grande serviço ao trazer este assunto controverso a público. Não fala a Bíblia abertamente de "dons do Espírito", do seu uso e das suas salvaguardas?

«Mas a comunicação e a segurança através da conversa com espíritos pouco têm a ver com a adoração e a obediência ao Espírito de toda a vida, a quem Jesus chamou Seu Pai e que é, de facto, o Criador de todos nós.

«Certamente que a nossa escada de Jacob é a abordagem, passo a passo, à perceção da nossa unidade com a Realidade do Espírito Criativo de Deus? Jesus ensinou que fomos feitos à semelhança desse Espírito. Os poetas falam de "*Trailing clouds of glory do we come, From Heaven that is our home*" [Nuvens de glória arrastamos ao vir, Do Céu que é o nosso lar], e compararam o Espírito ao "*Hound of Heaven*" [Cão de Caça do Céu], que vela por nós, cuidando de nós e esperando que a alma dentro de nós O reconheça.

«Aqui, neste mundo, somos espírito em Espírito, mas não no Coração do Espírito. A nossa consciência ainda precisa de desfazer muitos erros já cometidos e de avançar em direção ao Centro.

«Aqueles que estão em espírito podem, e muitas vezes o fazem, enviar mensagens de esperança de volta ao mundo que deixaram. Mas isso não é o mesmo que a unidade com o Espírito de Deus o Eterno. Mesmo aqui, todos continuamos a subir essa Escada de Jacob. Mesmo aqui existem passaportes para os níveis Superiores — mas cada um de nós tem de os conquistar para — como o mundo descreveria — "se juntar aos Imortais".

«Pois Imortais existem e sempre existirão. E se foram precisos milhões de anos de tentativa e erro, de ação e não-ação, de eu ou de outros, de Deus ou de Mammon, significará isso algo mais do que o lento progresso do animal através do humano até ao Espírito?

«O tempo não tem substância. O homem espiritual evoluirá conforme e quando a Lei do Progresso estiver pronta. Há uma máxima de que ainda me lembro da minha experiência terrena e que aplico agora à Lei Espiritual: Nada pode deter uma ideia quando o seu tempo chegou. Por outras palavras, quando o próximo passo está pronto para ser dado, nada o pode deter.

«Percebe-se e aprende-se por aqui a aplicar a Lei a cada pensamento e ação. Ao fazê-lo, o espírito cresce o suficiente para estar pronto para o passo seguinte.

«Não somos lançados à pressa no Paraíso. Ele está ali diante de nós — seja de forma imediata ou demorada no nosso caminho adiante — e passamos adiante para as muitas moradas na casa de meu Pai, conforme descrito por Jesus.

«Mas o Espírito nivela-nos de acordo com o nosso valor, e as Grandes Almas e Mestres podem descer ao nosso nível para comunicação e ensino.

«No vosso plano terrestre, o termo espiritual tem um significado diferente. Um homem espiritual é muitas vezes descrito como um homem identificado com a sua religião, ao passo que nesta consciência, um homem espiritual é aquele que descobriu e vive dentro da parte Espiritual de si próprio.

«As religiões no plano terrestre, que muitas vezes se recusam a reconhecer-se umas às outras, evoluíram todas da necessidade de o humano em crescimento conhecer e trabalhar com o Espírito de Deus dentro de si. Deixem-me citar as grandes obras de Robert Browning, que Sabia:

Existe um centro íntimo em todos nós, Onde a verdade reside em plenitude; ... E saber consiste antes em abrir um Caminho, Por onde o esplendor aprisionado possa escapar...

«Quando, no plano da terra, esta Verdade for conhecida e seguida, então o homem espiritual evoluirá, e o psíquico elevar-se-á em direção ao espiritual, ao cerne da própria vida.»

CAPÍTULO IX

Reencarnação

A aceitação e a crença numa vida posterior à morte, não de bem-aventurança eterna, mas na realidade de julgar os próprios erros e perceber as próprias falhas na experiência terrena, contudo reconhecendo com gratidão e alegria os próprios sucessos, colhendo agradecidamente a colheita do serviço, deve encorajar uma nova atitude em relação ao término inevitável pela morte da experiência humana.

Mas com que propósito? Nesta era moderna de desenvolvimentos tecnológicos para além dos nossos sonhos, e de experiências que estão a minar velhos conhecimentos e práticas, continuaremos a persistir em concordar com uma perspetiva de trevas e finalidade do túmulo, ou de um paraíso de bem-aventurança eterna com o Cristo em quem a humanidade não acreditou e a quem crucificou?

Tais ideias não resistirão a uma prova intelectual ou espiritual; elas contornam a possibilidade de progresso futuro ou de qualquer oportunidade de desenvolver aquilo que sabemos intuitivamente ser o nosso verdadeiro eu. A bem-aventurança eterna num paraíso onde nada parece ser esperado de nós afigura-se estática e insatisfatória. A extinção corporal é igualmente insatisfatória, visto que apaga para sempre todos os esforços pessoais, todos os sacrifícios feitos e todo o sentido da vida.

Se a alma humana aceitar a possibilidade [de uma vida posterior], esta deve ter um sentido. Deveria haver um objetivo, um sentido de reflexão e um impulso propositado em direção ao perdão e à compreensão do erro, bem como ao cumprimento de conquistas de progresso negligenciadas em todos os departamentos da vida, quer do corpo quer da alma.

Um homem, por exemplo, com a música das esferas na sua alma, mas que tivesse sido incapaz de alcançar a experiência de a transmitir através da composição, ansiaria certamente por outra oportunidade.

Da mesma forma, o poeta, o artista, o escultor, o escritor, cujos dons tivessem expirado dentro de si, por exprimir por muitas razões, desejariam aprender o porquê e a razão de tal falha. Tal como todas as mulheres que tivessem ansiado mas nunca experienciado a alegria da maternidade.

Este mundo terreno em que vivemos sobressalta-nos, por vezes, com a própria perfeição de todos os seus atributos: animal, vegetal, floral, humano. Dever-se-á isto à nossa evolução através dos séculos? Ou haverá um propósito eterno e espiritual de crescimento, tanto animal como espiritual, que o fez evoluir?

Será o homem uma marioneta ou um organismo vivo, uma partícula de espírito de alguma Fonte divina com um processo de perfeição longínquo e vivificante?

Não teremos nós "segundas oportunidades" para além destes setenta anos de vida?

Certamente que o Divino Criador desenhou um Plano através do qual nós próprios traçamos o nosso destino? Nada é desperdiçado. Portanto, o nosso potencial, que leva tempo, experiência, aplicação, sucesso e desastre a cumprir, terá sido acautelado por mais do que uma única experiência de viver num mundo material?

Deixem-me citar, como exemplo da minha tese, a história de um homem jovem que tinha a inspiração do artista, os dons da cor, a técnica e a determinação para os cumprir.

Conheci este jovem e a sua esposa há muitos anos. Fiquei tremendamente impressionada tanto por ele como pelo seu trabalho. Ele era obviamente inspirado por um dos grandes Mestres. Senti que ele iria longe. Por isso, fiquei encantada quando recebi um convite para uma exposição das suas pinturas em Londres.

Ele veio falar comigo e mostrou-me um esboço de uma grande tela que tinha planeado. Era ambiciosa, mas, com os seus efeitos de cor profundos, eu sabia que seria marcante e bela.

«Trabalharei nela o ano inteiro», disse-me ele, «e submetê-la-ei à *Royal Academy* na próxima temporada.» Desejei-lhe sorte.

A partir dessa altura, não voltei a ver nem a ter notícias dele ou da sua esposa. O tempo passou e a *Academy* abriu. Viajei para Londres para ver a exposição.

Mas não havia tal quadro, aliás, não havia nada dele. Fiquei desapontada e preocupada. Mais tarde, falei com uma amiga.

«Oh», disse ela, «ele meteu-se em problemas. Agora não pinta de todo.»

Desapontada e triste por ele, indaguei junto da amiga que mos tinha apresentado pela primeira vez. Ela contou-me a seguinte história.

Parecia que, apesar do seu talento, ele não conseguira ganhar dinheiro suficiente para se sustentar a si e à sua família. Aceitou um cargo num escritório governamental, tencionando pintar à noite e nas férias.

No escritório havia uma jovem bonita. Tornaram-se amigos. Rapidamente a amizade deles transformou-se numa enfatuação. Ele começou a negligenciar o seu trabalho e a passar todo o seu tempo com a sua nova namorada. O caso deles tornou-se mais forte.

O inverno passou, depois a primavera e o início do verão, e a grande tela permanecia no seu minúsculo estúdio, ainda apenas meio concluída.

Chegou o tempo da *Academy*. Mas ele não tinha nada para mostrar. Talvez tenha percebido que tinha perdido a sua oportunidade e que o seu quadro estaria fora de época para uma exibição posterior; talvez os seus nervos estivessem à flor da pele, ou talvez a enfatuação tivesse acabado. Não se sabe. Sei apenas que ele e a rapariga discutiram e, em breve, ela partiu com outro homem.

Então, chegou à alma do artista a intensidade e a enormidade do seu futuro. Teve um esgotamento nervoso, durante o qual foi carinhosamente cuidado pela esposa a quem tinha traído. Quando recuperou a saúde, sabia que nunca mais voltaria a pintar. Alguns anos mais tarde morreu, um dos infelizes fracassos da vida.

Será a falha desta alma não cumprida a sua única oportunidade de realização? E se ele pudesse...

Sentar-se numa cadeira de ouro E pintar com pincéis de pelo de camelo, num qualquer paraíso de bem-aventurança eterna?

Traria isso a realização? Ou exigiria a sua alma outra oportunidade na matéria mais difícil da terra?

Não podemos vislumbrar o progresso feito no mundo espiritual por uma alma assim, à medida que se julga a si própria pela fraqueza carnal que a quebrou? Não é possível que, num regresso à terra com esta força recém-descoberta, ela conquistasse a fraqueza que a tinha traído e cumprisse o seu potencial artístico?

Este é o significado da reencarnação; renascimento com oportunidades futuras em direção ao progresso. Não faz isso sentido?

Não nos arrependemos dos erros estúpidos e impensados que cometemos durante as nossas vidas? Não desejámos todos uma segunda oportunidade?

Se compreendêssemos este processo de regressar com maior entendimento para uma segunda oportunidade, não nos esforçaríamos mais — e provavelmente teríamos sucesso?

O problema é que as "águas do Lete" fecham-se sobre a alma recém-encarnada. Ela esquece. No entanto, esquecerá?

Pois, naqueles momentos em que estamos prestes a tomar o caminho errado, ou a fazer a coisa errada, a alma recorda-se e tenta avisar-nos. Se, então, não ouvirmos, a responsabilidade pelo fracasso que se seguirá é inteiramente nossa.

Deus não nos fez para sermos marionetas. Deu-nos livre-arbítrio. É essa liberdade de vontade que temos de dominar e dirigir.

Certamente, uma vida-após-a-morte que nos ensina como governar e treinar o nosso livre-arbítrio na aceitação do caminho correto é de maior consequência do que um Paraíso, ou uma eternidade de bem-aventurança.

O nosso livre-arbítrio é o nosso maior trunfo, pois fortalece-nos; e não nos foi dada a nossa consciência e os seus avisos para nos guiar? Certamente que podemos alinhar os murmúrios da consciência interior e os seus avisos, à medida que a própria alma incita as nossas ações.

Deus é, e o Seu Espírito está dentro de nós. Será realista aceitar a ideia de apenas uma curta vida na terra na qual temos de aprender tanto? Não será viável que, quando tivermos revisto as nossas vidas, examinado os nossos erros e avaliado os nossos sucessos, o Espírito dentro de nós nos instigue a tentar de novo e, esperamos nós, a fazer melhor.

Como podem tais mestres da sua arte nascer, com esse dom já bem estabelecido? Certamente que isto não é um acidente da natureza?

Ocorre-me que, no nosso pensamento, precisamos de olhar para além desta única vida — talvez para muitas experiências de vida material, nas quais a alma perseverou através de falhas, provações, sucessos e esperanças, enquanto desejava alcançar o domínio da obra que ama.

Mozart, aos seis anos de idade, dava recitais de piano em público. Não podemos compreender e apreciar que muitos regressos à vida e experiência material poderiam ter sido a bagagem de experiência desta "alma velha" no corpo do jovem compositor: a alma que continuou a realizar-se e a deixar ao mundo a sua música gloriosa.

Muita gente coloca-se contra a ideia de renascimento neste planeta.

A Frances não responde a essa pergunta de forma definitiva. «Existem outros mundos», concorda ela, mas até agora sabe pouco deles e sente que é desnecessário nesta fase tentar descobrir mais. «Se e quando eu escolher», diz ela, «ou me for aconselhado regressar para outro período de vida material, creio que quereria voltar para um mundo que conheci. Mas isso pode não ser possível, e não me agrada filosofar ainda sobre um regresso. Há muito que preciso de investigar e aprender; e certamente aprendi a refrear a minha impaciência por mais conhecimento até que possa compreendê-lo e aceitá-lo.»

Assim, evidentemente, para aqueles que se recusam a acreditar na probabilidade de um regresso à terra, há a garantia de uma alma que está a aprender a sabedoria de aceitar a nova Vida, e a absorver a sua beleza e bondade, bem como a digerir as suas lições.

A discussão sobre os prós e contras de um possível renascimento não leva a lado nenhum. Primeiro precisamos de absorver as lições da nossa vida atual. Contudo, certamente podemos aceitar que o Criador planeou a nossa lenta evolução com sabedoria divina, e que nunca nos será negada uma oportunidade de evoluirmos para os seres Espirituais que um dia nos tornaremos, no regresso do Espírito ao seu Criador.

A história desta terra, dizem-nos, tem milhões de anos, e a maioria de nós que agora existimos em armadura corporal terá passado por experiências anteriores — e, confiamos nós, aprendido com elas.

Viemos do Centro — que é o Criador Deus. Ele deu a cada um de nós uma alma e livre-arbítrio para seguirmos os nossos próprios caminhos, à medida que saímos desse Centro.

Quando cada alma absorveu todas as suas aventuras, sucessos e falhas, regressa ao Centro, não como o Filho Pródigo, mas como o filho bem-vindo do Pai, o Criador, com uma estatura aumentada para carregar as suas colheitas.

Deus criou-nos e enviou-nos para um deserto de tal beleza que nos tenta a esquecer a nossa origem, tal plenitude que ansiamos por mais e nos tornamos gananciosos, e tal cegueira que não vemos o Espírito em todas as coisas, mas ficamos enredados pelo perecível e pelo impermanente.

Então, e só então, a criança pródiga volta-se novamente para o Centro e, lentamente, talvez dolorosamente, começa a jornada de volta ao seu Pai.

Certamente que, assim, a ideia de muitas vidas nos mundos impermanentes é necessária. Igualmente, o progresso será lento e tornar-se-á possivelmente mais difícil à medida que renunciamos a muito do que outrora considerámos valioso.

Não devemos perceber que aquelas almas que vivem ou viveram entre nós, a quem chamamos Santos ou Mestres e que conquistaram dentro de si a deriva para longe do Espírito (o Centro), estão já a percorrer a difícil estrada de volta?

O Espírito está sempre lá. *O Desafio da Luz* está sempre dentro de nós. O Centro, que é o Espírito, é imóvel, e nós somos os viajantes através de inúmeras vidas de experiência que estamos, ou no nosso caminho para fora do Centro ou, com a alegria do Espírito, a fazer o nosso lento regresso a ele.

O renascimento, ou o possível regresso à terra, não é um assunto muito discutido pela maioria das almas nos "espaços iniciais" desta nova Vida do Espírito.

Certamente que isto é de esperar. Após o trauma da experiência da vida, a alma sente-se libertada. Não deseja regressar às restrições terrenas e às provações e tristezas das quais acaba de escapar.

Deixem-me relatar uma experiência que causou uma profunda impressão no meu próprio pensamento. Uma boa amiga morreu após uma longa vida e muitas tribulações, incluindo uma experiência terrível num campo de prisioneiros japonês durante a Segunda Guerra Mundial, saúde precária e um longo período num lar de idosos antes do fim.

Eu não tinha podido visitá-la, mas mantivemo-nos em contacto e, quando fui informada da sua morte, soube que era o que ela tanto ansiara.

Dois dias após a sua morte, enquanto tomava o meu banho matinal, recebi uma mensagem psíquica. As palavras vieram aguçadas como raios de luz através da minha consciência.

«Diz a X, diz a X», começava ela. «Isto é de Y» — outra amiga que tinha passado para o outro lado três anos antes — «que a nossa amiga M está bem. Ela chegou e todos nos encontrámos com ela.» Isto referia-se ao seu marido e a amigos comuns. «M está connosco. Está muito cansada e um pouco perplexa, mas feliz. Algumas das suas primeiras palavras foram: "Nunca mais voltarei à terra!" Ela terá aqui um descanso de que há muito necessitava.»

Será esta reação surpreendente? Creio que não, após os sofrimentos pacientemente suportados que tinham sido a sua vida. É uma reação normal e, com descanso e compreensão e a ajuda e o conforto das almas dedicadas que cuidarão dela e trarão a Luz do Espírito para curar as feridas da sua experiência terrena, ela encontrará paz. A força renovará a sua própria fé no Grande Espírito da Vida, aquela fé que a sustentou através dos anos de sofrimento e aprisionamento em tempo de guerra num país estrangeiro.

Esta experiência deve ser muito normal, e mudou e floresceu e produziu beleza e paz radiantes.

Certamente que a perceção, até mesmo o ensino da possibilidade e desejabilidade de regressar à existência humana para reparar os velhos erros e conhecer as alegrias da verdadeira realização, é um passo para ser meditado e

debatido por aqueles que desfrutaram da paz do "mundo-do-céu" e iniciaram o progresso em direção às esferas superiores.

A maioria de nós deve ser como bebés quando chega pela primeira vez e, como as crianças, respondemos e aprendemos. Dizem-nos que "assim como é em cima, é em baixo".

Na terra não colocamos bebés em turmas de adolescentes, nem enchemos as nossas universidades com crianças. A vida consiste em passos progressivos para o conhecimento. Não será o mesmo no próximo mundo?

Outro ponto que requer exame é a questão de saber se o renascimento é necessário ou mesmo desejável para todas as almas?

Uma vida de realização e dedicação pode não precisar de mais experiência. Tal alma pode progredir com membros do seu grupo através dos Salões de Aprendizagem, em direção a Planos Superiores dos quais nós, na nossa ignorância natural, nada podemos saber.

A reencarnação é um caminho de progresso. Todo o progresso deve ser conquistado. A progressão pode ser em muitos níveis e em muitas direções.

Podemos ter a certeza de que seremos conduzidos aos passos certos para a frente e para o alto, e cada alma estará sempre no lugar certo para o avanço posterior no momento certo.

A doutrina da Reencarnação existe há séculos e fazia parte das crenças tanto da era egípcia como da grega. De facto, o renascimento figurou em tempos antigos e em religiões antigas. Não é uma doutrina nova.

Fazia parte da crença da Igreja Cristã primitiva, mas foi removida como artigo de fé no Concílio de Constantinopla.

Contudo, fiquei um pouco chocada ao saber de um alto clérigo que qualquer crença na Reencarnação danifica a crença e o prodígio da Ressurreição de Cristo. Deixo isso para os meus leitores contemplarem.

Regredir pessoas a vidas passadas tem sido, e continua a ser, uma grande experiência. Há pontos a favor e contra tais práticas.

Outrora, eu quisera ser assim regredida por um especialista até pensar seriamente sobre tal experiência. Pois acredito firmemente que tive uma encarnação como sacerdotisa Cátara no século XI em França; e os escritos do Dr. Guirdham* e as nossas discussões convenceram-me desta realidade.

- *Os Cátaros e a Reencarnação* — Neville Spearman.

Nasci desta vez com marcas castanho-escuras sobre um ombro e pelas costas abaixo. Todos os médicos que me examinaram ficaram fascinados pelas marcas, que cresceram com o crescimento do meu corpo transformando-se no

que parece ser um fluxo coerente de pele enegrecida pelo fumo. As marcas nunca se moveram, sangraram ou doeram, e os homens da medicina consideraram-nas um enigma estranho.

Tenho tido um conhecimento profundo de que em algum momento sofri, como muitos outros sofreram, a morte por tortura e fogo.

Os livros Cátaros do Dr. Guirdham confirmaram a realidade. No final dos anos mil e cem, a Inquisição, num caso em Montségur no Languedoc, amarrou cerca de cem Cátaros uns aos outros e queimou-os.

Enquanto eram conduzidos às estacas de queima, eram açoitados com ramos a arder sobre os ombros. Estaria este terror tão profundo na minha alma que persistiu como as manchas enegrecidas de pele no meu ombro esquerdo?

Nunca poderei ter a certeza, contudo nunca aceitaria a regressão; tal experiência poderia reavivar uma memória da alma de um horror inesquecível.

Num tema mais suave e feliz, gostaria de descrever o encontro com duas mulheres de tal beleza na minha vida, que as suas fisionomias eram um deleite e uma alegria para mim. Tornámo-nos amigas e descobrimos que ambas detinham a mesma crença no renascimento.

Os seus rostos eram fac-símiles de mulheres gregas, os seus perfis de contorno perfeito, as suas peles como mármore branco e os seus movimentos de grande doçura e delicadeza.

Havia pouca dúvida de que tinham sido gregas numa encarnação anterior e, na sua doçura, inspiravam respeito e admiração.

Como ambas eram de nacionalidade britânica e de ascendência britânica, esta linhagem grega definida poderia ser explicada através da Reencarnação!

Nenhum dos progenitores de uma das mulheres que conheci exibia qualquer sinal de tal ascendência, nenhum deles era fora do comum. Tinham fisionomias inglesas normais e agradáveis. Terá tal capricho de estranheza alguma explicação?

Uma história interessante que ouvi há muitos anos é, creio eu, relevante. Posso afiançar a sua veracidade.

Um egiptólogo, um homem inteligente e escritor, empregava uma empregada doméstica diária. A mulher queixava-se sempre amargamente do seu filho único. Ele era frio e insensível para com ela. Tirava-lhe o dinheiro e gastava-o. Nunca conseguia manter um emprego e, por isso, estava quase sempre desempregado e sem dinheiro, pelo que pegava naquilo que ela ganhava e gastava-o de forma imprudente. O seu patrão e a esposa começaram a ficar um pouco cansados do seu constante resmungar, mas ela era uma boa trabalhadora, de modo que deixavam passar, tornando o assunto uma piada entre eles.

Certa manhã, ela estava ocupada a limpar o pó do escritório do seu patrão, enquanto este estava à secretária a escrever uma carta. Ao esticar o braço para alcançar um envelope, ele percebeu subitamente que havia um silêncio estranho na sala.

Olhou em volta e viu que a mulher tinha interrompido o trabalho e estava recostada numa poltrona. Pensando que ela estivesse doente, dirigiu-se a ela. Parecia estar a dormir, mas murmurava entre dentes. Ele inclinou-se e escutou.

Ela falava numa língua estranha. Ele inclinou-se mais. Percebeu então que era um dialeto egípcio antigo. Agarrando num bloco de notas, escreveu o melhor que pôde os símbolos antigos. Pareciam fazer sentido.

Subitamente, ela moveu-se, abriu os olhos e sentou-se. "Devo ter adormecido", murmurou ela. "Desculpe, senhor. Fiquei um pouco perturbada ontem à noite. Não dormi muito." Ele sorriu para ela: "Não se preocupe", disse ele, e ajudou-a a levantar-se.

Notou então que, ao lado do espanador que ela apertava entre as palmas das mãos, estava uma valiosa estátua egípcia que ele conseguira comprar alguns anos antes. Era única — e tinha sido descoberta numa escavação.

A mulher tinha estado a agarrá-la e o seu primeiro pensamento foi para a segurança da peça. Com cuidado, tirou-lha, examinou-a em busca de qualquer sinal de dano e devolveu-a ao seu lugar habitual na prateleira da lareira.

Depois, enquanto ela continuava o seu trabalho, ele sentou-se e começou a pensar. Ela estivera a falar egípcio antigo; ele reconhecera os sons das palavras.

Era terrivelmente estranho. Tentou decifrar o sentido, mas descobriu que o seu conhecimento era insuficiente.

Nessa noite, visitou um amigo que ensinava línguas, um homem com um grande interesse em egiptologia. Juntos, examinaram os poucos símbolos. O seu amigo confirmou a autenticidade das mensagens escritas.

"Ela estava a murmurar pragas contra o filho", explicou ele, "e a lamentar a sua sorte por ter apenas este, e o quanto o odiava! Ele era grosseiro e feio — ela não o queria como filho."

"E no dialeto original," disse o patrão, "ela estava numa espécie de transe."

"Assim é", concordou o amigo. Olharam fixamente um para o outro.

"Mas ela não poderia saber isso!", protestou o patrão.

Poderia isto ser uma prova de reencarnação? Memória da alma, após um lapso de milhares de anos! E agora ela está a pagar pelo seu comportamento odioso para com ele. Uma ocorrência estranha, de facto! Não há mais nada a acrescentar, exceto a frase que me corre na mente.

"Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem muito fino."

CAPÍTULO X

A Morte não é o Fim

O livro está terminado, disse para mim mesma. Foi uma sensação extraordinária, como se tivesse perdido algo precioso. No entanto, havia alívio por o trabalho estar concluído. Durante alguns dias andei cabisbaixa, com dúvidas e receios na mente. Decidi guardar todo o manuscrito desarrumado e esquecê-lo por muito tempo.

Mas isso não foi possível. Lentamente, a monotonia que se apoderou de mim como rescaldo da tarefa de escrever diminuiu e morreu, e comecei a pensar em mandar dactilografar o manuscrito. Isto causou um problema.

A minha visão melhorou o suficiente para me permitir ver o mundo à minha volta, caminhar sozinha nas estradas e até ir às compras, embora tivesse de pedir ajuda para decifrar os preços das mercadorias. Mas não tinha visão de perto.

O meu novo médico, um jovem muito inteligente que tratava agora as minhas incapacidades com medicamentos homeopáticos, alertou-me de que era possível que a minha verdadeira visão de perto nunca mais voltasse, embora o coágulo de sangue atrás da pupila do olho estivesse a ser disperso. Isto foi um golpe, embora eu ainda mantivesse a esperança. Mas eu nunca conseguia ler nada do que tinha escrito; nem conseguia ler um livro ou jornal. Apenas com uma lupa potente conseguia discernir algumas palavras. No entanto, a minha visão tinha melhorado maravilhosamente e recusei-me a perder a esperança.

O livro estava escrito, a minha tarefa estava terminada e alguém seria encontrado para ajudar, lendo-me os capítulos lentamente, para que eu os pudesse corrigir. E depois, esperava eu, dactilografar o manuscrito para o editor que estava ansioso por vê-lo.

E assim aconteceu! A boa amiga, que tinha uma mente positiva forte e que me dera tanto encorajamento durante a escrita, tinha a certeza de que esta segunda parte da tarefa seria cumprida.

Certa manhã, quando eu estava muito deprimida, ela visitou-me. "Terá de ser alguém que compreenda e acredite no meu tema", lamentei-me. "E só conheço duas amigas que poderiam ajudar-me. Ambas vivem demasiado longe e têm maridos e famílias para cuidar."

"Já lhes perguntaste?", persistiu a minha amiga.

Abanei a cabeça. "Então", disse ela, "pega no telefone esta tarde e liga para aquela que poderá conseguir fazê-lo."

Assim, naquela mesma tarde de sábado, fiz exatamente isso. As primeiras palavras da minha amiga foram: "Oh, Helen, estive a pensar em ti a manhã toda. Quando vens ficar connosco outra vez?"

O resultado foi que todo o assunto foi discutido. Por sugestão da minha amiga, eu deveria ir ficar com ela e com o marido. Ela ler-me-ia os capítulos lentamente para correção; quando isso terminasse, eles trazer-me-iam de volta a minha casa e ela dedicar-se-ia a dactilografar o manuscrito depois de regressar. Foi maravilhoso. Eu estava de facto a ser cuidada!

A minha amiga tinha um bom sentido de humor; também tinha conhecido Frances Banks e admirava-a. "Parece que fui recrutada para te ajudar", disse ela, e eu tive a sensação de que talvez ela tivesse razão. Frances continuava muito ativa.

Agora que a minha mente estava aliviada quanto à dactilografia, senti que podia relaxar. Sentei-me e escrevi o meu próprio final com bastante alegria. Agora tudo estava feito! Mas estaria? O pensamento começou a crescer em mim de que outro capítulo tinha de ser escrito. Pois havia uma lacuna algures, uma omissão de alguma perspetiva do tema que não tinha sido coberta. Cada vez mais tinha a sensação de que Frances me estava a avisar de que ainda havia outro capítulo por vir.

Mas não foi antes de me ter dedicado à tarefa de organizar os capítulos pela ordem correta que o esqueleto do material adicional se insinuou na minha mente.

Tinha de haver explicações sobre o porquê de eu estar tão certa de que a vida persistia no Espírito após a morte do corpo.

Contudo, curiosamente, o capítulo só tomou forma após uma discussão com uma descrente.

Ela era uma pessoa muito inteligente e sagaz que perguntara se podia ler os meus livros.

Sondei-a. "Acredita noutro mundo após a morte?"

"Não", retorquiu ela com firmeza. "Não acredito! Não acredito em nada, e não há Deus."

Poderíamos ter discutido. Ansiei dizer: "Eu posso prová-lo!"

Mas de nada teria servido. Ela estava tão convencida das suas crenças como eu das minhas. A discussão ter-se-ia tornado demasiado intensa.

"Não discutas religião ou política", pensei, ao deixá-la. Mas agora eu sabia o título e a substância do capítulo extra que tinha de escrever.

Não há morte A morte não tem ferrão.

Algumas manhãs mais tarde, acordei com as palavras do capítulo a ecoarem na minha mente. E aqui estão algumas das provas pessoais que posso dar da minha própria fé e das minhas experiências terrenas.

Houve, ao longo da minha vida, tantas experiências pessoais que justificam a minha fé, que sinto que devo partilhar pelo menos algumas delas com os meus muitos leitores. Por isso, pretendo recordá-las exatamente como aconteceram, ou como me foram contadas por outros que viveram ocorrências semelhantes.

(a) Era o ano de 1950. O meu marido estivera em seis semanas de licença em casa quando, pouco antes da época de Natal, recebeu ordens para se juntar ao seu navio a 10 de dezembro. Estávamos a viver num pequeno apartamento na casa de um amigo canadiano em Londres. Que deceção ficarmos sem passar o Natal juntos.

Mas a mulher de um marinheiro está habituada a estas coisas. Dediquei-me às compras de Natal habituais. A 18 de dezembro, fui à Barker's, na Kensington High Street, para uma compra de última hora de postais. Não havia semáforos ali na altura, mas um polícia retinha o trânsito. Enquanto estávamos numa fila à espera de atravessar, "ouvi" estas palavras: "Se fosses atingida na cabeça e morresses, não saberias que estavas morta, pois não?"

Virei-me para olhar para o homem que estava ao meu lado. Teria ele proferido estas palavras estranhas? Ele olhou fixamente para mim. Voltei-me. Ouvi então novamente as mesmas palavras.

Nesse momento, o polícia de trânsito deu um sinal e avançámos para dentro da Barker's. Mas eu continuei a sentir-me preocupada.

Às três horas da manhã seguinte, o meu filho telefonou-me do Canadá. Disse-me que o pai tinha tido um acidente no navio e que um objeto pesado lhe caíra sobre a cabeça. "Podes voar para cá amanhã, Mãe?", perguntou ele.

"Sim", respondi. "Ele... está...?" Houve um silêncio. "Sim, Mãe. Ele... ele morreu ontem à noite."

Portanto, as palavras tinham significado — pelo menos para mim. O meu adorado marido estava a tentar dizer-me — e ele não sabia que já estava morto. A morte verdadeiramente não tem ferrão.

A minha segunda experiência pessoal prova para mim outro ponto: a morte não apaga o amor por aqueles que ficam na terra.

No dia seguinte voei para o Canadá. Fui apressada através de todos os preliminares, até a vacinação, colocada num avião para Montreal e daí noutro para New Brunswick, para um quarto de hotel já reservado para mim.

O meu filho foi buscar-me. Estávamos agora a 20 de dezembro. Disse-me que o funeral tinha sido marcado para a véspera de Natal.

O serviço foi triste e silencioso, conduzido pelo clérigo local na Capela da agência funerária. Lembro-me do dia, frio, escuro, com a neve a cair. Muitas pessoas estiveram no serviço.

Quando este terminou, a esposa de um dos funcionários da Companhia sugeriu que eu voltasse para casa com ela.

"As mulheres não vão muito ao enterro aqui", sugeriu ela. "E tu pareces exausta. Vem, senta-te junto à lareira e eu preparo-te um bule de chá."

Senti que não aguentava muito mais. O meu filho também concordou com a sugestão dela, por isso deixámos a pequena procissão.

Na casa dela, relaxei junto ao fogo numa casa quente e bebi o chá quente e forte. Depois ela deixou-me para descansar. Mas eu não conseguia dormir. Estava atordoada e cansada e, de repente, terrivelmente assustada. O que me ia acontecer? Sabia que tinha ficado com muito pouco dinheiro. O nosso seguro tinha servido para pagar uma casa que tínhamos construído quando a guerra chegou. Agora tinha sido vendida e o dinheiro dividido entre nós. Mas restava tão pouco.

Sentei-me junto àqueles troncos em brasa, triste e sentindo-me perdida. Não haveria compensação pela morte do meu marido e eu não tinha dinheiro para processar ninguém.

Pensei no meu marido e nos nossos planos para o futuro. Tínhamos pensado em comprar uma pequena casa de campo no interior de Inglaterra quando ele se reformasse. Agora não havia nada. Agora o seu corpo silencioso estava a ser levado em direção à cova aberta no cemitério dos marinheiros, no alto da colina com vista para o mar. "O marinheiro está em casa, vindo do mar." As palavras de Robert Louis Stevenson vieram-me à mente. Queria chorar, mas as lágrimas não vinham.

Lentamente, tomei consciência de palavras a serem ditas no meu cérebro. Eram repetidas repetidamente, até que finalmente comecei a escutar. "Vais ficar bem" — e depois o nome carinhoso pelo qual o meu marido sempre me chamava. "Vão cuidar de ti, estão a conseguir-te uma boa pensão. Por favor, não te preocupes" — e depois, novamente, o nome carinhoso.

As palavras vinham, eu sabia-o, do espírito do meu querido marido. Não poderia haver qualquer dúvida possível.

Mal conseguia acreditar. No entanto, a sua promessa tornou-se realidade. Recebi uma pensão suficiente para as minhas necessidades, como ainda recebo hoje. O meu marido estava a zelar pelo meu bem-estar, mesmo quando o evento solene da morte mal se tinha registado para ele.

O amor não acaba. O Espírito lembra-se e cuida.

Esta é a minha experiência e a minha mensagem, tal como é a de Frances Banks. E é verdade. Graças a Deus.

O Perfume do Lilás

Esta é, creio eu, uma história belíssima e comovente, pois não só é verdadeira, como mostra o amor entre duas pessoas, um amor que continuou para além da morte.

Foi-me contada por uma amiga que dedicou toda a sua vida a cuidar dos doentes. Formada como enfermeira, seguiu na sua profissão escolhida para se tornar Enfermeira-Chefe de enfermaria e, mais tarde, Assistente da Enfermeira-Superintendente num hospital de quinhentas camas.

Tenho pensado frequentemente que as enfermeiras, que estão tantas vezes presentes nos leitos de morte, devem estar frequentemente envolvidas em partidas deste mundo que são espiritual e misticamente superiores às nossas conceções quotidianas.

Durante um período da sua vida, a minha amiga dedicou-se à enfermagem privada. Um dia, o seu médico pediu-lhe que cuidasse de um velho cavalheiro que estava seriamente doente com pneumonia. "Ele não durará muito", disse-lhe ele. "Provavelmente partirá esta noite. Mas gostaria que estivesse ao lado dele."

A minha amiga chegou à grande casa de pedra rodeada por um belo jardim. O velho jazia muito quieto numa das camas individuais num grande quarto de casal. Do lado de fora de uma das janelas estava um lilás roxo em flor, cujo perfume enchia o quarto do doente.

A esposa do paciente, uma velhinha frágil, dormia no quarto de vestir adjacente. A nova enfermeira viu que havia um sofá no quarto onde poderia descansar e livros para ler na longa vigília noturna.

Ela acomodou o velho, lavando-o e cuidando dele; viu que ele estava parcialmente inconsciente e recordou as instruções do médico. "Se ele partir durante a noite, não me chame. Eu virei de manhã. Deixei-lhe um sedativo para a esposa, caso ela precise."

A minha amiga foi ver a velhinha e encontrou-a confortavelmente na cama e a dormir. Depois regressou ao sofá para a sua vigília noturna.

Começou a ler um livro e, de tempos a tempos, ia até à cama para ver o seu paciente.

A minha amiga retoma agora a história. A noite estava quente e as janelas estavam abertas; o perfume dos lilases era doce e pesado no quarto.

"Nunca esquecerei aquele aroma", disse-me ela mais tarde. "Sentei-me no sofá junto ao meu candeeiro com abajur e tentei ler, indo de vez em quando ver como ele estava. Tudo estava muito quieto. O tempo passava devagar. Foi nas primeiras horas da manhã que, ao levantar os olhos do meu livro, vi que a velhinha tinha entrado no quarto e estava de pé junto à cama do marido. Olhava para ele. Não querendo perturbá-la, fingi continuar a ler e, quando olhei para cima alguns minutos depois, vi que ela se tinha ido embora. Fui até ao velho. Ele não se tinha mexido e voltei para a minha cadeira. Pouco tempo depois, fui novamente à cama e vi que ele já tinha partido, deslizando silenciosamente para a sua vida seguinte. Assim, a sua esposa deve ter vindo despedir-se, pensei. Pobre alma. Decidi que seria melhor ir dar-lhe a notícia.

"Encontrei-a deitada, muito quieta. Não se tinha movido, e afastei-me, deixando-a continuar a dormir.

"Antes de chegar à porta de comunicação, no entanto, senti que tinha de voltar. Enquanto estava ali a olhar para ela, percebi que ela também estava morta. Não havia nada que eu pudesse fazer, apenas esperar pela chegada do médico. Mas eu sabia. O espírito dela tinha vindo buscar o seu amado marido uns minutos antes de ele também ter deixado o seu corpo humano. Os parceiros de uma vida inteira que nunca se tinham separado estavam agora juntos em espírito."

Devo explicar que a velhinha nunca se tinha movido, a roupa da cama não tinha sido perturbada. A vida tinha simplesmente escapado dela silenciosamente.

Como deve ter feito tantas vezes antes, foi até à cabeceira dele para ver como ele estava, quando ele estava no ponto de morrer. O velho, sem dúvida, estava ciente da sua presença. Talvez — e creio que ousamos dizê-lo — isso o tenha ajudado a libertar-se do seu corpo velho e cansado.

Deve ter sido um momento verdadeiramente maravilhoso para ambos. Unidos agora em espírito, mas ainda não na plena consciência do espírito, partiram juntos, com o perfume do lilás em redor, para a consciência da vida espiritual.

A minha amiga tem a certeza de que não viu a velhinha sair do quarto e voltar para a cama. Ambas estavam mortas e nenhum dos corpos tinha sido perturbado, nem a roupa das camas estava amarrotada. Não admira que o perfume do lilás traga sempre de volta a memória. Por um segundo, ela deve ter visto realmente a forma espiritual da esposa à espera ao lado da cama para que a do seu ente querido se lhe juntasse.

A morte não é o fim. E o amor transcende a morte. O amor nunca morre, pois faz parte do Espírito.

CAPÍTULO XI

Perguntas Respondidas

Frances Banks

Perguntas se somos felizes? Essa é uma palavra que dificilmente se aplica ao nosso estado de vida. A felicidade, que parece ser tão importante para muitas pessoas não esclarecidas, não tem um significado real para nós. Estamos em paz.

Quantas almas que se consideram felizes encontraram verdadeiramente a paz, ou compreenderiam se lhes perguntasses se estavam em paz? A felicidade é transitória. A paz da alma, que a entidade sobrevivente adquire lentamente, é de tal valor e permanência que assume proeminência sobre tudo o resto.

Para nós, a paz é felicidade, embora duvide que muitos aqui pensem dessa forma. A paz em todas as coisas, de todas as formas, em todas as mentes, em todas as esperanças futuras, é um atributo que tem de ser merecido. Ganhar e receber essa paz é, para nós, a própria vida. Pois ela é conquistada, não pelo sacrifício — exceto o das nossas paixões e das nossas iras —, mas pela Unicidade com o Espírito da Paz.

Pela observação feita pelos habitantes do vosso mundo que aqui chegam, existem poucas almas que foram capazes de encarar a mudança com equanimidade e, certamente, não com paz. Não há dúvida de que, porque a morte é erradamente associada ao medo e até ao terror, a passagem da alma de uma consciência para outra está repleta de ansiedade desnecessária. É por isso que os nossos recém-chegados, após serem saudados e acolhidos por aqueles que amaram, encontram alívio ao repousarem as suas mentes perturbadas.

Mais tarde, ao comunicarem com outras almas, percebem que sofreram traumas desnecessários. Frequentemente, as almas apenas recordam o sofrimento de antes de passarem de um mundo para o outro, mas, na doce paz do seu repouso no Espírito, a memória desvanece-se gradualmente.

A paz tem de ser aprendida e praticada. É uma atividade da mente e da alma. Por isso, quando o corpo é cortado, ocorre naturalmente uma grande mudança. A Mente do Pensamento começa a trabalhar; a mente do corpo desvanece-se no nada. Cabe à alma recém-repousada descobrir se deseja permanecer sozinha, ou reunir-se aos seus entes queridos, ou encontrar um professor para a instruir sobre o progresso que pode agora fazer, ou até se existe um lugar onde possa servir os outros.

Mas, durante todo o tempo, ela estará a absorver paz, aprendendo a controlar as suas reações ou ressentimentos face à sua separação da vida material, ou a acalmar os seus arrependimentos perante falhas que agora percebe. Não há coação. Ela é um espírito livre. O seu pensamento está agora desprovido de terror e preocupação; gradualmente, ela absorve a paz que as outras almas absorveram.

Estar em paz torna-se uma normalidade. A alegria da liberdade de quaisquer restrições, a gloriosa música das esferas, a beleza do crescimento natural, são todas suas. Tudo isto está para além da ideia normal de felicidade. A própria alma está a aprender a responder à paz e à paz interior.

Foram levantadas questões sobre afirmações anteriores feitas em *O Testemunho da Luz* relativas a Grupos aqui e nos Mundos Superiores. Por que deveria isto causar dúvida nas mentes dos homens? "O que está em cima é como o que está em baixo" foi sempre um indicador para explicar padrões de comportamento. É a lei da natureza, e a natureza não é senão uma parte da execução do espírito.

Animais e aves reúnem-se em grupos e bandos; peixes em cardumes, abelhas em enxames; não é, pois, natural que os humanos se reúnam em famílias, parceiros, raças e nações? O semelhante atrai o semelhante.

No próximo mundo, deveria ser considerado estranho que as mesmas parcerias, para aprendizagem e serviço, sejam uma característica da experiência da alma? Na verdade, é tão natural como no mundo da matéria, exceto que, neste plano, estes Grupos têm um propósito mais profundo. Pois agora a alma está a descobrir a sua verdadeira identidade, abrindo caminho para cima através dos Salões de Aprendizagem, das Escolas de Filosofia, dos grandes Centros de música, arte, literatura e para a compreensão da consciência cósmica conhecida pelos Mestres.

Fomos criados à imagem de Deus; saímos do grande Centro de Luz, o Espírito Criativo, para ganhar força através da experiência, antes de regressarmos a esse Ponto de Luz para nos tornarmos Um com Ele novamente; um Progresso do Peregrino de Vida infinita, contudo, não um caminho solitário de almas individuais em luta, mas um crescimento de espíritos agrupados, ligando o seu caminho à eventual Eternidade.

"Encontraste o Espírito no teu novo despertar depois de teres deixado o plano terrestre?", perguntei. Houve um silêncio. "Acredito", respondeu Frances, "que estou mais consciente do que o Espírito faz, e ainda quase incapaz de decidir o que Ele é."

"Mas tu vives no Espírito", protestei. "Verdade, não tenho um corpo terrestre sólido e vivo na mente, que gradualmente se desenvolve na Mente eterna. Como Jesus nos disse: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas'. E assim é. Mas descobrir as entradas e até ser permitido entrar torna-se uma questão de a Mente dentro de ti assumir a ascendência sobre a mente com que vieste para esta vida após a morte do corpo."

Eu tentava formular outra pergunta, mas a mente de Frances já estava em contacto novamente. "Nunca me arrependerei da minha decisão de trabalhar no mundo, nem nunca renunciei a qualquer dos meus votos que aprendi na Ordem.

Mas agora, ao tentar descrever a minha própria chegada e experiências, sei que a vida religiosa foi uma escola maravilhosa para compreender a vida do Mundo do Pensamento.

"Não nos tornamos imediatamente anjos ou sequer Seres de Luz celestiais, o que foi uma crença popular durante muitos séculos, mesmo entre as Igrejas. Muita preparação é essencial para as almas dos recém-chegados. Ajustes devem ser feitos e compreendidos. "Para alguns, chega como um grande alívio e uma libertação maravilhosa do Espírito. Para outros que existiram quase inteiramente num nível material e sensual, muitos ajustes são necessários antes que possam, por assim dizer, seguir em frente. "Eu própria o fiz, embora talvez não tão lentamente, uma vez que a minha vida tinha sido passada a obedecer às regras do Convento de meditação e oração."

O livro estava terminado, pensei, embora ainda não dactilografado, quando recebi uma carta colocando uma questão que parecia suficientemente importante para ser respondida. Acredito que esta questão preocupa mais leitores do que eu imaginara. De uma leitora, que eu nunca conhecera, ela escreveu sobre a sua vida de dor e a perda de um filho por leucemia.

Escreveu sobre aquelas almas que tinham progredido para regiões superiores de sabedoria e iluminação. No entanto, ela duvidava que pudessem descer da sua sabedoria exaltada para encontrar entes queridos do plano terrestre quando estes chegassem ao próximo Mundo. Pensei sobre isto durante alguns dias e pedi ajuda para encontrar a resposta.

Esta manhã a ajuda veio quase antes de eu estar devidamente acordada, e apressei-me para a minha secretária para escrever. Sei apenas que vem do Espírito da Sabedoria; não preciso de indagar sobre a Fonte ou o Canal.

A alma não pode morrer! A vida no corpo termina, mas a alma, com as suas memórias, está instantaneamente desperta no novo ambiente em que se encontra. Contudo, pode ser que esta alma seja uma estranha numa terra estranha se, como acontece tão frequentemente, tiver sido submersa pelas exigências, desejos e apegos às suas necessidades corporais. Com efeito, o elemento humano durante a vida terrena cegou e sufocou de tal modo os instintos da alma que, quando esta finalmente chega a casa após a morte, a alma está tão fraca e franzina como uma criança recém-nascida, necessitando muitas vezes de muita ajuda daqueles que esperam para a saudar.

Deve ser dito aqui que muito do que tem sido ensinado e aceite acerca da vida após a morte baseou-se em conceções medievais, que requerem atualização para o mundo diferente e mais sofisticado de hoje. O próximo Mundo não muda; é a nossa conceção alargada dele que nos leva a examinar as evidências de mudança. O próximo Mundo não é um lugar ou região. É uma consciência diferente.

Assim, quanto à pergunta e resposta. Como já dissemos, o que está em cima é como o que está em baixo. Aqui, no nosso mundo concreto, podemos subir e podemos depois descer. Mas não podemos descer sem antes termos subido.

Da mesma forma, aquelas almas que progrediram nesta experiência terrena, ou que progrediram na sua experiência pós-morte, podem sempre descer a esferas inferiores em paz e segurança para ajudar outros espíritos que sobem, ou para acolher e ajudar amigos e entes queridos vindos do mundo da matéria.

Podem então regressar às suas esferas avançadas quando e se o desejarem. Ou, como muitos fazem, permanecer para transmitir o seu próprio conhecimento.

A alma, como devemos compreender, evoluiu do Espírito Criativo a que chamamos Deus e, pela própria Lei de Deus, num tempo não predestinado, regressará a esse Espírito, numa experiência da própria Vida, obedecendo assim à Lei: Ide e regressai. Sem tal aventura na Lei não pode haver avanço. Como já demonstrado, copiamos no plano terrestre aquilo de que as nossas almas se lembram do Espírito.

Tão perfeita é a Lei, que o caminho para tais Esferas está aberto a todos, mesmo que possa levar incontáveis anos terrestres para ser alcançado. Poderá haver também outros mundos onde possamos obter experiência. Não temos conhecimento definido de tais mundos no momento. No entanto, isso também poderá ser uma etapa posterior no nosso progresso.

A Lei de Deus, que podemos designar como a Luz Desafiadora, é perfeita: estamos sempre no lugar certo à hora certa para experienciar aquilo que construímos nas nossas vidas — mesmo que possa ser a morte. As guerras e o ódio resultam do facto de estarmos todos em diferentes estádios de crescimento. É uma Torre de Babel, onde todos falamos diferentes línguas da Alma.

O mundo é composto por almas jovens ansiosas por aventura, almas em desenvolvimento, almas maduras, almas avançadas, almas velhas e sábias; por vezes, até uma alma Iluminada visitará o plano terrestre para um trabalho especial. Entre essas devemos colocar Jesus Cristo, Buda e outros Mestres Orientais, bem como muitos dos nossos santos ocidentais, que vieram à terra com uma mensagem para a sua Época.

Ouçamos, portanto, e escutemos a sua mensagem, a fim de que o nosso próprio avanço espiritual possa ser acelerado.

Parte II

Deixa ir, e deixa com Deus

A Lei de Deus (o Espírito) é a perfeição. O homem, na sua ignorância, exerce o seu próprio livre-arbítrio, ignorando demasiadas vezes o Espírito dentro de si. Apenas quando o homem viver dentro do Espírito do seu Criador haverá perfeição e verdadeira paz na terra.

Entretanto, sofremos e morremos, para regressar e sofrer novamente. Quantos milhares de anos terrestres passarão antes de acreditarmos e vivermos os Ensinamentos de Jesus? Cada passo em frente é um passo adiante rumo a essa Luz.

CAPÍTULO XII

O Desafio da Luz

Frances Banks

"O termo 'a Luz Desafiadora' pode ser considerado um termo impróprio. A Luz é em todos os momentos uma bênção. Ela eleva e ilumina o caminho. Mas é também desafiadora, porque uma luz que é demasiado vívida ou demasiado forte pode cegar, e até levar ao desastre.

O que reconheço agora como um desafio na Luz do Espírito? Os seres humanos vivem num mundo dividido entre o materialismo temporário e a Espiritualidade inata. Até chegar a este mundo, eu não tinha reconhecido verdadeiramente as dificuldades, os inconvenientes e as falhas causadas por esta dualidade no homem. Deixem-me explicar a partir da minha própria experiência terrena.

Durante os vinte e oito anos que passei na Ordem, cada minuto do meu dia estava pré-determinado. Além de cumprir a Santa Regra, os tempos de oração, os silêncios, as horas de meditação prescrita, os meus dias eram passados a ensinar. Tinha dedicado a minha vida ao serviço de Deus.

Tendo aceite e escolhido esta vida, a minha alma estava em paz, embora estivesse frequentemente cansada com os meus deveres e responsabilidades. Mas agora vejo como eu estava protegida nesta vida do Espírito. Estava alheia ao mundo material. Não lidava com dinheiro. O meu salário era pago diretamente à

Ordem. Quaisquer Direitos de Autor recebidos pelos meus livros publicados tornavam-se também parte do rendimento da Ordem.

Mas eu estava satisfeita e em paz. Não foi senão quando o meu Eu interior me impeliu a sair para o mundo para aprender mais sobre os Mistérios do Espírito e da Matéria que a perceção do desafio me foi imposta com força.

O poder do dinheiro começou a afetar a minha vida. O mundo, descobri, era um lugar hostil; a Luz do Espírito tornou-se ténue na luta diária pela existência. O Desafio estava diante de mim, e talvez a minha vida dividida tenha feito a minha alma tremer, e eu vacilei. Agora sou capaz de julgar tudo isso com desapego. Na altura, eu não estava preparada para as dificuldades e provações da existência humana comum.

Uma vez, até decidi voltar para o Convento. Estava desesperada e sozinha; resolvi telefonar à Madre Superiora e pedir para me ser permitido regressar. Era um dia de chuva torrencial, eu estava a alguma distância do Convento e mal tinha dinheiro suficiente para lá chegar.

Parecia que percorria inúmeras ruas, à procura de uma cabine telefónica. Estava encharcada até aos ossos e intensamente infeliz. Finalmente encontrei o que procurava. Entrei ansiosamente e peguei no auscultador. A linha estava avariada. Eu não podia voltar atrás. Fiz o caminho de regresso ao meu alojamento monótono.

Nessa noite soube o que tinha de fazer. A porta do meu antigo retiro tinha-se fechado para mim. Havia outro caminho a seguir e um trabalho diferente a ser feito. Decidi voltar para o meu próprio país onde, com a ajuda de amigos bondosos, me foi fornecido dinheiro e roupas. A segunda parte da minha vida tinha começado.

Provou ser o passo correto; obtive o cargo recém-criado de Tutora-Organizadora na Prisão de Maidstone, e gostei do trabalho e da nova vida. Foi aqui que me tornei amiga de Helen Greaves. Chamava-lhe o meu 'Telefone Celestial', e ela provou ser digna desse nome.

Mais tarde — para minha grande alegria — a minha querida Madre Superiora falava-me muitas vezes através do 'telefone' da Helen. Depois soube da recém-formada Associação das Igrejas para Estudos Psíquicos e Espirituais, e a Helen e eu aderimos ambas.

O Caminho tinha-se aberto diante de mim. Eu não estava perdida nem enganada. O Espírito tinha-me conduzido. O isolamento do Convento deu lugar ao desafio do Espírito de Luz na plataforma aberta.

Mais tarde, ocupei um pequeno apartamento por cima do da Helen, no campo, em Addington, e formámos o primeiro de muitos grupos privados de meditação. Continuou por mais de dezoito anos.

A minha doença surgiu como um choque e a minha passagem para a próxima vida... como uma tristeza, uma vez que tive de deixar tanto trabalho inacabado. Tentei mostrar neste livro como o Espírito desafiou ambas, a inspiradora e a escritora.

Cabe ao leitor decidir se o Desafio foi correspondido. Só o tempo mostrará se a Luz brilhará para ajudar aqueles que duvidam ou que temem a força dessa Luz.

Na minha consciência atual, posso olhar para trás e compreender que o meu tempo na terra se destinava a este trabalho, e a minha vida tranquila no Convento preparou-me para ele. Eu tinha morrido a fim de aprender um conhecimento e compreensão maiores que pudesse enviar num livro para ser recebido pelo mundo material.

Uma das lições que espero que seja mostrada através da história da minha vida é que *o Espírito conduz*. O caminho certo está sempre lá para o tomarmos, mesmo que seja difícil. A Luz conduz sempre! Essa Luz pode brilhar através de outras pessoas; o seu caminho pode serpentear através de dificuldades e obstáculos insuperáveis, e até através da morte do corpo físico.

Ela nunca se apaga completamente. É apenas a nossa visão que se torna débil e nos faz desistir.

Aqui a Luz brilha intensamente e a maravilha e majestade do Espírito são mais facilmente compreendidas por aquelas grandes Almas que progridem para cima, em direção ao Coração de Deus. O Centro da Luz é inspiração, força e propósito para aqueles que, como eu, estão a aprender a confiar no Espírito.

Que este livro inspire os viajantes na terra a perceberem, como Jesus ensinou, que o Reino do Céu está dentro deles; e que o caminho a seguir é acreditar e conhecer o Espírito, confiar na sua Luz e aceitar o seu Desafio.

No entanto, a Luz pode ser usada para desafiar. Pode revelar o que a escuridão esconde. Um homem ou uma alma (se preferirem) pode, por razões suas particulares, ocultar-se dos outros, perder-se, por exemplo, na escuridão de uma floresta ou na selva dos bairros degradados urbanos.

Da mesma forma que se usa uma lanterna acesa para procurar uma pessoa perdida, assim a Luz do Espírito ilumina o caminho para os Filhos Pródigos do vosso mundo e de todos os mundos. Quando a Luz os procura, eles são revelados como realmente são. Então o mal, e o bem, são expostos; as promessas não cumpridas, os dons não desenvolvidos e os anos desperdiçados.

A Luz revela, desafia e, graças a Deus, muitas vezes desperta. Para que a Luz Desafiadora se possa tornar a Luz Despertadora.

Contudo, há milhões de homens e mulheres que passam toda a sua vida sem nunca questionarem a razão de viver. Apáticos, não despertos, parecem dormir através de toda a promessa das suas vidas. Nunca se perguntam: Quem sou eu? O que sou eu? Por que estou aqui? A religião fica confinada à Igreja.

A Luz do Espírito chama-os a despertar. Mas como despertar, perguntas tu? Vai para dentro, descobre o teu eu interior. Medita sobre ti próprio e sobre a tua relação com o Deus-Espírito dentro da tua própria alma, e pensa nas palavras registadas de Jesus: 'O Reino de Deus está dentro de vós'. 'Eu (o Espírito), se for levantado, atrairei todos os homens a mim'."

"Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á." "Eis que eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo."

Tais meditações podem ser praticadas enquanto se monda o jardim — ou durante um passeio no campo e em grupos de meditação.

Todos temos formas diferentes de perceber a nossa Unicidade com Deus. O Espírito Santo é o mediador e o desafiador. Trabalhar e viver na Luz do Espírito é a manifestação de Deus em nós.

A Luz do Espírito é uma Luz Desafiadora.

Somos tanto espíritos agora como alguma vez o viremos a ser. Somos irmãos e irmãs em todas as terras, todos os mundos, todos os estados de consciência, quer despertos para a Luz, quer obscurecidos pela traição, ganância, medo, preguiça, falso ensinamento ou estupidez.

Homens e mulheres transformaram o Espírito Criador num Deus-Homem, e falharam em perceber que somos parte desse Espírito Criador.

Nós aqui somos Espíritos, tal como vós sois espíritos nos vossos corpos terrenos. A nossa consciência foi libertada da dualidade do pensamento terreno, no entanto somos os mesmos em Espírito. Ainda amamos aqueles que amámos na terra; ansiamos ajudá-los quando sucumbem ao mal, ao medo, à ganância ou ao ódio, todos os quais obscurecem a Luz do Espírito neles e os conduzem ao desastre.

Poderíamos (e por vezes fazemo-lo) ajudar a guiar estas vítimas para uma nova compreensão e paz. Ansiamos fazer mais.

Mas — há um abismo criado — não pelo Espírito, nem por nós, mas pelo homem.

O homem teme e desconfia da comunicação com aqueles amigos, mestres e inspiradores que considera estarem mortos. Mas nós não estamos mortos. Nós vivemos.

Contudo, desde os tempos mais remotos registados, homens sábios, profetas e santos possuíram o dom de serem capazes de comunicar com os espíritos. Mas estes poderes foram frequentemente abusados e charlatães obtiveram lucro pretendendo prever futuros. Devido a tal má prática, o homem tornou-se cético, fazendo com que a clarividência e a clariaudiência fossem varridas da sua vida espiritual. Nós, nesta consciência, sentimo-nos entristecidos pela humanidade. Mas ainda há homens e mulheres que possuem o olho que vê ou o ouvido que ouve, bem como aqueles que têm o dom da cura, e temos notado que o dom da cura verdadeira, extraído do Espírito, está a ser lentamente aceite pelas Igrejas e por muitas pessoas.

É apenas quando o dinheiro predomina que estes dons se tornam contaminados e estragados. A Bíblia explica que estes são dons Espirituais não criados para o progresso material.

Ninguém pode esperar ser recompensado pagando dinheiro por tais serviços. Estes dons são do Espírito e serão recompensados pelo Espírito.

Esse tem sido o erro do homem. Os dons do Espírito são gratuitos e devem ser dados gratuitamente.

Tais dons, se aceites e reverenciados pelas Igrejas, podem confortar os enlutados e guiar aqueles que estão em dificuldades através das vicissitudes terrenas. O clero das paróquias prega e realiza o trabalho de caridade, mas, pela minha própria experiência e pela de outros, parece que não estão dotados desse olho interior e desse ouvido atento que podem trazer verdadeiro conforto espiritual aos enlutados. O dinheiro é uma forma de troca instituída para o pagamento de coisas materiais e nunca deveria ser incluído no dom gratuito do Espírito. Mas doar dinheiro a instituições de caridade não contamina o Espírito, nem tenta aqueles que possuem os Dons a vendê-los na praça pública.

Se as Igrejas e as pessoas aceitassem estas pessoas dotadas, isso não só as manteria afastadas do ganho financeiro, mas também nos ajudaria a ajudar-vos!

Ao vermos o vosso mundo caminhar para o caos devido à vossa dependência da riqueza e do poder terrenos, ansiamos guiar-vos e ajudar-vos. Mas entre nós existe este abismo. O vosso mundo deve construir a ponte sobre este largo mar de ignorância, medo e ganância que durante tanto tempo provou ser uma barreira intransponível.

Mas e quanto às comunicações privadas e interiores que ocorrem no santuário do próprio coração? Pensamentos de amor e bênção enviados aos entes queridos que partiram, como pequenas nascentes num deserto. Eles asseguram aos viajantes deste mundo que esses entes queridos continuam a lembrar-se deles. Nós aqui lembramo-nos daqueles que ainda estão na jornada da vida. Não se esqueçam de nós.

O homem teme aquilo que não conhece. O seu instinto tem sido o de ridicularizar o que não compreende. Isto foi ilustrado através das vidas de inventores que ousaram romper com a ignorância comum da consciência terrena.

A possibilidade de o homem poder criar uma máquina que superasse a força da gravidade, e o elevasse ao céu para voar em aviões alados, foi ridicularizada.

A consciência terrena sustentava que tais eventos eram impossíveis, improváveis, até ridículos. Mas a consciência Cósmica reconheceu não só a probabilidade, mas também a possibilidade.

Assim, voamos. Caminhamos na lua. Alcançamos outros planetas. Superamos o problema do espaço.

Dentro da mente do homem está o saber — mas no tempo certo, e através do trabalho, ele pode colocar esse conhecimento em ação.

Através dos tempos, o homem falou e maravilhou-se com a mente que estava em Cristo Jesus. Mas Jesus insistira que esta Mente estava em cada um dos seus ouvintes, se eles apenas se libertassem da crença terrena e reconhecessem a nova consciência em si mesmos — uma perceção e crença na Mente dentro de nós, esse Espírito interior, esse Esplendor Aprisionado que é sufocado pelo medo e pela ignorância.

Muito lentamente, o homem está a descobrir que não precisa de ser limitado pelo conhecimento terreno.

O caminho para as estrelas está a ser aberto pelos grandes milagres da tecnologia moderna, pelas maravilhas da cirurgia moderna e pelas novas aventuras da mente. O homem que pensa está a perceber que a verdadeira consciência é o reconhecimento e a aceitação do Espírito de Deus dentro de cada alma. Jesus sabia e ensinou isto; ele demonstrou as suas maravilhas e foi temido e morto por isso. Mas a semente foi lançada.

Existe uma consciência mais profunda dentro de todos nós e, quando a fé no Espírito é mantida, não existem limitações no seu desenvolvimento.

E, no entanto, com todas as maravilhosas possibilidades que se abrem perante a humanidade, a humanidade está a destruir-se a si mesma. Hoje o ódio, o medo e a inveja são os nossos deuses e a nossa terra corre o risco de ser destruída por eles.

Irá a humanidade provar ser indigna do Espírito do seu Criador?

Os Grandes Seres, que viveram na terra, no seu conhecimento e compreensão sempre pregaram a paz, a unidade, o amor, a compaixão. Sem esta consciência espiritual, as maravilhas e revelações do Espírito dentro do homem não podem florescer. O homem foi criado através do Espírito da Eternidade.

Mas, ao longo da história, a evolução do homem tem sido interrompida por holocaustos de destruição.

Todas as nossas orações não têm qualquer consequência enquanto não aprendermos o significado da própria vida. Para se perceber um Esplendor Interior, o caminho da alma deve governar os desejos do corpo. Pois o corpo é perecível, mas a alma é imortal. Quando o homem puder vislumbrar uma nova Era, o seu desenvolvimento terá atingido um ápice.

O Espírito do Progresso enriquece as almas dos homens. Que ele não seja empregado para destruir a humanidade.

Tal Luz é atenuada e obscurecida pelo poder ilusório da existência terrena. O progresso emerge da dor, da luta e do uso da Vontade. Mas o que é esta vontade que pode tornar-se tão fraca que perde todo o seu poder? Ela pode ser usada para o bem, para o trabalho positivo e para o progresso em benefício de quem a usa, bem como dos seus vizinhos, do seu país e até do Mundo. Mas este mesmo poder da vontade pode ser tão desorientado que trabalha apenas para a satisfação própria e para o egoísmo. Esta é a liberdade de ação do homem, dada a ele pelo seu Criador — um dom que necessita de cuidado e controlo.

Talentos para Usar

Talentos para usar, talentos para usar: Agora com o Teu Espírito todos os homens infunde; Desviando os seus corações de como abusam De talentos inerentes, quando recusam Pausar e meditar: — Como devem usar Talentos que lhes foram destinados — talentos para usar. *Giles Lang*

Após eras de progresso, o mundo da humanidade ainda luta com os efeitos do seu livre-arbítrio.

Mas este livre-arbítrio não deve ser inteiramente divorciado do seu Criador. Divergir da Luz é a causa da destruição do progresso no mundo moderno.

Parece, pela história, que esta não é a primeira vez que o homem confia inteiramente no seu próprio poder, ambição e ganância.

Mas a atual desconfiança entre as nações abriu uma força negativa de medo.

Neste momento presente, os habitantes deste — e talvez de outros mundos — estão a viver num nevoeiro negro de medo. Alguns dos melhores cérebros estão a ser aplicados apenas na invenção de novas e mais terríficas armas de guerra; uma quantidade aterradora de tempo, dinheiro e dos melhores materiais é empregada no seu fabrico. Onde nos levou este livre-arbítrio? E a que desastre nos levará?

Esta chamada civilização tornou-se estranha ao Espírito da sua criação. Já não acredita que uma vida progressiva e positiva possa ser estabelecida nas pessoas e nas nações.

O medo pode ser superado pela fé, e a crença pode mudar as vidas individuais de comunidades e países.

O Criador Divino tem um propósito e usa-nos como Seus instrumentos.

Parece ser este o lugar apropriado para relatar uma história.

Esta é uma história verdadeira, profundamente espiritual e de grande significado.

Até agora, nunca tinha compreendido por que me foi contada esta história.

Agora sei, pois esta manhã, durante as minhas meditações, foi-me dito por Mentes Superiores à minha para a escrever.

Num fim de semana, durante o final dos anos sessenta, logo após *O Testemunho da Luz* ter sido publicado, eu estava presente numa Conferência sobre a vida Espiritual e tinha dado uma palestra sobre o assunto.

Na noite de domingo, um homem que eu conhecia apenas ligeiramente, e que estivera na assistência, aproximou-se e falou comigo. Era um médico reformado, já idoso.

Para minha surpresa, ele disse: "Gostaria de falar consigo, Helen", por isso caminhámos juntos para um canto do grande salão e sentámo-nos.

Ele começou quase imediatamente: "Sinto que tenho de lhe contar algo."

A história, contada de forma tão simples pelo médico, ocorreu nos últimos meses de 1963. Esse ano tinha sido um ano de seca na Grã-Bretanha e a terra estava a secar. Lembro-me de que, enquanto conduzia o meu pequeno carro pelo país nas minhas datas de palestras, ficava horrorizada com a desolação do nosso belo campo. Nos leitos dos rios havia ou lama preta endurecida ou um fio de água onde antes correra uma corrente forte. Os campos estavam secos, as colheitas pareciam débeis e extensões inteiras de solo fértil tinham cozido no longo tempo seco.

Esta era uma seca realmente má; era óbvio que se seguiria uma colheita pobre e uma escassez de mantimentos no ano seguinte. O país estava preocupado e inquieto. Lembrei-me de tudo muito bem.

Enquanto observava o rosto sossegado e calmo do médico, fui contagiada pelo poder simples da sua história.

Ele contou-me então sobre seis homens e mulheres de fé, de cultura e educação, que se reuniram para discutir a tragédia que ameaçava todo o país. Ele

não mencionou os seus nomes, embora eu tenha pensado reconhecer a descrição de um deles.

Nesta reunião, surgiu uma discussão sobre o que poderia ser feito para evitar o possível desastre na Grã-Bretanha. A decisão foi tomada. Eles depositariam a sua fé no Espírito de Deus. Decidiram um plano de ação. Os seis iriam para um lugar tranquilo na Suíça. Ali viveriam em total reclusão, num chalé alugado, durante seis dias.

Cada dia seria passado em meditação profunda, cada um experienciando a Unicidade do Espírito de Deus no homem. Eles não pediriam ajuda, nem rezariam pelo alívio da fome ameaçadora.

Eles saberiam, e a sua fé e conhecimento (como disse Jesus) moveriam montanhas. Durante aqueles seis dias de silêncio, mal falaram uns com os outros, mesmo nas suas refeições simples.

Estavam a tentar uma grande experiência.

Viveriam no Espírito, sabendo que estavam dentro das Leis de Deus como Seus filhos, e sabiam que o Espírito responderia.

No fim dos seis dias regressaram às suas casas, refeitos e certos de que tudo ficaria bem.

Na véspera de Natal desse ano, começou a nevar. Eu conseguia recordá-lo, pois lembro-me dos primeiros flocos enquanto conduzia para casa com uma amiga, vindas de uma pequena festa de xerez pré-natalícia.

E a neve, o gelo e as temperaturas gélidas continuaram até ao início de abril. Lembro-me porque fechei o meu carro na garagem no dia a seguir ao Natal e a erva em volta das portas da garagem, tornando-se dura com a neve e o gelo, prendeu-o lá dentro até abril.

Subitamente, como muitos se recordarão, a neve parou, o degelo chegou e a terra correu com água. Esse verão de 1964 trouxe uma colheita frutuosa. A erva estava verde novamente, o gado pastava em campos estrelados com flores de primavera. O inverno tinha passado e o perigo de uma terra seca tinha desaparecido.

O médico terminou o seu relato com estas palavras: "O Espírito trabalha, nós sabemo-lo."

Muitos poderiam zombar dessa história. Mas é um episódio sagrado para aqueles poucos crentes desconhecidos. Certamente mostra que há verdade no ensinamento de que a Luz pode iluminar a escuridão e a dúvida das mentes dos homens.

Se a fé, tão pequena como um grão de mostarda, pode mover montanhas, certamente uma fé total e abrangente nessa Luz Desafiadora pode remover as montanhas de medo, os ultrajes do mal, a suspeita e a ganância, e os arsenais de armas mortíferas em que depositamos a nossa confiança hoje. Não poderíamos tentar?

Não em cerimónias e ritos, não em orações suplicantes, mas em silêncio, conhecimento e fé sem artifícios, no fundo das nossas próprias almas. Devemos depositar a nossa fé nessa Luz que é agora desafiada neste período crítico da nossa história.

"Senti que tinha de lhe contar", concluiu o médico, "não sei porquê." Mas agora creio que sei porquê.

Frances Banks

Uma vez que não mencionei o efeito da morte súbita, seja por paragem cardíaca ou como resultado de um acidente, gostaria de incluir as experiências tranquilizadoras daqueles que sofreram tais mortes inesperadas.

Após discutir isto com eles, descobri que os meus pensamentos regressavam à minha própria experiência. Como já expliquei, o despojar do corpo transitório não foi nada comparado com a dor lancinante que ele suportara durante aquelas longas semanas que antecederam a morte. Para mim, elas foram mais difíceis de apagar da minha consciência do que o abandono total do próprio corpo.

Aqueles que aqui estão, cujos últimos momentos de vida terrena consciente foram ameaçados por algum holocausto inevitável que se aproximava, asseguram-me que não têm memória nem de deixar o corpo, nem do que aconteceu imediatamente depois. As suas memórias pareciam estar envoltas no estado abençoado de inconsciência.

A morte súbita não é prolongada em angústia como os humanos acreditam. Sem o perceber, a alma foi preparada e tudo é conhecido. Como fomos instruídos, nem um pardal cai ao chão sem que o Espírito saiba disso. Tal como aconteceu no meu caso, a mente humana da vítima parece ficar anestesiada. O Espírito assume o comando. Quando a alma desperta nesta consciência, está em paz, embora a princípio provavelmente não se dê conta de que deixou o seu lar humano.

Aqui sinto que surgem perguntas na mente do leitor. Onde é o céu? Para onde foram os nossos entes queridos?

A resposta é que o céu está em todo o lado. Não há uma partida propriamente dita. Os nossos amigos que partiram ainda estão em volta daqueles que amaram na terra.

Eles não se foram embora. Pois a morte não é uma partida. É meramente uma mudança de consciência.

A nossa consciência nesta experiência posterior é bastante diferente da consciência humana.

Temos conhecimento de um "viver" mais amplo, uma introdução a uma compreensão maior... e "entre a vida espiritual e a material, está posto um grande abismo".

No entanto, estamos ao vosso redor, conscientes dos nossos amigos, cientes do estado do mundo, e ansiando ajudar-vos e confortar-vos e trazer à terra o Desafio da Luz.

CAPÍTULO XIII

Transporto a Luz Dentro de Mim

Helen Greaves

Estamos em janeiro e os dias têm sido frios e escuros. Durante quase uma semana, não escrevi uma palavra. Talvez, disse a mim mesma, o meu livro esteja quase terminado e não haja mais nada a dizer. Já tinha antecipado a sua conclusão, embora ainda não tivesse tentado o longo prefácio no qual apresentaria Frances Banks aos leitores que ainda não leram *O Testemunho da Luz*.

Esta manhã, ao abrir os olhos e olhar através da minha janela sem cortinas, vi que era uma manhã sombria. — Não vou conseguir escrever hoje — disse a mim mesma, com tristeza. — A luz é demasiado fraca.

Nesse momento, trouxeram-me a bem-vinda chávena de chá matinal. — Os dias estão a ficar mais claros — disse a minha amável amiga e anfitriã, que gere este belo lar onde vivo agora. — Sim — consenti, mas enquanto bebia o chá quente e forte, questionava-me. — Sem sol — pensei —, não serei capaz de ver na minha secretária junto à janela, e não consigo trabalhar sob a lâmpada elétrica de qualquer maneira.

Uma reação verdadeiramente negativa. Senti-me ligeiramente envergonhada e comecei a chamar-me à atenção. — Estás a duvidar — disse a mim mesma. — Tu sabes que este livro é obra do Espírito e que será terminado.

Assim, considerei que a minha fé do tamanho de um grão de mostarda estava a ficar mossa. Quase imediatamente vieram-me à mente as palavras, verdadeiras e potentes: "Antes que clamem, eu responderei".

Terminei o meu chá rapidamente e fui para a secretária procurar papel e caneta. Poderia haver algo para escrever, algum ponto de que me quisesse lembrar. Quase antes de me ter acomodado de novo na cama, as palavras jorraram na minha mente. Ouvi-me a repeti-las. "Transporto a Luz dentro de mim para me ajudar a completar este livro." Palavras maravilhosas! — Devo meditar nelas — disse a mim mesma.

Depois de tomar o pequeno-almoço e de me vestir, sentei-me no meu lugar habitual para fechar a mente contra todas as coisas materiais. "Transporto a Luz dentro de mim." Então a minha mente aquietou-se e pedi ajuda. Ela veio.

Quanto tempo estive sentada naquela paz absoluta, não sei. Mas quando finalmente me encontrei de novo neste plano terreno de pensamento, estava a sussurrar frases como se estivesse a repetir palavras de outra fonte iluminadora.

"Transporto a Luz dentro de mim!" Que Luz? A Luz que Jesus trouxe ao mundo. A Luz do Espírito. A Luz do Cristo. Pois não disse Ele: "Estou convosco todos os dias" e "O Reino do Céu está dentro de vós" e "Coisas maiores do que estas fareis"?

Porventura os meus exemplos não eram literalmente as palavras exatas da Bíblia. Mas eram verdadeiros! Não o tinha eu provado tantas vezes na minha vida?

O Espírito de Cristo — ou o Espírito Crístico — faz parte de cada homem e mulher na terra. O Espírito que assegura à mente duvidosa que "tudo é possível àqueles que creem".

O Espírito de Cristo foi, é e sempre será. Nós, a humanidade inteira, somos obra do Criador Divino — chamamos a esse Criador Deus — contudo Deus é um Espírito, o Espírito, e não um homem, como quereríamos fazer deste Criador divino da Vida.

Este Espírito divino da Criação pode ser visto em toda a Obra do Criador. É a Luz dentro de cada um de nós, a Luz Espiritual que está tão acima de nós como os céus estão acima da terra. Podemos penetrá-La tal como os humanos já penetraram a alta atmosfera e caminharam na Lua.

A Luz está dentro de nós, mesmo quando rejeitámos a possibilidade de esta Luz trabalhar em nós e por nós. Jesus, o Cristo, mostrou-nos o que a Luz podia fazer — a Luz do Espírito. Foram-nos dados cérebros para raciocinar e para compreendermos por nós próprios. Mas o Poder para agir e para realizar provém do Poder do Espírito da Vida dentro de nós. A Luz do Espírito que Cristo ensinou.

E por que estou a escrever isto? Porque ao longo da minha vida e trabalho provei a crença neste Poder. Porque precisava de me lembrar dele, de me tornar humilde e provar a sua realidade novamente. Sim, mas ainda mais do que isso.

Este livro foi escrito na crença absoluta na Luz do Espírito. Poderá, à minha pequena maneira, transmitir aos leitores a realidade da Mensagem de Cristo, que o Mestre que seguimos tentou imprimir num mundo pouco recetivo e pela qual foi crucificado.

O próprio facto da Cruz da Crucificação é interessante. A perpendicular mostra a consciência crescente do homem em direção à consciência Espiritual do seu Criador, que trouxe o seu mundo à criação, enquanto a barra transversal ilustra a consciência não desenvolvida da humanidade e reflete as limitações do mundo material em que ele reside.

O símbolo do Mestre na Cruz é o símbolo da verdadeira Luz desta Consciência a ser mal interpretada e rejeitada em favor do materialismo, onde a riqueza e o poder vêm primeiro. No entanto, a Luz permanece e permanecerá sempre dentro de cada um de nós, quer estejamos conscientes dela ou não.

Cada religião regozija-se nesta Luz. Ao longo das eras, ela tem sido ensinada pelos santos, videntes e profetas, muitos dos quais pereceram pelas suas crenças.

"Transporto a Luz dentro de mim" é reconhecido por artistas, escritores, poetas e músicos, pois é a Luz — a Luz interior revolucionária de Cristo. Ela muda vidas.

Perguntaram uma vez a um grande homem se ele alguma vez tinha visto Deus. — Sim — respondeu ele. — Por vezes, nos rostos dos meus semelhantes!

Que resposta maravilhosa! Pois eram os poucos que transportavam a Luz do Espírito para as suas vidas.

Este capítulo foi escrito na minha secretária, de frente para a janela que reflete um céu baço, e sem auxílios artificiais para a minha visão quase cega.

Se podemos aceitar que somos todos filhos de Deus e que o Espírito de Cristo habita em nós, por que temos então medo de aceitar que aqueles que passaram para o Espírito são capazes de comunicar connosco?

Por que é que a comunicação entre este mundo e o próximo é vista com desconfiança? Por que permitimos que as nossas mentes fossem contaminadas por sugestões de alguns de que tal comunicação é falsa e maligna e deve ser evitada?

Serão os nossos amigos de alguma forma diferentes dos companheiros vivos que eram quando estavam no corpo humano? Não são eles Espírito, como

sempre foram? Não continuam a amar-nos e a querer cuidar de nós como anteriormente?

Concordo que a comunicação tem sido usada por alguns chamados médiuns para fins errados e as suas consultas por dinheiro têm sido pouco menos do que adivinhação. A minha própria visão é que nem pagamentos nem favores deveriam jamais ser feitos.

Um dom é um dom, tanto agora como quando os videntes e profetas de outrora usavam estes dons do Espírito, e deveria ser sempre dado livre e reverentemente.

Só então o estigma ainda ligado à comunicação com os Espíritos se tornaria algo funcional e com uma compreensão profunda do Espírito que em nós habita — a Luz que Jesus trouxe?

Este é um dom para ser usado livremente para provar que as almas no mundo da matéria ou no próximo mundo são de uma só família, a criação de Deus, e que o Espírito de Cristo está em todas elas. A grande compreensão e compreensão do papel da humanidade no esquema Divino da Vida significa, certamente, que espírito comunica com espírito.

Os nossos entes queridos, bem como grandes Mentes Superiores agora no mundo do Espírito, querem ajudar-nos e aconselhar-nos, a fim de evitar que cometamos erros enquanto tentamos teimosamente afirmar as nossas pequenas vontades e desejos.

Tais poderes psíquicos de visão à distância, de audição verdadeira e de cura são aceites na Bíblia por São Paulo como "dons do Espírito". E assim são eles.

Por que razão estaria então Frances Banks a escrever este livro, se não por este motivo? Ela baixou-se, por assim dizer, do seu lugar no Paraíso para escrever este livro, bem como o seu anterior, *O Testemunho da Luz*, para espalhar o que ela sabe ser a verdade eterna.

O seu trabalho na terra terminou subitamente com a sua última e fatal doença. Recordo o seu desespero quando me gritou: "Vou morrer. Se ao menos pudesse ter tido mais sete anos para terminar o meu trabalho! Sete anos teriam sido suficientes".

Só ultimamente percebi que ela aproveitou o dom da audição no qual acreditava para escrever estes dois livros. Sinto-me feliz e honrada por tentar terminar o trabalho dela.

Com certeza Frances, cujo semblante, tal como os seus amigos o viam, refletia o Espírito da Luz, faz parte dessa Luz e Verdade que estão a jorrar através de mim!

CAPÍTULO XIV

Mais Perto do que Mãos ou Pés

No início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, eu vivia como hóspede numa família Quaker no sul de Inglaterra. Nas reuniões Quaker que frequentava frequentemente, conheci e passei a admirar duas pessoas excecionais, um homem idoso e a sua esposa. A Sociedade de Amigos não concorda com a violência de qualquer tipo, incluindo a guerra entre nações. Estes dois líderes eram, como muitos outros, objetores de consciência. Viviam vidas calmas e pacíficas, trabalhando e ajudando os outros.

Um dia receberam papéis a solicitar que comparecessem perante um Tribunal. Sentiram que a inclusão dos seus nomes era ridícula; no entanto, sabiam que possuíam muita influência nos movimentos anti-guerra.

O dia do julgamento chegou finalmente e partiram de comboio para comparecer. Mais tarde, contaram-me as suas experiências. — O nosso compartimento estava vazio — disseram eles. — Estávamos calmos, mas não falávamos. Eu tinha estado a rezar. O meu marido estava sentado com os olhos fechados. Subitamente pensei nos meus pais, pessoas sábias e bondosas que tinham passado a vida a ajudar outros menos afortunados. Por um momento senti que eles estavam connosco, que o rosto da minha mãe sorria para mim. Estendi a mão e toquei no meu marido. "Vai ficar tudo bem", sussurrei.

Ele apertou-me a mão. "Estamos no Espírito", foi a sua resposta firme. "Aquieta-te e sabe." Senti que sabia.

— O Espírito está connosco — concordei —, mais perto do que mãos ou pés. Preciso de acrescentar que o caso deles foi arquivado?

Esta história simples é citada como prelúdio às comunicações seguintes de Frances Banks. Na verdade, a mente dela anunciou o seu tema quando, ao acordar uma manhã, ecoaram pelo meu cérebro as palavras "Capítulo ? Mais perto do que mãos ou pés", e sentei-me e escrevi-o.

O capítulo destinava-se a ilustrar o título do livro, *A Luz Desafiadora*, pois essa Luz que o Cristo trouxe à terra não é ainda, mesmo após dois mil anos, verdadeiramente compreendida ou praticada.

A ideia prevalecente nos séculos passados de que a alma do homem deve continuar na sua nova vida após a morte, "trazendo os seus feixes", tem pouca credibilidade nesta era moderna de astronautas e naves espaciais, computadores e robôs. E com razão.

Contudo, há uma verdade vagamente percebida em tal idílio, conforme sou informada pelos Mensageiros da Verdade que se juntam a Frances Banks na inspiração através da qual este livro foi escrito. Uma alma leva, de facto, consigo os seus sucessos e os seus fracassos. Um tempo de vida na terra, mesmo para o mais pobre e ignorante, é, por assim dizer, "contabilizado" na evolução eterna do espírito humano. Certamente a parábola dos talentos aplica-se ao mundo futuro tanto quanto à nossa existência física.

Sou instruída de que primeiro devemos perceber o significado e a implicação da Mente — a Mente Criativa do Criador, que a humanidade designou como o Espírito Santo.

A Mente é eterna e eternamente criativa; a humanidade é feita à imagem de Deus. Certamente, então, cada um de nós está incluído nesta vasta Fonte Criativa, nem que seja apenas como um átomo microscópico de criatividade criada. As nossas conquistas e os nossos fracassos decidirão o nosso lugar na Casa de Deus com muitas moradas. Não daremos um passo orgulhoso em frente quando virmos — como veremos na próxima consciência — que não trabalhámos em vão, mas que cumprimos as tarefas que nos foram destinadas?

Pois não existe Ordem e Plano para cada alma humana, quer ela siga esta Palavra Criativa ou não? Os feixes são as suas conquistas e serão julgados em conformidade.

Como Frances explicou em *O Testemunho da Luz*, ocorre o julgamento da própria vida. Este é o início de um Caminho futuro, uma conquista maior, à medida que o desafio da Luz Eterna julga o passado e aponta para o crescimento futuro.

Frances Banks

Tal como os filósofos, artistas, inventores e exploradores definem o padrão do seu tempo na terra, assim os Grandes Seres, as Almas Avançadas aqui, conduzem as massas em direção a uma maior compreensão.

No mundo terreno, as barreiras do nascimento, herança, educação e sexo limitam-nos no nosso progresso e, infelizmente, as massas permanecem desinformadas.

Aqui, todos têm igual oportunidade. Uma alma progride à medida que aprende a absorver e a juntar-se à Luz Desafiadora do Espírito Eterno. O caminho está aberto a todos. A própria alma escolhe o seu próprio caminho para a salvação.

Aqueles que, enquanto ainda na terra, acreditaram que fazem parte da Luz Iluminadora do Espírito, avançarão certamente mais rapidamente para as Esferas Superiores, onde encontrarão aqueles Seres que foram os grandes homens e mulheres do seu tempo, e ser-lhes-á permitido aprender mais sobre os mistérios da vida e da evolução.

Nos Salões de Aprendizagem, tais mistérios são explicados a fim de enriquecer a vida da alma. Ao longo da eternidade, o homem tem regressado por sua própria vontade a fim de descobrir esse Centro dentro de si mesmo.

É este centro mais íntimo que é a evolução de Deus, o Espírito Criativo, no Seu criado.

À medida que as almas progridem para uma compreensão do grande desafio do Espírito Eterno, surge nelas o anseio de tentar novamente, de levar de volta o que alcançaram para uma vida material, para o renascimento e a reexperiência em planos inferiores.

"O céu rodeia-nos na nossa infância", escreveu Wordsworth. Infelizmente, este plano inferior de pensamento tenta destruir a Verdade. Em vez disso, são-nos ensinadas meias-verdades perigosas que aceitamos e, assim, moldamos o nosso futuro sobre os degraus escorregadios das riquezas e do poder.

Jesus trouxe-nos a mensagem da Verdade. No entanto, a Sua mensagem era demasiado simples para a humanidade. Foram precisos dois mil anos de meias-verdades para nos arrastar para uma sociedade dominada pelo medo, onde o mal e a luxúria são dominantes. Não admira que a própria terra trema com a sua carga oculta de armas nucleares e que os mares se revoltem em torno dos navios submersos com os seus torpedos de morte.

A lição mais urgente que a humanidade deve aprender e praticar é a sobrevivência da própria raça, e que o homem não pode matar o seu vizinho. Ele apenas pode destruir o corpo, que acabará por regressar à terra novamente.

O Espírito do homem vive — no lugar que lhe está reservado, quer se chame Céu ou qualquer outro nome. Ali, entre a sanidade e a beleza, aprenderá a reconhecer as suas faltas, os seus fracassos e a real compreensão da verdade.

Pois o Espírito do homem é indestrutível.

Existem, claro, muitas moradas e outros mundos, embora pareça que a maioria das almas que regressam voltam para a terra para as suas vidas futuras, a fim de trabalharem o seu Karma.

O Espírito do Criador trabalha em nós e através de nós, e ao longo de toda a nossa vida de pensamento. Foi bem dito que "o que pensamos, somos".

Assim, se pensarmos com o Espírito e através do Espírito, que é a Lei de Deus, fortalecemos os nossos laços com o Espírito e descobriremos que o Espírito trabalha para nós!

Se o pensamento estiver concentrado na paz e no amor, essas qualidades serão vossas. Inversamente, pensamentos de medo, ódio, ciúme e assim por diante são negativos e provocam o próprio desastre que se temia.

Helen Greaves

Deixem-me ilustrar isto com uma experiência pessoal. Quando vivíamos no Canadá, tínhamos dois queridos amigos. O marido era um homem alto, bem constituído, de temperamento fácil, bondoso e despreocupado. A sua esposa, uma boa mulher e mãe, vivia obcecada pela preocupação e pelo medo do que pudesse acontecer. Preocupava-se todo o tempo em que estava sentada ao lado dele no carro, criticando a sua condução, embora ela própria não soubesse conduzir. — Tu vais matar-nos aos dois um dia destes! — Era o seu constante grito de medo.

O marido ria-se dela. Entretanto, ela tornava-se cada vez mais obcecada com o pensamento de acidentes, assaltos e doenças. Ninguém conseguia dissipar estes pensamentos negros.

Então, um dia, aconteceu. Houve um acidente terrível no qual ambos morreram. E ele nem sequer ia a conduzir! O carro deles tinha tido problemas no motor e eles tinham aceitado boleia de um amigo. Numa curva perigosa, o carro precipitou-se num abismo sobre as rochas lá em baixo.

O Espírito trabalha através dos processos de pensamento. Jesus pregou: "apenas crê e sabe". A fé é o pensamento iluminado pelo Espírito. E a fé move montanhas.

CAPÍTULO XV

O Espírito está a Agitar-se

Os eventos mais simples são frequentemente os mais dramáticos. Assim, este capítulo sobre "A Vida depois da Morte" procura explicar o significado da continuidade da vida que permaneceu um mistério durante tantos séculos.

Podemos perguntar a nós próprios por que Frances Banks, uma cristã empenhada e membro de uma Ordem Anglicana durante grande parte da sua vida, escolheu remover este manto de mistério neste momento da história.

Nós, que vivemos no final dos anos mil e novecentos, não deveríamos ter dúvidas sobre o estado precário do nosso mundo. Muitos vivem com medo de uma guerra nuclear. Movimentos de paz estão a formar-se em muitas nações.

Armas, armamentos e mísseis de cruzeiro acumulam-se diariamente em níveis assustadores. Dinheiro está a ser vertido para a chamada defesa por todas as nações.

Vivemos sob a ameaça de destruição global. Mas o Espírito está a agitar-se dentro de nós. As pessoas começam a fazer perguntas. Quem somos nós? O que nos foi ensinado? O que é a morte? Podem as pessoas "voltar" dos mortos?

Regressemos às palavras de esperança de Frances, ditas anteriormente neste livro. Ela fez a afirmação extraordinária — e uma vez que na sua nova consciência ela consegue ver mais longe do que nós, não duvido das suas palavras — de que uma revolução Espiritual mudará e elevará as nossas vidas até ao fim deste século.

"Pois não podemos", disse ela, "passar para o próximo século tal como somos hoje!" Para mim, isso traz uma esperança profundamente necessária. Não haverá guerra nuclear! Caso contrário, não haveria um início simples de um novo século. Tal revolução nas nossas crenças e vidas espirituais mudaria o mundo. O medo da morte seria removido. Talvez este seja o verdadeiro propósito deste livro. Acredito que assim seja.

Quando falei recentemente com um clérigo sobre uma possível revolução espiritual, ele disse, ansiosamente: — Tem razão, Helen. Ela já começou!

Não foi muito depois desta garantia que uma amiga me trouxe um recorte do *Daily Telegraph* de 5 de abril de 1983. Tinha como título "Universidade inicia curso de Mestrado em Vida após a Morte".

Mal pude acreditar nos meus olhos! Um assunto que durante tanto tempo fora tabu — cheguei a ser acusada de praticar magia negra — estava a ser examinado! Li avidamente. A Universidade de Gales está a oferecer o que se pensa ser o primeiro curso de pós-graduação da Grã-Bretanha para o estudo da vida após a morte.

O curso de Mestrado de um ano intitula-se "Morte e Imortalidade no Pensamento Ocidental". Será introduzido no St. David’s University College, Lampeter, Dyfed, em outubro.

O relatório prosseguia descrevendo o tipo de estudos, incluindo relatos de pessoas que estiveram próximas da morte ou que reivindicam experiência ou conhecimento de reencarnação. Fiquei imediatamente entusiasmada com a perspetiva, pois a ideia do curso irá certamente espalhar-se rapidamente para outras Universidades.

A possibilidade de a reencarnação ser um facto será discutida com palestras a favor e contra, e os estudantes são encorajados a formar as suas próprias opiniões e a escrever teses sobre o assunto. Uma cortina de fumo que durou séculos está a ser dispersada pela coragem de um clérigo galês, o Dr. Paul

Badham, Professor Catedrático de Teologia na faculdade. Ele foi citado dizendo: "Eu, por exemplo, acredito que há argumentos muito bons para acreditar numa vida futura, enquanto o caso oposto será apresentado por membros do departamento de Filosofia, deixando que os alunos decidam por si mesmos."

De pequenas sementes nascem grandes carvalhos. Que este novo empreendimento seja uma semente de bolota para o crescimento futuro de uma grande árvore do conhecimento, para guiar a humanidade através dos anos finais deste século tempestuoso.

Passo agora a uma segunda perceção da simplicidade da Verdade. Aconteceu numa manhã de início de março. Eu tinha-me sentado, como era minha prática, para uma curta meditação preparatória antes de começar a escrever. Ao fazê-lo, tomei consciência na minha mente de uma mulher que tentava contactar-me. Na verdade, quase conseguia vê-la, com o seu cabelo loiro e feições finas. Soube imediatamente que ela tinha uma mensagem.

Mas não era para mim, era para a sua amiga. E a sua amiga, percebi, era a minha amiga, que tanto se interessara pela escrita deste livro e que fora uma rocha firme para todas as minhas emanações de fraqueza durante a sua composição.

Instalei-me para escutar. Não tendo ideia da identidade dela, era tudo o que podia fazer. Quando aprendi o suficiente, decidi que, se esta fosse uma mensagem verdadeira, a pessoa viria ver-me. E assim foi!

Comecei por descrever a minha informadora. A minha amiga escutou, mas não fez qualquer comentário até eu dizer: "Esta mulher era a única amiga que te tratava por uma alcunha especial."

— Agora já sei quem é. E ela ainda vive na Austrália. — Ainda? — perguntei. — Sim.

Fiquei atónita, pois tinha decidido que esta era uma mensagem de uma companheira que já tinha passado para o próximo mundo. Mas a minha ouvinte compreendeu a mensagem e corroborou os factos que eu lhe tinha dado.

— Mas ela está viva? — protestei. — Isto é telepatia neste mundo, e não com o próximo.

Que coisa estranha! Fiquei intrigada porque nunca antes me tinha acontecido uma telepatia tão clara. Mais tarde, soube que esta comunicadora tinha perdido o marido recentemente, e a minha amiga tinha-lhe enviado os meus dois livros, *O Testemunho da Luz* e *Roda da Eternidade*. "Deverei ter notícias em breve se eles já chegaram", disse-me ela.

Quando, alguns dias depois, a carta chegou à caixa do correio, parte dela foi lida para mim em voz alta: "Por favor, dê o meu amor à Helen Greaves e agradeça-lhe por escrever estes dois livros maravilhosos!"

E a data no cabeçalho era próxima da data da comunicação telepática. Esta evidência de telepatia foi bastante desconcertante. Assim agora, disse para comigo, eu estava a ouvir às escondidas e a invadir a privacidade de outras pessoas. Não fiquei feliz.

Alguns dias depois disto, acordei com as palavras de um novo capítulo a ecoarem na minha cabeça. Mas, como eu tinha decidido que o livro estava terminado, não estava inclinada a escrever mais. Não tinha eu já completado tudo o que precisava de ser dito sobre a Vida após a Morte?

Mas a minha inspiradora, a quem em vida nunca faltou força de carácter, continuou a lutar comigo, até que finalmente eu soube. Este capítulo tinha de ser escrito e completaria todas as explicações da escrita anterior. E era tão simples.

Senti, de repente, que tinha acabado de saltar a minha última vedação! O temido obstáculo "Beecher's Brook" ficara para trás e agora era uma corrida direta até à meta. Pois a explicação que Frances, no seu conhecimento mais amplo, tinha comunicado, tinha a simplicidade da Verdade.

"Não vês que, para além de todo o mistério e segredo, a resposta é simples? A comunicação entre mentes na sua experiência terrena e aquelas entre o nosso mundo e o vosso existem na consciência mais vasta da mente.

A mente humana, embora sufocada pelo betão do materialismo, experimenta por vezes lampejos de intuição, ao longo daqueles minúsculos canais de inspiração que provam que a comunicação entre pessoas, bem como entre os mundos invisíveis, é sempre possível. Por que razão, portanto, tantos encaram a consciência superior da mente com suspeita e dúvida? A telepatia," assegurou-me Frances, "é um desenvolvimento da mente. É uma qualidade de 'escuta' para além dos limites convencionalmente aceites.

Quando a humanidade aprender a aceitar o Espírito do Criador como parte de si mesma, a sua consciência mental expandir-se-á para além das limitações terrenas. Assim, a Luz que Jesus enfatizou como estando n'Ele, bem como nos Seus ouvintes, irá, na plenitude dos tempos, elevar a humanidade à perceção do seu verdadeiro lugar no Cosmos e remover as dúvidas e medos que restringem o nosso progresso espiritual.

Este é o desafio da Luz Desafiadora do Espírito — a consciência que estava no Cristo quando Ele disse: 'O Reino do Céu está dentro de vós.'

Os anos restantes deste século decidirão se estamos na Estrada para a Vida Verdadeira ou na Estrada para o Nada."

CAPÍTULO XVI

Uma Meditação sobre o Espírito

I. Esta meditação divide-se em três partes

Estamos a rever as nossas vidas e a olhar para o futuro, para a Obra do Espírito que nos trouxe tantas alegrias e tristezas. Fique confortável, relaxe, descruze as pernas, com os pés firmemente no chão. Respire fundo três vezes, lentamente. Inspire — Sustenha — Expire ritmicamente.

II. Imagem

Comece a meditação construindo uma imagem. Está de pé, logo após uma mancha de Luz gloriosa, de frente para uma longa ponte com três pilares sobre um rio. A subida para a ponte, de um degrau, está quase na escuridão — no entanto, a partir dela, um vislumbre de luz torna-se mais forte; é bastante luminoso no fim da ponte, embora ainda não consiga discernir o que jaz para além dela.

III. Meditação. O Caminho e a Luz

Comece a meditação vendo-se a subir para a ponte. Chegou agora ao início da sua vida, pois o subir para a ponte significa o seu nascimento.

O primeiro troço até ao primeiro pilar representa os anos iniciais da sua vida terrena. Comece a meditar sobre isso — a sua infância, juventude, maturidade. Dê graças pelos tempos felizes, pelo amor dos pais, pela vida familiar, por todas as experiências agradáveis da vida. Perceba que um Espírito de bem, de conhecimento, de compreensão e de consciência está a crescer dentro de si. Diga para si mesmo: "Transporto a Luz do Espírito de Cristo dentro de mim, que me guiou e tantas vezes me deu momentos de beleza e paz."

Agora recorde os tempos difíceis, os erros, as quedas em desgraça. Tente perceber as razões para eles, mas não culpe ninguém senão a si próprio. Tente ver como o Espírito do bem o salvou de provações ainda piores.

Dê graças a Deus. Repita novamente para si próprio: "Transporto o Espírito de Luz dentro de mim. Ele guia-me." Agora fique quieto e saiba isto enquanto dá graças.

IV. O Segundo Pilar

Este representa o período da sua vida dos trinta aos sessenta anos. Muita coisa aconteceu durante esses anos, trazendo frequentemente dor e tristeza. Não se detenha nelas, mas tente ver como o Espírito de Deus o conduziu, protegeu e sustentou. Pense nos amigos que ajudaram, nos entes queridos que estiveram consigo. Dê graças pela mente e pelo espírito que trouxeram realização e plenitude. Medite sobre isto e veja como o Espírito o guiou. "Transporto o Espírito de Luz dentro de mim para me ajudar em todos os meus caminhos." Saiba que está ao cuidado do Espírito de Deus, que está vivo dentro de si. "Transporto a Luz do Espírito dentro de mim."

Se ainda não atingiu os sessenta anos, pode parar aqui a sua revisão, dando graças pelo futuro e sabendo que será guiado pelo Espírito. "O Espírito do Criador está dentro de mim, sou curado, abençoado e guiado. Tudo está bem."

V. O Terceiro Pilar

Este espaço seguinte na ponte representa os anos da velhice, dos sessenta aos noventa. Se temeu ou receou este período, não se detenha nesses aspetos. A morte chega a todos nós: não há nada a temer. Pense neste fim de vida com confiança e saiba que será recebido pelos seus entes queridos e encontrará uma compreensão maior. "Deus é. O Esplendor Aprisionado do Seu Espírito está dentro de mim. Transporto a Luz do Espírito dentro de mim para cuidar de mim, para me guiar e sustentar. Trabalho com o Espírito para cumprir aquilo que vim fazer à terra. Dou graças pelas alegrias, pelos sucessos e pela presença do Espírito na minha vida, e pela paz que agora sinto. O Espírito está sempre presente. Graças a Deus."

Abra os seus braços e o seu coração e envie este Espírito de Paz para o mundo, para os seus amigos e para aqueles que sofrem e vivem nas trevas. "Que o Espírito de Cristo viva nos nossos corações e mentes."

Relaxe — Regresse à consciência diária.

Final

Este livro foi iniciado com o pensamento fortemente presente na minha mente e também, é claro, na mente superior de Frances Banks. O pensamento foi expresso anteriormente neste volume: "Quando uma ideia atinge a maturação, nada a pode parar." Hoje, ao repetir estas palavras após longas horas de trabalho, confirma-se a verdade desta afirmação.

Aqui, diante de mim, jazem as páginas, rabiscadas com escrita de caneta de tinta preta, e concluídas, sem que eu tenha sido capaz de ler um único capítulo, nem sequer uma página.

Nada tinha parado a ideia, nem a idade avançada, nem a minha falta de visão, nem a perceção de que os seus horizontes mais vastos de conhecimento podem revelar-se controversos para muitos leitores, especialmente para aqueles que aceitaram a esperança da "bem-aventurança eterna" na vida futura. Nada a pode parar. E porquê?

Porque cada vez mais pessoas se estão a afastar de crenças velhas e gastas e estão agora prontas para acolher a verdade, mesmo que seja menos aceitável. Muitos ainda se lembram dos terrores e sacrifícios de duas Guerras Mundiais, cujas memórias nunca serão esquecidas.

Como já escrevi, a ideia nasceu na mente de Frances Banks quando um antigo prisioneiro da Prisão de Maidstone regressou dos mortos e lhe assegurou que as suas últimas palavras para ele estavam fora de dúvida: "Cinco minutos depois de morreres, serás exatamente o mesmo!"

"Exatamente o mesmo" não pode, obviamente, significar o mesmo corporalmente, mas a mente e os pensamentos permanecem inalterados. Que a faísca que, durante os últimos meses, ardeu intensamente em ambas, encoraje um conhecimento mais amplo, maior paz e compreensão nos habitantes da terra.

Quando a humanidade aceitar e reverenciar o grande Espírito do Criador, então todas as raças habitarão juntas em paz como irmãos. Que esta sabedoria seja compreendida antes que ao homem seja permitido destruir-se a si próprio e ao seu mundo.

Deus vos abençoe a todos!

Epílogo

E assim, a última palavra.

O prólogo introduziu a Ideia da realidade do Espírito do Criador do homem, tanto na sua experiência humana como na consciência espiritual após a destruição do corpo. Frances Banks (Irmã Frances Mary durante muitos anos de vida terrena) descreveu a sua vida após a morte com uma vivacidade simples e uma compreensão crescente das experiências de outras almas com as quais esteve em contacto.

O meu papel foi o de canal através do qual este conhecimento pôde ser fisicamente transcrito para o papel. A minha caneta tornou-se o pincel do artista e, por isso, dou muitas graças.

Há algumas semanas, assisti a um programa fascinante na televisão. Um artista estava a pintar um quadro de um elefante. Primeiro via-se o esboço, as grandes orelhas, as pernas maciças, mas depois, à medida que ele acrescentava um traço aqui, uma sombra ali, o quadro ganhava vida. Ele disse-nos, embora

fosse óbvio, que amava e admirava os elefantes, vendo-os como as mais maravilhosas das criaturas, com uma força e paciência tremendas. E, enquanto pintava, falava, como se estivesse a persuadir o animal a ganhar vida. Uma experiência muito invulgar e comovente.

Pois o artista era aquele pincel com as suas cores a óleo. Através dele vertia o seu amor e admiração pelo seu tema. O programa fez-me compreender a realidade de que eu também não passava da caneta e da mão que a movia. Através da minha caneta vertia a inspiração da Mente das Mentes.

Pois dentro e para além dela, através da caneta e do pincel, jazem as Ideias de onde flui a inspiração. Humildemente, peço aos meus leitores que saibam que eu não sou mais do que essa caneta, transcrevendo a inspiração do Espírito Eterno.